

The book cover features a complex collage. The background is a light tan color with a repeating pattern of brown, hand-drawn spirals. Overlaid on this is a vertical strip of colorful, abstract shapes, including triangles and rectangles in shades of blue, green, purple, and brown. At the bottom, there are several brown, triangular shapes resembling pyramids, some with small white eyes or symbols on their faces. The overall style is artistic and textured.

TÓPICOS
ESPÍRITAS
DE HOJE
CHARADAS
DE SEMPRE

Jorge Hessen

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

TÓPICOS ESPÍRITAS DE HOJE CHARADAS DE SEMPRE

APONTAMENTOS PALPITANTES
SOB A PERSPECTIVA ESPÍRITA

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 03 de outubro de 2010

CAPA: Irmãos W.

REVISÃO: Irmãos W.

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

“E o que tens a juntado para quem será?”

(Lucas, 12:20)

*

Fontes da consulta

A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas

<http://jorgehessen.net/>

E.mail de contacto do autor

jorgehessen@gmail.com

Índice

Apresentação do autor

À guisa de prefácio / **09**

Jesus é o cardápio de virtudes para todos os espíritas / **11**

O amor é a força mais abstrata e mais poderosa que o mundo possui (Gandhi) / **14**

A desencarnação é a certeza futura que temos / **17**

Como se encontra o atual cenário espírita na pátria do evangelho? / **22**

Déjà Vu é um fenômeno instigante / **27**

Semitas de duas regiões com várias histórias / **32**

Subjugação ininterrupta sob o guante de uma reencarnação?... / **35**

Chagas e conflitos sociais são reflexos de sociedades sem evangelho / **41**

Armas de fogo e evangelho não combinam entre si / **45**

Atire a primeira pedra / **50**

Legítima visão cristã da homossexualidade / **54**

Homossexualismo / **62**

Idolatria, uma cegueira dos sentimentos / **66**

Diante do mal, o bem é a meta / **70**

Magia negra, possessão e loucura - Comentários de um kardecista / **75**

Liberdade e escravidão no contexto da Doutrina dos Espíritos / **82**

A prece e o trabalho são os melhores recursos para quem quer parar de fumar / **87**

Banco da reencarnação, mais um instrumento de exploração da fé / **93**

Na prática do evangelho, o sistema prisional tem solução / **97**

Obesidade diante da obsessão, do vampirismo e da auto-obsessão / **102**

A caminho do bisturi como o boi para o matadouro? / **107**

Considerações espíritas sobre a epidêmica prática psico-social

do bullying / **115**

“Nosso lar” - uma monumental obra da arte cinematográfica / **120**

Desarmamento, um referendo que confirmou a insensatez humana / **123**

Fantoches da ilusão, bom senso ou somos “donos da verdade”? / **127**

Novas gerações – velhas gerações que se renovam / **132**

Falemos de carnaval / **136**

Dia Nacional do Espiritismo (!) Pra quê? / **141**

O elitismo ante o personalismo de classe "espírita" / **146**

Desonestidade e Espiritismo não se coadunam / **151**

Como devemos utilizar uma tribuna espírita? / **154**

Algumas proposições espíritas para neutralizar a violência urbana / **158**

O espírita ante à síndrome do medo / **162**

Ante a violência doméstica é urgente a oração no lar / **167**

Cogitação sobre tratamento de moléstias mentais e as proposições espíritas / **175**

Delinquência infanto-juvenil, uma breve ponderação espírita / **178**

Limitação física na perspectiva da integração do passado, presente e futuro como elos da espiral da auto-superação / **182**

Feirões do aborto, verdadeira tragédia moral / **189**

Mansuetude não é alienação / **193**

Não há representantes oficiais do Espiritismo em setor algum da política humana / **196**

Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consociou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médiun" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

À guisa de prefácio

Tendo como alento o ensinamento de Jesus “e o que tens ajuntado para quem será?” (1) O mentor Espiritual de Chico Xavier registra que em todos os agrupamentos humanos, palpita a preocupação de ganhar. O espírito de lucro alcança os setores mais singelos. Meninos, mal saídos da primeira infância, mostram-se interessados em amontoar egoisticamente alguma coisa.

A atualidade conta com mães numerosas que abandonam seu lar a desconhecidos, durante muitas horas do dia, a fim de experimentarem a mina lucrativa. Nesse sentido, a maioria das criaturas converte a marcha evolutiva em corrida inquietante.

Por trás do sepulcro, ponto de chegada de todos os que saíram do berço, a verdade aguarda o homem e interroga:

— Que trouxeste?

O infeliz responderá que reuniu vantagens materiais, que se esforçou por assegurar a posição tranquila de si mesmo e dos seus.

Examinada, porém, a bagagem, verifica-se, quase sempre, que as vitórias são derrotas fragorosas. Não constituem valores da alma, nem trazem o selo dos bens eternos.

Atingida semelhante equação, o viajor olha para trás e sente frio. Prende-se, de maneira inexplicável, aos resultados de tudo o que amontoou na Crosta da Terra. A consciência inquieta enche-se de nuvens e a voz do Evangelho soa-lhe aos ouvidos: Pobre de ti, porque teus lucros foram perdas desastrosas! “E o que tens ajuntado para quem será?” (2)

São Paulo, 03 de outubro de 2010
Irmãos W. Jorge Hessen

Referências:

(1) (Lc 12:20.)

(2) XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida. Pelo Espírito Emmanuel. 28.ed. Brasília: FEB, 2009. Capítulo 56



Jesus é o cardápio de virtudes para todos os espíritas

Propaga-se colericamente nos meios de comunicação, mormente na Internet, e temos recebido diariamente mensagens enfurecidas de condenações contra Chico Xavier, Divaldo Franco, Emmanuel, André Luiz, Joanna de Angelis, FEB. Evoca-se com “tosse comprida” o imperativo do CUEE – Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos. Tais iracundos juízes (maníacos antirrustenistas, antifebianos) impugnam a legitimidade dos temas abordados por Emmanuel, André Luiz, Joana de Angelis e outros tendo em vista as suas mensagens serem advindas de um único médium. Pasmem! Os “cautelosos espíritas” vociferam citações do tipo, “não acolhemos nada fora da Codificação”. Hasteiam a flâmula de “Phd’s” do espiritismo (com minúsculas mesmo!), ou seja: certamente “kardequeologistas” com pós-graduação nas universidades das regiões subcrostais ou submundo do além.

Ora, que alcance teriam os ditados de André Luiz, Joanna de Angelis ou Emmanuel, com suas revelações, se elas fossem contraditadas, tanto pelos Benfeitores, quanto pela liderança espírita mundial? O bom senso nos convida a raciocinar o seguinte: se um Espírito assegura um conceito de um lado, enquanto milhões de pessoas dizem o contrário algures, a presunção da verdade não pode estar com aquele (encarnado ou desencarnado), cuja opinião é única, contrariando as demais. Isso é elementar, meu caro Watson! Como diria Sherlock Holmes(1).

Todas as pretensões isoladas cairão pela força das coisas, ante o grande e poderoso criterium de controle universal. Ora, pretender ser o único a ter razão, contra todos, seria tão ilógico

advindo de um Espírito, quanto da parte de um encarnado, o que não é o caso em discussão, ou seja, não sucede rejeição na Terra das obras do Chico Xavier ou do Divaldo. Em verdade as mensagens de André Luiz, Emmanuel, Joanna não caíram e nunca desmoronarão ante o movimento espírita mundial. No auge do desvario, recriam o Controle Universal dos Espíritos e, para tais diplomados, essa é a única forma de se aceitar, com boa margem de segurança, os ensinamentos provenientes, sobretudo, das obras de Chico Xavier. (!?) Por que essa prevenção contra o "Maior Brasileiro da História"?

Recheiam suas fanfarrices dizendo que apesar de o Espiritismo ter sido introduzido no país por membros da "aristocracia dominante", no século XIX, houve, desde o início, forte junção da Doutrina com as religiões, principalmente, a umbanda e o catolicismo. Para os pós-graduados das cerrações, tanto os livros psicografados pelo Chico Xavier, quanto os do Divaldo Franco oferecem mensagens que nada adicionam e, até, contradizem o Espiritismo. Empapados de fértil imaginação e reduzidos de raciocínio, dizem que todo o processo mediúnic do extraordinário médium mineiro foi plasmado por um "misticismo" católico, que, imediatamente, os diretores da Federação Espírita Brasileira (FEB) aproveitaram. Com tal misticismo, vislumbraram um meio de divulgar um Espiritismo que fosse aceito pela sociedade brasileira que, então, era católica em sua esmagadora maioria.

O que está escamoteado, sob essa necrotizante alteração, é, nada mais, nada menos, o aspecto, digamos, "religioso" do Espiritismo coordenado pela FEB e tonificado pelo "Mineiro do Século" na sua prática mediúnica. Tais vítimas da obsessão carecem decididamente entender que a concepção do Espiritismo como um convite à prática do Evangelho é, no mínimo, abarcar o Espiritismo na sua mais evidente missão. A frequência com que tal discussão tem acontecido, no âmbito do movimento espírita, é azucrinante e cansativa, estéril e

alienante. Para os tantãs, a postura religiosa , Xavieriana, tem um estilo cerceador sobre o desenvolvimento do Espiritismo, enquanto filosofia.(!?) Meus Deus! Quanto pitiatismo! Tais “progressistas” regurgitam que é urgente fugir do “Jesus Católico”, do religiosismo, do igrejismo enraizados nos centros espíritas. É preciso transformá-los em academias de kardequilogistas diplomados. Oh! Irrisão!

É necessário que o visgo da insensatez desgrude da mente desses progressistas de coisa nenhuma e recordá-los que o Espiritismo sem Jesus pode alcançar as mais extravagantes expressões acadêmicas, porém não passará de atividade fadada a decompor-se, desintegrar-se, como todas as usurpações filosóficas da Terra. Engulam ou não, Jesus Cristo é o magnífico cardápio de virtudes para todos os espíritas. Nada se compara ao excelso amor que o Cristo dispensa à Humanidade. Não temos parâmetros para ajuizarmos a Sua ingente autoridade para a Terceira Revelação, até porque a Sua transcendente culminância se perde na tenebrosa neblina indevassável dos bilhões de anos de Seu labor.

Nota:

(1) Personagem de ficção da literatura britânica criado pelo médico e escritor Sir Arthur Conan Doyle



O amor é a força mais abstrata e mais poderosa que o mundo possui (Gandhi)

O Evangelista João anotou na sua magna escritura que Deus é amor. O vidente de Patmos expôs que o Divino mestre indicou um novo mandamento: "Que nos amássemos uns aos outros como Ele nos amou, pois somente assim nos reconheceríamos como discípulos do Cristo.". (1) Nas instruções dos Benfeitores, aprendemos que o amor e a sabedoria são duas asas que nos conduzem ao pináculo da evolução. Essas alegorias são identificadas como desenvolvimento moral e avanço intelectual; ambas são imperativas ao avanço espiritual, sendo lícito, porém, ponderar a ascendência do amor sobre a ciência, uma vez que o componente intelectual sem amor pode proporcionar abundantes perspectivas de queda, na reprodução das provas, enquanto que o progresso moral nunca será demasiado, fortalecendo a essência mais admirável das potências espirituais.

A presente geração, amputada de maiores anseios espirituais, intrinsecamente hedonista, sensual, consumista, conferindo a si mesma as mais elevadas aquisições de caráter prático na província da razão, produziu os mais extensos desequilíbrios nos cursos evolutivos do planeta, com o seu imperdoável alheamento do amor.

Diz-se que "o amor é a força mais abstrata e, também, a mais poderosa que o mundo possui", consoante afirmou Mahatma Gandhi, e nessa confiança, o iluminado da Índia conseguiu sozinho neutralizar o ódio de milhões de compatriotas jugulados sob o tacão do império britânico. "A natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser

amado".(2) Alguns estudiosos pragmáticos afirmam que o "amor" é a decorrência de ajustada reação química conduzida pelo cérebro. Nos argumentos inconsistentes, os "especialistas" propõem uma análise dos sentimentos apenas como resultante de um aglomerado de forças nervosas, movimentando células físicas geridas pela combinação de substâncias neurotransmissoras. Obviamente o amor não se traduz nisso.

Até porque o amor não se deixa decifrar, repelindo toda tentativa de definição. Por isso, a poesia, campo mítico por excelência, encontra, na metáfora, a tradução melhor da paixão, como se esta fosse o amor. Nesse imbróglio, o psiquiatra William Menninger, dos EUA, vociferou: "o amor é um sentimento que a gente sente quando sente que vai sentir um sentimento que jamais sentiu".(!) (3)

Esse vazio conceptual deve-se à dificuldade de manifestação do amor na forma de solidariedade e fraternidade no mundo contemporâneo. A ampliação dos centros urbanos cunhou a "Era da alienação", a síndrome da multidão solitária, das adesões afetivas frágeis. As pessoas estão lado a lado, mas suas relações são de contiguidade e brutal desconfiança. O verdadeiro amor é o convite para banir o egoísmo. Se a pessoa for muito centrada em si, não será capaz de ouvir o apelo do próximo. É a sublimidade dos bons sentimentos dirigidos ao outro, porém, sem que haja limites ou condições para que expressemos tais sentimentos de vínculo fraterno; é o abraço, o olhar sereno, o aperto de mão, as palavras de ânimo e respeito, os ouvidos atentos para ouvir serenamente; tudo isso em função do semelhante, contudo, sem que venhamos impor ao próximo que nos recompense; e, mais ainda, que todo esse sentimento possa alcançar as pessoas, não apenas nossos consanguíneos, mas também amigos próximos e companheiros de jornada humana.

Em síntese, tudo o que possamos idealizar sobre o amor pode se consubstanciar como parcela deste sentimento, mas

ele é muito maior e mais abrangente, até porque o bem-querer, a bondade, a tolerância, a alegria, a proximidade só poderão ser um fragmento do amor quando não tiverem laços no apego, na imperiosa necessidade de permuta, no egoísmo que exigem sempre condições e regras.

Em suma, o amor só será verdadeiro e incondicional quando for dilatado por todos nós, a todas as coisas e a todos os seres que nos cercam, nessa estupenda experiência humana que é a própria vida.

Referências bibliográficas:

- (1) (João:13 vs 34-35)
- (2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000, questão 938-a
- (3) Menninger, William. ABC da psiquiatria, São Paulo: Editora IBRASA, 1973



A desencarnação é a certeza futura que temos

Quando pessoa querida desencarna é crucial resignar-nos, observando no fenômeno da "morte" a manifestação da Lei de Deus que governa a vida. A desencarnação é a única certeza futura que temos. Todos passaremos por essa provisória despedida. Não há como tapearmos o pensamento a respeito desse impositivo da natureza. Em face disso, permitamos que o pensamento sobre a "morte" componha de forma ininterrupta e serena nossos estados mentais, reflexão sem a qual estaremos desaparelhados, ou para o regresso inevitável ou despreparados para arrostarmos com quietação a "morte" dos nossos entes queridos.

Compreendemos que "nenhum sofrimento, na Terra, será talvez comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio. Ver a névoa da morte estampar-se, inexorável, na fisionomia dos que mais amamos, e cerrar-lhes os olhos no adeus indescritível, é como despedaçar a própria alma e prosseguir vivendo." (1)

Em verdade, depois do desenlace, sobrevém ao "falecido" um período de inquietação transitória, variando obviamente de espírito a espírito, consoante seu talhe moral, mormente no que tange ao desprendimento das coisas materiais. Em verdade, nem todo Espírito se desune imediatamente da carcaça biológica. Entretanto, em qualquer circunstância, jamais escasseará o socorro espiritual, sobretudo aos que fazem jus, proporcionado pelos bons espíritos. É como elucidou Jesus: "Em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a "morte"." (2)

Quando a desencarnação de ente amado nos bata à porta, dominemos o desespero e dissolvamos a corrente da aflição no manancial da prece, porquanto os desencarnados são tão somente ausentes e os pingos de nossas lágrimas lhes açoitam a consciência como chuva de fel. "Eles pensam e lutam, sentem e choram, inquietam-se pelos que ficam. Ouvem-nos os gritos e as súplicas, na onda mental que rompe a barreira da grande sombra e tremem cada vez que os laços afetivos da retaguarda se rendem à inconformação." (3)

O luto (4) pode variar muito dependendo das pessoas, do tipo de "morte" e da cultura, mas que o caminho mais comum é entender que a pessoa partiu e redefinir a vida com a ausência do ente querido. Uma das teorias mais consagradas para elucidar a reação humana durante o luto é a dos "cinco estágios", desenvolvida pela psiquiatra suíça e reencarnacionista Elizabeth Kubler-Ross, em 1969. Segundo Kubler-Ross, até superar uma perda, as pessoas enlutadas passam por fases sucessivas de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Cerca de 50% das pessoas lidam muito bem com a "perda" e volta à vida normal em semanas. Apenas 15 % de enlutados desenvolvem graves dificuldades que afetam a convivência social, possivelmente porque o "aceitar perdas", especialmente aquelas referentes aos sentimentos, é enormemente complexo e trabalhoso para tais pessoas.

Se o luto não é essencialmente tão insuportável quanto se concebia, e se a maior parte dos enlutados conseguem suplantar bem uma "perda", por que razão algumas pessoas não conseguem superar o trauma? Pois os 15% atravessam anos sobrevivendo como nos primeiros e mais complicados períodos do luto. Essas pessoas não conseguem retomar a vida. Cultuam a dor, em uma espécie de luto crônico, chamado pelos psiquiatras de "luto patológico" ou "luto complicado".

Transportando o sentimento para a família, o luto pode provocar uma grave crise doméstica, pois exige a tarefa de

renúncia, de excluir e incluir novos papéis na cena familiar. Sigmund Freud, em "Luto e Melancolia", remete-nos para ponderações razoáveis sobre o desencadear patológico da "perda" afetiva pela desencarnação. Entre suas teses, o pai da psicanálise assegura que o luto é a resposta emocional benéfica, adequada para a ocorrência da "perda", já que há necessidade do enlutado de reconhecer a "morte" como evento, como realidade que se apresenta e que naturalmente suscita constrangimento. O "pai da psicanálise" afiança que na melancolia o enlutado identifica-se com o morto e, ao deparar com essa "perda", a pessoa entende que parte dela também está indo; há uma identificação patológica com o "de cujus". Vemos então que no enlutamento melancólico há o que Freud chama de estado psicótico, em que o ego não suporta essa ruptura e adocece gravemente.

A revelação Espírita demonstra que "morte" física não é o extermínio das aspirações e anseios no bem, porém o ingresso para a existência autêntica, para a vida real. Sim! A existência física é ilusória, fugaz, transitória demais. A separação do corpo pela "morte" não é uma anomalia da natureza. Simplesmente transfere-se da dimensão física, para o sítio espiritual.

O chamado morto jaz na ligação pelo pensamento, de modo que ele captura as orações que lhe forem direcionadas e se sentirá apoiado com isso. Da mesma forma ficará descansado sabendo que os familiares estão resignados e trabalhando para que a vida terrena continue sem sobressaltos. Não olvidemos que em futuro mais próximo que imaginamos respiraremos entre os falecidos, comungando-lhes as necessidades e os problemas, porquanto terminaremos também a própria viagem no mar das provas terrenas.

Quando a saudade é dolorida, há os que buscam a instituição espírita para obter informações do finado, porém, nem sempre é possível obterem-se notícias sobre os parentes desencarnados; para tanto é necessário que eles tenham

condições morais e a permissão dos Bons Espíritos. Mas, para abrando de alguns, existem episódios em que os saudosos poderão ter encontros com seus entes queridos no plano espiritual; isso poderá ocorrer durante o sono, quando os Benfeitores permitem essas aproximações, a fim de que sobrevenha renovação de ânimo entre encarnados e desencarnados.

De qualquer modo, o tema "morte" ainda se revela assunto quase inteiramente incompreendido na Terra. Efetivamente, "morrer" (término da vida biológica) e desencarnar (ruptura do laço magnético que une espírito ao corpo) são fenômenos que nem sempre acontecem simultaneamente. Os intervalos de tempo para desligar-se do corpo variam para cada Espírito. Para uns pode ser mais dilatado, para outros é uma passagem rápida.

A intermitência de tempo entre a "morte" biológica e a desencarnação tem relação direta com os pensamentos e ações praticados enquanto encarnado. Ninguém topará com o "céu" ou o "inferno" do lado de "lá", porquanto o "empíreo" e a "geena" são conteúdos mentais construídos aqui no plano físico. Após o fenômeno da fatalidade biológica pela "morte", cada Espírito irá deparar com o cárcere ou a liberdade a que faz merecer como fruto do desleixo ou disciplina mental que cultivou durante a experiência física.

Para os que alcançaram aproveitar a encarnação, sem viciações e apegos, os que cumpriram a lei de amor, tornam-se menos densos os laços magnéticos que prendem o Espírito ao corpo. Nesse caso, a desencarnação será rápida, proporcionando adequada liberdade, até mesmo antes de sua consumação. Todavia, os indisciplinados que se afundaram nos excessos, nas viciações, nos prazeres mundanos, cunham intensas impressões e vínculos magnéticos na matéria, e unicamente alcançarão a liberação após um intervalo de tempo, análogo ao tempo de desequilíbrio vivido na carne. Contudo,

mesmo após a ruptura dos embaraços magnéticos, que o algemavam à vida física, padecerá, por tempo indefinido, dos tormentos disseminados nas vias de suas experiências no mal (eis aí a metáfora do inferno).

Ante os impositivos cristãos, devem-se emitir para os desencarnados, sem exceção, pensamentos de consideração, paz e desvelo, seja qual for a sua condição moral. Temos consciência da imortalidade, da vida além-túmulo. Allan Kardec nos remete a Jesus, e com o Meigo Rabi certificamos que o fenômeno da "morte" é totalmente diferente. No túmulo de Jesus não há sinal de cinzas humanas, nem pedrarias, nem mármore luxuosos com frases que indiquem ali a presença de alguém. Quando os apóstolos visitaram o sepulcro, na gloriosa manhã da Ressurreição, não havia aí nem luto nem tristeza. Lá encontraram um mensageiro do reino espiritual que lhes afirmou: não está aqui. Os séculos se dissiparam e o túmulo [de Jesus] permanece aberto e vazio, há mais de dois mil anos. Seguindo, pois, com o Cristo, através da luta de cada dia, jamais localizaremos a amargura do luto por ensejo da "morte" de pessoa amada, e sim a vida em plenitude.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Religião dos Espíritos, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1960

(2) JOÃO, 8:51

(3) _____ Francisco Cândido. Religião dos Espíritos, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1960

(4) Luto [do latim luctu] – 1. Sentimento de pesar ou de dor pela morte de alguém.



Como se encontra o atual cenário espírita na pátria do evangelho?

Lemos recentemente o primeiro aviso espiritual sobre a missão da Pátria do Evangelho, ditada em 1873 pelo Espírito Ismael! Sublinhamos na mensagem lida os seguintes trechos: "o Brasil tem a missão de cristianizar. É a Terra da Fraternidade. A Terra de Jesus. A Terra do Evangelho. Não foi por acaso que tomou o nome de Vera Cruz, de Santa Cruz. Na Era Nova que se aproxima, abrigará um povo diferente pelos costumes cristãos. Cumpre reconhecer em Jesus, o chefe espiritual [do Brasil]. A missão dos espíritas no País é divulgar o Evangelho, em espírito e verdade. Os que quiserem bem cumprir o dever, a que se obrigaram antes de nascer, deverão, pois, reunirem-se debaixo deste pálio trinitário: Deus, Jesus e Caridade. Onde estiver esta bandeira, aí estarei eu, Ismael!"

(1)

Após a leitura dessa histórica mensagem, deliberamos analisar o atual cenário espírita na Pátria do Evangelho. Propomos ao caríssimo leitor fazer conosco um ligeiro check-up do atual movimento espírita nas terras do "Cruzeiro do Sul". Sem muito esforço de apreciação, identificaremos uma redução acentuada do número de militantes sérios e comprometidos com a Codificação Kardeciana. Lamentavelmente, assistimos irromper-se o espírito elitista junto às muitas instâncias doutrinárias; vemos crescer a volúpia da oficialização das cobranças de taxas para ingresso nos eventos ditos "espíritas". Promovem-se insistentemente a espetacularização da oratória e do conhecimento doutrinário "decorado" através de congressos, simpósios, workshop, palestras ou conferências realizados

quase sempre em lugares esplêndidos.

A Internet tende a democratizar a informação mundial e poderia ser o grande instrumento de divulgação dos princípios espíritas, porém o “olho grande” nos lucros através das vendas de livros psicografados caros (cujas rendas deveria destinar-se a obras assistenciais), salvo raras exceções, estão sendo proibidos para “download” com a evocação do execrável argumento materialista dos tais “direitos autorais” (mas, os autores são os espíritos, ou não?). É urgente um basta aos especuladores ambiciosos, que continuam industrializando Jesus através do Espiritismo. Cremos que se o Chico Xavier tivesse plena noção de que os livros que doou seriam alvo de ganância financeira, ele não os doaria, com certeza! É necessária a abolição dessa nefasta corretagem doutrinária em que comerciantes avarentos transformam o Espiritismo em balcão de negócios inaceitáveis.

O Espiritismo, no aspecto meramente humano das suas atuais diretrizes, ostentando convênio de agrado ou de cessão com as infiltrações mundanas do materialismo, do ganho financeiro supostamente justificado pelo assistencialismo de superfície, não se tem diferenciado da competição entre as empresas comerciais que só visam ganhar mercado, clientes e muitos cifrões.

Emmanuel advertiu, entre outras coisas (como observaremos mais abaixo), que os diretores de centros espíritas agenciam muito mais assembléias para discutir modos de angariar dinheiro e haveres para o custeamento de projetos desnecessários, e às vezes até supérfluos, do que para instruir doutrinariamente os frequentadores da instituição. Por essas razões, é importante analisar equilibradamente o movimento espírita brasileiro de hoje.

O incomparável médium Chico Xavier advertiu há algumas décadas que a mensagem espírita não pode se distanciar do povo. É “preciso fugir da tendência à elitização no seio do

movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto às massas, que amemos todos os companheiros, sobretudo os espíritas mais humildes, social e intelectualmente falando, e das massas nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade [isso não se consegue com os shows dos eventos pagos, protagonizados por alguns pregadores que comercializam as palestras que realizam]. Se não nos precavemos, daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos [que não abrem mão de manter o burlesco “Dr.” antes dos endeusados nomes e sobrenomes] ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada. Mais do que justo evitarmos isso (repetiu várias vezes) a “elitização” no Espiritismo, isto é, a formação do “espírito de cúpula”, com evocação de infalibilidade, em nossas organizações.”(2)

Numa das entrevistas concedidas a Jarbas Leone Varanda, publicada no jornal uberabense, Chico exprobra mais uma vez: “a falta de maior aproximação com irmãos socialmente menos favorecidos, que equivale à ausência de amor, presente no excesso de rigorismo, de formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas nossas instituições; o médium mineiro reprova a preocupação excessiva com a parte material das instituições, com a manutenção, por exemplo, de sócios contribuintes ao invés de sócios ou companheiros ligados pelos laços do trabalho, da responsabilidade, da fraternidade legítima; é a preocupação com o patrimônio material ao invés do espiritual e doutrinário; é a preocupação de inverter o processo de maior difusão do Espiritismo fazendo-o partir de cima para baixo, da elite intelectualizada para as massas, exigindo-se dos companheiros em dificuldades materiais ou

espirituais uma elevação ou um crescimento, sem apoio dos que foram chamados pela Doutrina Espírita a fim de ampará-los na formação gradativa.” (3)

O mestre lionês certifica que “quando as ideias espíritas forem aceitas pelas massas, os sábios se renderão à evidência”. (4) Não podemos permitir a “deturpação da mensagem dos Espíritos, como aconteceu com o Cristianismo legalizado por Constantino, em 313, e posteriormente oficializado como religião do Império romano por Teodósio, em 390. A Doutrina dos Espíritos veio para consertar o Cristianismo, todavia, na sua feição evangélica primitiva. Os líderes que se transviarem das legítimas mensagens espíritas cristãs sofrerão as severas sanções das Leis do Criador, em face da invigilância, pois com as Leis de Deus não se pode brincar.

Corroborando a tese de Humberto de Campo sobre a missão cristã do nosso país no contexto mundial, Emmanuel registra - “achamo-nos todos à frente do Brasil, nele contemplando a civilização cristã, em seu desdobramento profundo. Nele, os ensinamentos de Jesus encontram clima adequado à vivência precisa.”(5) “Embora nos reconheçamos necessitados da fé raciocinada com o discernimento da Doutrina Espírita, é forçoso observar que não é a queda dos símbolos religiosos aquilo de que mais carecemos para estabelecer a tranquilidade e a segurança entre as criaturas, mas sim a nova versão deles, porquanto sem a religião orientando a inteligência cairíamos todos nas trevas da irresponsabilidade, com o esforço de milênios volvendo, talvez, à estaca zero, do ponto de vista da organização material na vida do Planeta.” (6)

Culminamos nossos argumentos lembrando que se “o Brasil puder conservar-se na ordem e na dignidade, na Justiça e no devotamento ao progresso que lhe caracterizam os dirigentes, mantendo o trabalho e a fraternidade, a cultura e a compreensão de sempre, para resolver os problemas da comunidade e, com o devido respeito à personalidade humana

e com o devido acatamento aos outros povos, decerto que cumprirá os seus altos destinos de pátria do Evangelho, na qual a Religião e a Ciência, enfim unidas, se farão as bases naturais da felicidade comum através da prática dos ensinamentos vivos de Jesus Cristo.” (7)

Referências bibliográficas:

(1) Mensagem recebida no Grupo Confúcio, 1873. O Grupo Confúcio (02 agosto 1873) foi a 1ª Sociedade Espírita nascida com o objetivo de divulgar a Doutrina. Posteriormente mudou seu nome para Grupo Ismael. No Rio de Janeiro foi a primeira, mas no Brasil foi a segunda porque a 1ª Sociedade Espírita fundada no Brasil foi na cidade de Salvador, em 17 de Setembro de 1865: Grupo Familiar do Espiritismo. (Grandes Espíritos do Brasil – Zeus Wantuil, pág 118)

(2) Xavier, Francisco Cândido. Encontros No Tempo, São Paulo: Editora Instituto de Difusão Espírita, 1979, 2ª edição.

(3) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense: “Um encontro fraterno e uma Mensagem aos espíritos brasileiros”. Publicado no livro Encontro no Tempo, 2ª edição.

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1973, Introdução.

(5) Mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, MG, na tarde de 18/08/1971, para a reportagem da revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, da qual – edição de 01/09/1971, pág. 25 – permanece aqui transcrita.

(6) idem.

(7) idem.



Déjà Vu é um fenômeno instigante

O fenômeno se traduz por uma estranha impressão de já ter vivenciado a cena presente e mesmo saber o que se vai passar em seguida, ainda que a situação que esteja a ser vivida seja inédita. Conhecido como déjà vu, ou paramnesia (como também é conhecido), tem sido, ao longo dos anos, objeto das mais díspares tentativas de interpretação. Para Sigmund Freud, as cenas familiares seriam visualizadas nos sonhos e depois esquecidas e que, segundo ele, eram resultado de desejos reprimidos ou de memórias relacionadas com experiências traumáticas. Fabrice Bartolomei, Neurologista francês, a paramnesia é resultado de uma fugaz disfunção da zona do córtex entorrinal, situado por baixo do hipocampo e que se sabia já implicada em situações de "déjà vu", comuns em doentes padecendo de epilepsia temporal.

Experiências, conduzidas por investigadores do Leeds Memory Group, permitiram recriar, em laboratório e através da hipnose, as sensações de "déjà vu". Outros dados explicam que situações de stress ou fadiga possam favorecer, nesse contexto disfuncional, o aparecimento do fenômeno, mas a causa precisa deste "curto-circuito" cerebral permanece, ainda, uma incógnita.

Muitos de nós já tivemos a sensação de ter vivido essa situação que acabamos de relatar. Como já ter estado em um determinado lugar ou já ter vivido certa situação presente, quando, na realidade, isto não era de conhecimento anterior? Em alguns casos, ocorre a habilidade de, até, prever os eventos que acontecerão em seguida, o que é denominado premonição. Seria um bug cerebral, premonição ou mera

coincidência? A psiquiatria e a Doutrina Espírita explicam esta questão de formas diferentes.

Sabe-se que nossa memória, às vezes, pode falhar e nem sempre conseguimos distinguir o que é novo do que já era conhecido. "Eu já li este livro?" - "Já assisti a este filme?" - "Já estive neste lugar antes?" - "Eu conheço esse sujeito?" Estas são perguntas corriqueiras de nossa vida. No entanto, essas dúvidas não são acompanhadas daquele sentimento de estranheza que é indispensável ao verdadeiro *déjà vu*. Para alguns estudiosos, quando a sensação de familiaridade com as situações, lugares ou pessoas desconhecidas é frequente e intensa, pode, até, ser um dos sintomas da epilepsia, na área do cérebro responsável pela memória, mas, essa mesma sensação pode indicar outros sintomas. *Déjà Vu* é um fenômeno anímico muito comum, embora de complexa definição científica.

Pode ocorrer com certa frequência em indivíduos com distúrbios neuropatológicos, como a esquizofrenia e a epilepsia. Mas há, também, outras predisposições maiores por fatores não patológicos, como fadiga, estresse, traumas emocionais, excesso de álcool e drogas. Há, ainda, as teorias da psicodinâmica, da reencarnação, holografia, distorção do senso de tempo e transferência entre hemisférios cerebrais. São tão complexas as análises, que especialistas reagem contra a limitação do "vu", que restringiria ao mundo do que pode ser "visto", e já utilizam formas paralelas que fariam referência mais específica aos vários tipos de situação: "*déjà véanus*" ("já vivido"), "*déjà lu*" ("já lido"), "*déjà entendu*" ("já ouvido"), "*déjà visité*" ("já visitado") - o que pode, um dia, acarretar um "*déjà mangé*" ("já comido") ou um "*déjà bu*" ("já bebido").

Os especialistas, ainda, não sabem, concretamente, como ocorre, exatamente, a sensação do *déjà vu* em pessoas não epiléticas. A que ocorre em pessoas com a doença, no entanto, existem algumas hipóteses, como a batizada, pelo

psicólogo Alan Brown, de "duplo processamento". (1) Segundo o psicólogo Alan Brown, professor da Universidade Southern Methodist, nos Estados Unidos, e autor do livro "The Déjà Vu Experience" (a experiência do déjà vu), dois terços da população mundial relatam ter tido, ao menos, um déjà vu na vida.

Para os conceitos espíritas tudo o que vemos e nos emociona, agradável ou desagradavelmente, nesta e nas encarnações pretéritas, fica, indelevelmente, gravado em alguma parte da região talâmica do cérebro perispiritual, e, em algumas ocasiões, a paramnesia emerge na consciência desperta. Pode, também, ser uma manifestação mediúnica se o médium entra, em dado momento, em um transe ligeiro, sutil, e capta a projeção de uma forma-pensamento emitida por um espírito desencarnado; essa é outra possibilidade.

A tese da reencarnação é difundida há milhares de anos. No Egito, um papiro antigo diz: "o homem retorna à vida varias vezes, mas não se recorda de suas pretéritas existências, exceto algumas vezes em sonho. No fim, todas essas vidas ser-lhe-ão reveladas." (2)

Em que pese serem as experiências déjà vu, segundo o academicismo, nada mais do que incidentes precógnitos esquecidos, urge considerar, porém, que existem situações dessa natureza que não podem ser explicadas dessa maneira. Entre elas, está em alguém ir a uma cidade ou a uma casa, pela primeira vez, e tudo lhe parecer muito íntimo, ao ponto de prever, com exatidão, detalhes sobre a casa ou a cidade; descreve, inclusive, a disposição dos cômodos, dos móveis, dos objetos e outros detalhes que estão muito além do âmbito da precognição normal. "Em geral, as experiências precógnitas são parciais e enfatizam certos pontos notáveis, talvez alguns detalhes, mas nunca todo o quadro. Quando o número de detalhes lembrado torna-se muito grande, temos que desconfiar, sempre, de que se trata de lembranças de uma

encarnação passada". (3)

Apesar de não serem abundantes as publicações e depoimentos sobre o assunto, há teorias que associam o *déjà vu* a sonhos ou desdobramento do espírito, onde o espírito teria, realmente, vivido esses fatos, livre do corpo, e/ou surgiriam as lembranças de encarnações passadas, como disse acima, o que levaria à rememoração na encarnação presente.

(4) Hans Holzer, registra uma história, em que ele descreve a experiência *déjà vu*: "durante a Segunda Guerra Mundial, um soldado se viu na Bélgica e, enquanto seus companheiros se perguntavam como entrar em determinada casa, em uma cidadezinha daquele país, ele lhes mostrou o caminho e subiu a escada à frente deles, explicando, enquanto subia, onde ficava cada cômodo. Quando, depois disso, perguntaram-lhe se havia estado ali antes, ele negou, dizendo que nunca havia deixado seu lar nos Estados Unidos, e estava dizendo a verdade. Não conseguia explicar como, de repente, se vira dotado de um conhecimento que não possuía em condições normais". (5)

Creemos que a experiência *déjà vu* é muito profunda e o sentimento é de estranheza. Devemos distinguir um sintoma do outro, pois, cada caso é um caso e nada acontece por acaso. Por ser um fenômeno profundamente anímico, é prudente separarmos as teorias da reencarnação, sonhos ou desdobramentos, das teorias de desejos inconscientes, fantasias do passado, mecanismo de autodefesa, ilusão epiléptica, entre outras, para melhor discernimento do que, realmente, seja uma paramnesia e o que seja, apenas, uma fantasia de nosso imaginário fecundo.

Referências bibliográficas:

(1)<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u566377.shtml>

(2) Papiro Anana (1320 A.C.)

(3) Revista Cristã de Espiritismo, edição 35

(4) Idem

(5) Idem



Semitas de duas regiões com várias histórias

Como analisar o conflito entre judeus e palestinos? Se seguirmos a lógica de quem chegou primeiro à região, então os palestinos (antigos filisteus) estão com a razão, pois estavam lá muito antes de Isaque. Neste caso, os judeus deveriam abandonar a Palestina e voltar a ser um povo errante, como era Jacó e seus filhos, ou então deveriam pedir cidadania iraquiana e se mudarem para o Iraque, que é onde ficava a cidade de Ur, de onde saiu Abraão (que também foi pai de Ismael).

A questão de utilizar o critério de quem chegou primeiro à região pode gerar dúvidas, pois em que pese os filisteus (antepassados dos atuais palestinos), habitarem aquela terra muito antes dos israelitas, é possível que outros povos tenham sido expulsos pelos filisteus a fim de tomarem o seu lugar. Destarte, os palestinos podem se basear no argumento, não de quem estava primeiro na terra, mas de quem a conquistou. O nó da questão está aí, pois nesse caso, o direito passou para os judeus atuais, que conquistaram a terra dos povos que os antecederam.

A rigor, o conflito contemporâneo tem suas matrizes no movimento sionista e na criação do Estado de Israel, não reconhecido pelos palestinos. A situação se intensificou a partir da Primeira Guerra Mundial, quando se deu o fim do Império Otomano, e a Palestina, que fazia parte dele, passou a ser administrada pela Inglaterra. A região possuía 27 mil quilômetros quadrados e abrigava uma população árabe de um milhão de pessoas, enquanto os habitantes judeus não ultrapassavam 100 mil. A Inglaterra apoiava o movimento sionista, criado no final do século 19 com o objetivo de fundar

um Estado judaico na região palestina, considerada o berço do povo judeu. Após a guerra ocorreu uma grande migração de judeus para o local.

Na década de 30, com a ascensão do nazismo na Alemanha e o aumento das perseguições contra os judeus na Europa, a migração judaica para a região cresceu vertiginosamente. Terminada a Segunda Guerra Mundial e o fim do Holocausto, que levou ao extermínio de 6 milhões de judeus, a crescente demanda internacional pela criação de um estado israelense fez com que a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovasse, em 1947, um plano de partilha da Palestina em dois Estados: um judeu, ocupando 57% da área, e outro palestino (árabe) com o restante das terras. Como percebemos, essa partilha desigual em relação à ocupação histórica, desagradou os países árabes em geral. É compreensível que além da questão religiosa, os atuais conflitos tenham também a ver com a territorialidade, com a economia e com relações sociais concretas.

Nesse funesto cenário, ficamos apreensivos diante da espetacularização televisa em horário nobre, exibindo os dramas reais que vêm ocorrendo na região, protagonizados por semitas eliminando-se uns aos outros, em atitudes de vindita por complexas causas. Nessa luta desigual os filhos de Isaque detêm o poderio material, possuem armas de guerra potentes, esmagando inapelavelmente os filhos de Ismael, que por deterem apenas pedaços de pedras, apelam para uma espécie de haraquiri com bombas.

O reverso dessa situação encontramos na Pátria do Evangelho, posto que árabes e judeus fazem uma competição a serviço do bem. Em São Paulo, por exemplo, essa inteligente rivalidade efetiva-se através da edificação de duas instituições primorosas: o Hospital Sírio-Libanês e o Hospital Albert Einstein. Quando será que na região da Palestina, árabes e judeus travarão uma competição para o bem, em vez de ficarem

jogando bombas e pedras uns nos outros?

Buscando lá atrás o histórico dos árabes e palestinos, saberemos que descendem de Ismael, filho bastardo de Abraão com Agar, a escrava egípcia de Sara (esposa de Abraão e estéril à época), lembrando aqui que a gravidez foi consentida por Sara. Mais tarde, a esposa de Abraão engravidou e deu à luz Isaque, do qual são descendentes os judeus.

Folclórico ou não, pelo fato de possuírem mães diferentes, Isaque (Sara) e Ismael (Agar) deixaram para os descendentes duas nações, dois povos com índole de aversão, que vêm brigando um com o outro desde os mais recuados primórdios das gerações oriundas deles, ou seja, há mais de 3.500 anos.

Narra-se que por ocasião do desmame de Isaque, seu pai Abraão fez uma grande festa para comemorar o fato, oportunidade em que Ismael cismou de fazer gracejos contra o seu irmão. Sara não aprovou a situação familiar, exigindo de Abraão que rejeitasse Agar e Ismael. Desde então, mãe e filho foram para o escaldante deserto e caminharam por tortuosas rotas de sofrimento.

Na tradição bíblica esse episódio está consignado da seguinte forma: "Porque por Isaque será chamada a tua descendência".(1) Entretanto, há uma referência de benesses divinas igualmente para Ismael, o bastardo. Vejamos: "Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino desde o lugar onde está. Ergue-te, levanta o menino e pega-lhe pela mão, porque dele farei uma grande nação."(2)

De que maneira a humanidade atual poderá ajudar palestinos, filhos de Ismael, e Judeus, filhos de Isaque, a solucionar esses dilemas históricos? Seria através dos canais diplomáticos da ONU, da ação dos que lutam pela Justiça, pela Dignidade Humana, pela Paz?

Creemos que judeus e palestinos podem conviver, no respeito recíproco, trocando o fuzil pelo abraço, trocando a exclusão pela partilha, trocando a incompreensão pela

tolerância. Quem sabe o Espiritismo, nessa conjuntura, possa levar-lhes a Mensagem do Evangelho, consubstanciado na lei do amor, da fraternidade, do perdão, da reencarnação, da comunicabilidade dos desencarnados, transformando gradualmente a lei mosaica e do alcorão, justificados pela lei de talião (olho por olho, dente por dente), que têm gerado, cada vez mais, ódio sobre ódio, tal como estamos assistindo no prosclênio dessa estúpida guerra do Oriente Médio!

Referências:

- (1) Gênesis 21. 12.
- (2) Gênesis 21:17.



Subjugação ininterrupta sob o guante de uma reencarnação?...

Por efeito das buliçosas narrativas sobre as deformações físicas, deparamos com eventos gritantes, e ao mesmo tempo melancólicos, de pessoas que (re)nasceram com os mais singulares tipos de aberrações. Edward Mordake (foto) sofria de uma anomalia conhecida como Craniopagus Parasiticus. Ele possuía outro "rosto parasita" acoplado à sua nuca. Em seu caso, poderia parecer apenas um caso de "gêmeo chupim", mas para muitas pessoas e para ele mesmo, o que existia em sua nuca era algo mais sombrio.

Conta-se que a face gêmea apresentava alguns indícios de inteligência, porém não ingeria alimentos e inacreditavelmente era capaz de fazer careta, rir e chorar. O "rosto parasita" era flácido e desfigurado, algo ameaçador e tétrico. Narra-se que os olhos da "face intrusa" expressavam malícia e fúria e seguiam as pessoas pausadamente como se estivesse estudando aqueles que visualizavam, os seus beijos invariavelmente faziam barulhos exóticos. Embora sua voz fosse ininteligível, Edward declarou que muitas vezes foi mantido acordado durante a noite por conta dos murmúrios de ódio de sua "face gêmea diabólica" (como passou a chamá-la) e dos zumbidos lúgubres.

Conquanto o seu caso seja concretamente citado nos primórdios dos relatos médicos, na verdade sua história é misteriosa, e foi analisada como caso irreal durante algum tempo, por ser demasiadamente delirante para se acreditar e, obviamente, por não fazer muito sentido do ponto de vista médico, em alguns momentos. A única coisa que persiste dessa

história é a existência de uma foto de Edward, que comprova que ele realmente existiu, mas quando exatamente não se sabe.

Há um livro intitulado *Anomalies and Curiosities of Medicine*, de George M. Gould e Walter L. Pyle, que faz referência a Edward Mordake, porém muito do que se conhece de sua vida é baseado em relatos orais. Muitos componentes de sua trajetória foram perdidos no decorrer do tempo e não há fontes consideráveis para os pesquisadores atuais, exceto a foto(1). Sabe-se que ele viveu em completo isolamento, recusando-se às visitas, até mesmo dos familiares. Diz-se que Edward teria pedido aos médicos que removessem sua "cara diabólica", contudo nenhum clínico foi favorável a fazê-lo, porque a cirurgia seria fatal.

As pessoas começaram a se afastar dele e isso potencializava sua depressão. Conta-se que nos momentos de tristeza a sua "face extra" permanecia gracejando como se estivesse ridicularizando suas dores. Portanto, padecendo com o bullying que o "rosto intruso" exercia, Mordake resolveu acabar logo com aquilo e se matou aos vinte e três anos. Diz-se que o suicídio ocorreu logo após seus médicos recusarem fazer a remoção cirúrgica daquele "suplemento facial" na nuca. Edward teria deixado uma carta solicitando que a "cara satânica" fosse destruída de sua cabeça antes de seu sepultamento, a fim de que ele não continuasse a ouvir seus terríveis sussurros no além-túmulo.

Descreve-se que gostaria de ser enterrado em um lugar deserto, sem pedra ou legenda para marcar seu túmulo. Seu pedido teria sido atendido pelos médicos Manvers e Treadwell, que cuidavam do caso. Edward foi enterrado em uma cova de terra barata e sem qualquer tipo de lápide ou escultura, também a seu pedido.

No mundo somos defrontados com inúmeros casos teratológicos que assombam e deixam embaraçados mesmo os

mais experientes analistas. Será admissível que junto com alguém que (re)nasce, reencarnar concomitantemente um outro Espírito colado em seu tecido perispiritual (molde do corpo físico), ocasionando pânico, como no episódio narrado, tanto para seu hospedeiro como também para quem o visualiza? Que mistérios existiriam por trás do rosto “demoníaco” de Edward Mordake?

Pelas leis reencarnatórias, teoricamente, num só corpo não há como reencarnar mais que um Espírito. No caso dos seres siameses, por exemplo, existem dois espíritos em corpos unidos biologicamente (grudados), com dois cérebros (dicéfalos), dois indivíduos, duas mentes. Embora o caso Edward não seja um fenômeno de siameses, é manifesto que existia um Espírito grudado (não sabemos como) naquela bizarra “face traseira”.

Há casos teratológicos em que nas reencarnações os Espíritos simpáticos aproximam-se por analogia de sentimentos e sentem-se felizes por estarem grudados biologicamente. Porém, os seres que não se toleram se repelem e são extremante infelizes no convívio. É da Lei! No caso Edward, do ponto de vista reencarnatório, que razões levariam a justiça divina a permitir tal anomalia física? Por que alguns espíritos necessitam permanecer algemados biologicamente, compartilhando órgãos e funções orgânicos, sabendo que nada nos é mais íntimo e pessoal que o corpo físico?

A ser verdadeira a história de Edward, cremos que são dois espíritos ligados por cristalizados ódios, construídos ao longo de muitas reencarnações, e que reencarnam nessas condições estranhíssimas, raramente por livre escolha e nem por “punição” de Deus, mas por uma espécie de determinismo originado na própria lei de Ação e Reação. Alternando-se as posições como algoz e vítima e também de dimensão física e extrafísica, estrangidos por irresistível atração de ódio e desejo de vingança, buscam-se sempre e culminam se reaproximando em condições comoventes, que os obriga a

compartilhar até do mesmo sangue vital e do ar que respiram.

Considerando que nos estatutos de Deus não há espaços para injustiças, a dualidade espiritual presente no corpo disforme de Mordake é factível. Sobretudo se no processo de subjugação ocorrida em vidas pregressas, quando o obsessor assume o lugar do subjugado em vários momentos da vida. A subjugação pode ser moral ou corporal que paralisa a vontade do obsedado. Materialmente o obsessor atua sobre o corpo físico e provoca movimentos involuntários. Dava-se antigamente o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos.

Mas, a possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação, pois não há possessos, no sentido vulgar do termo, há somente obsidiados, subjugados e fascinados. Poderá ter como consequência a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura ordinária. Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornam verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas”.(2)

Acreditamos que numa reencarnação especialíssima, dois seres que experimentaram a trama de subjugações obsessivas podem renascer nas condições especialíssimas narradas no texto, todavia evidentemente estamos conjecturando propondo ao leitor amigo mais amplas reflexões.

Muitas vezes não é possível, de imediato, dissolverem-se essas vinculações anômalas a fim de que haja total recuperação psíquica dos infelizes protagonistas. No decorrer dos anos, a imantação se avoluma, tangendo dimensões cruciais de alteração do corpo perispiritual de ambos. A analgesia transitória, pela comoção de consciência causada pela reencarnação, poderá impactar e recompor os sutis tecidos em

desarranjo da alma enferma.

Infelizmente não foi o caso Mordake, pois ele fugiu do compromisso. Se à época Edward fosse espírita, poderia ter recorrido a alguns recursos tais como a prática da prece e da doação de energias magnéticas através do passe, por exemplo, que são recursos adequados e indispensáveis para despertar consciências e minimizar os traumas psicológicos. Soluções essas que para ele se descortinariam eficazes, iluminando-lhe a consciência para a necessidade da efetiva reconciliação, arrostando a união pelo laço indestrutível e saudável do amor.

Nota e referência bibliográfica:

(1) Em 1896, o livro *Anomalies and Curiosities of Medicine*, de George M. Gould e Walter L. Pyle, mencionava uma versão da história de Edward Mordake que ficou muito famosa na época e acabou virando referência para vários textos, peças teatrais e até mesmo para uma música de Tom Waits Poor.

(2) Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, Cap. XXIII, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1997



Chagas e conflitos sociais são reflexos de sociedades sem evangelho

Em artigo publicado no jornal Le Monde, o francês Edgar Morin, considerado um dos mais importantes pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos da complexidade, faz um balanço extremamente pessimista da primeira década do Século XXI. Para ele, a globalização foi mais uma vez evidenciada pela exportação da crise financeira americana, tendo provocado o crescimento dos regionalismos e dificultado o desenvolvimento de uma visão mais solidária e fraterna do mundo. Considerando que o atual cenário árabe, por exemplo, está em convulsão, ficamos atônitos em face do discurso proferido pelo primeiro-ministro inglês David Cameron, na Conferência sobre a segurança europeia, realizada em Berlim, em que “decretou” que o multiculturalismo era impossível, estava terminado!

Historicamente, o domínio ocidental se constituiu a partir da expansão europeia, no século XV, e promoveu um brutal processo de aculturação mundial. O que chamamos de fundamentalismo islâmico é, na verdade, resistência ao ocidente em quase todos os seus aspectos. Trata-se de um movimento de contra-aculturação. Sabemos que o petróleo levou os países industrializados a interferirem nos assuntos internos do mundo árabe. No mundo muçulmano, a mãe da contra-aculturação foi a Irmandade Islâmica, fundada no Egito em 1928. Ela inspirou a Revolução Iraniana de 1979, que entronizou uma república teocrática islâmica shiíta. Inspirou também o regime talibã, no Afeganistão, a rede Al-Qaeda e os grupos Hamas e Hisbolá, além de outros menos conhecidos.

“Edgar Morin acredita que a corrida em direção a novos desastres econômicos e climáticos vai se acentuar na próxima década, até porque após a crise econômica que atingiu quase todos os países, os governos ainda não resolveram controlar minimamente a especulação e capitalismo financeiros. Para a nova década que se inicia em 2011, Morin procura ser menos pessimista citando um provérbio turco: As noites estão grávidas e ninguém conhece o dia que vai nascer”.(1)

Não desconhecemos a rejeição que sofrem muitos países excluídos da tecnologia atual. Impera, nos países ricos, a ganância pelo dinheiro, que atinge patamares surrealistas.

Creemos que as teorias atuais sobre o bem-estar do homem, considerando a psicologia e a economia, estão ainda a longe do ideal. É urgente que novas propostas teóricas interpretem a paz social em termos de valores mais transcendentais. Tais teses comprovarão a assertiva dos Espíritos e do Evangelho de que os bens materiais não trazem felicidade.

O Professor da Universidade da Virgínia (EUA), Jonathan Haidt, em seu livro "The Happiness Hypothesis", escreveu: "a família e os amigos são mais relevantes do que o dinheiro e a beleza. Uma condição que nos torna felizes é a capacidade de nos relacionarmos e estabelecermos laços com os demais".(2) Não podemos afirmar que os recursos financeiros são instrumentos do mal, muito pelo contrário, pois o dinheiro (não especulativo obviamente) é suor convertido em cifrão. Mas é urgente que lhe demos funções nobres, lembrando que a moeda no bem faz prodígios de amor.

Sem adentrarmos nas interpretações de historiadores, sociólogos, economistas, psicólogos e de cientistas políticos, o que vemos no mundo atual e ainda amargamos na consciência, são os paradoxos de uma suprema tecnologia na área da informática, da genética, das viagens espaciais, dos supersônicos, dos raios laser, ao lado dos que sobrevivem nos antros subumanos, destrocados com a dengue hemorrágica,

com a febre amarela, com a tuberculose, com a AIDS, e com todos os tipos de droga (cocaína, heroína, skanc, ecstasy, crack etc).

Ante os conceitos espíritas, sabemos que a Terra é um mundo de expiações e provas, razão pela qual a paz absoluta ainda não se encontra aqui no Planeta, só em mundos mais evoluídos. Em nosso orbe, a tranquilidade social é relativa, consoante consigna o item 20, capítulo V, do Evangelho Segundo o Espiritismo.(3) Um dos pontos cruciais da tese epicurista é que, se temos dinheiro e não temos amigos, nada temos. De acordo com Epicuro, somos influenciados por "opiniões vãs", que não refletem a hierarquia natural de nossas necessidades, enfatizando o luxo e a riqueza, e raramente a amizade, a liberdade e a reflexão. Para muitos apegados ao dinheiro, o Ter é mais importante que o Ser.

É comum observarmos confrades espíritas apresentando claros sinais de uma vida confortável, portando-se como se não tivessem a mínima condição de ajudar o próximo através de um serviço de assistência social. Tais confrades usam antolhos e não conseguem visualizar e muito menos entender, que numa sociedade onde o homem seja consciente dos ditames do Criador, isto é, da prática do bem, não haverá violência, sequestros, prostituição, poligamia, traição, inveja, racismo, inimizades, tristeza, fome, ganância e guerras; e mais: não se encontrarão pessoas perambulando pelas ruas, embriagadas, sujas, cabelos desgrenhados, roupas ensebadas, catando coisas no lixo ou esmolando, em razão de quedas morais.

Porém, infelizmente a cada dia, sucumbem muitos jovens e adolescentes que são comercializados para o mercado da lascívia, algemados nos ambientes regados por alucinógenos e de brutal violência, onde são perpetrados crimes inconcebíveis sob o estímulo da miséria moral.

Nesse tétrico e indesejável panorama terreno, a mensagem do Cristo é um remédio de inimaginável potencial de cura,

sendo o mais eficaz para a redenção humana. É verdade! Ao Cristianismo está reservada a tarefa de alargar os horizontes dos conhecimentos, nos domínios da alma humana, contribuindo para a solução dos enigmas que atormentam as sociedades contemporâneas de todas as culturas, projetando luz nas questões quase que indecifráveis do destino e das dores morais do homem contemporâneo.



Armas de fogo e evangelho não combinam entre si

A imprensa tem noticiado que estudantes dos EUA lutam pela liberação do porte de armas dentro das universidades americanas. Desde 2006, quando a Corte de Utah aprovou a lei que garante aos estudantes, professores e funcionários de todas as universidades públicas do Estado o direito de portar armas de fogo no campus, o revólver passou a fazer parte do material escolar de cada aluno. Parece trecho de um texto de ficção, mas, infelizmente, não é. Atualmente, 48 Estados americanos têm amparo legal para que se ande armado em locais públicos, como cinemas, teatros, igrejas e shoppings. Desse total, 16 Estados proíbem, explicita e terminantemente, o uso de armas em instituições de ensino, enquanto os demais Estados deixam que a decisão fique a cargo das próprias universidades - que, em sua grande maioria, opta pelo veto, graças a Deus! Utah é o único Estado que consente portar armas de fogo nos campus de suas universidades públicas - nove, no total.

O movimento (criado no dia seguinte ao ataque mais letal a instituições de ensino dos EUA, que deixou um total de 32 mortos) conta, hoje, com mais de 30 mil simpatizantes, espalhados em 44 Estados americanos. A rigor, fazer das universidades áreas livres, para porte de armas de fogo, no uso defensivo, não as torna lugares mais seguros. Recentemente, 15 Estados americanos deram início a discussões sobre possíveis alterações na legislação que rege o controle de armas em seus territórios.

A liberalização do porte de armas nos campus, principalmente, causa-nos tristeza e muita preocupação,

sobretudo, porque, não resolverá o problema da violência. Muito pelo contrário, estimulará, na vida acadêmica, que adolescentes pratiquem atos infracionais de enorme intensidade e cada vez maiores, porque "as armas" foram criadas para "matar". Sabemos que a crueldade ocorre em todos os segmentos sociais, e sempre haverá uma combinação de eventos que pode consubstanciar-se numa carnificina. A solução, obviamente, terá de nascer de um esforço concentrado, envolvendo o Estado, psicólogos, estudantes e suas famílias.

Apesar de a sociedade estadunidense ter erigido parte de seus valores sob a mira de espingardas, metralhadoras e pistolas, e a despeito dessas armas simbolizarem a "autonomia" do cidadão e as "liberdades individuais" perante o Estado, as armas, nos EUA, projetaram essa nação ao ranking de a mais violenta do mundo, pelos índices de criminalidade apontados.

Alguns definem o homem como um autômato, uma máquina, composto de engrenagens complexas, dinâmicas, harmônicas, e que pode, ao mesmo tempo, ser contraditório. Essa contradição pode remeter o homem a fugir dos padrões sociais e arrojá-lo a uma alienação. (1) André Luiz em Conduta Espírita admoesta: Esquivar-se do uso de armas homicidas, bem como do hábito de menosprezar o tempo com defesas pessoais, seja qual for o processo em que se exprimam. Pois o servidor fiel da Doutrina possui, na consciência tranquila, a fortaleza inatacável. (2)

Os espíritas cômicos acreditam, obviamente, que uma das soluções para a criminalidade seja a proibição da venda de armas de fogo em todo o território nacional, ressalvada a aquisição pelos órgãos federais de segurança pública, os estaduais, os municipais, e pelas empresas de segurança privada, regularmente constituída na forma prevista em lei. A Pátria do Evangelho é grande produtora de armas, contrastando com o compromisso espiritual. Por isso, cremos

que a sua comercialização no mercado interno, principalmente, é prática abominável, pois torna a violência cada vez mais letal.

Temos outra preocupação: Estatísticas demonstram que armas armazenadas em casas de família ou locais de trabalho, por civis, acabam sendo furtadas e/ou utilizadas por malfeitores, até mesmo contra seus proprietários em ações criminosas. Outro número significativo é o dos acidentes domésticos, envolvendo, principalmente, crianças e adolescentes, que, ao manejarem armas de fogo, sem qualquer habilidade, acabam disparando-as acidentalmente, provocando lesões graves ou homicídios. Há estudos internacionais que apontam as armas de fogo como responsáveis por 65% dos homicídios nos fins de semana, sendo que, aproximadamente, 28% dessas armas provêm de "homens de bem". Há dois mil anos Jesus ensinou: Haveis aprendido o que foi dito aos Antigos: Vós não matareis, e todo aquele que matar merecerá ser condenado pelo julgamento. Mas eu vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão merecerá ser condenado pelo julgamento; que aquele que disser a seu irmão Racca, merecerá ser condenado pelo conselho; e que aquele que lhe disser: Vós sois louco, merecerá ser condenado ao fogo do inferno. (3)

No Brasil, cremos que a criminalidade tem seus fulcros na desigualdade social, no elevado índice de desemprego, na urbanização desordenada e, de modo destacado, na difusão incontrolada da arma de fogo, sobretudo clandestina, situações essas que contribuem, de forma decisiva, para o aumento do crime. Consterna-nos saber que, ao lado dos EUA, a "Pátria do Evangelho" é um dos líderes mundiais em casos de mortes produzidas com a utilização de armas de fogo. A sociedade brasileira precisa buscar soluções efetivas para o problema da violência urbana. Por sólidas razões, cremos ser falsa ou perfunctória a "proteção" oferecida pelas armas dentro de casa, especialmente considerando o potencial de alto risco do uso da

arma por familiares inabilitados, que podem causar efeitos danosos irreparáveis na vida doméstica dos seus familiares.

A cada dia sucumbem muitos jovens e adolescentes que são comercializados para o mercado do tráfico de armas, algemados nos ambientes regados por alucinógenos e profunda violência, onde são perpetrados crimes inconcebíveis sob o estímulo da miséria moral e da obsessão. Acreditamos que quaisquer investimentos de recursos em armamentos são inúteis e desnecessários. Evidentemente, não somos tão ingênuos ao ponto de pensarmos que a restrição (proibição) do uso de armas de fogo equacione, definitiva e imediatamente, o problema da violência social. Sabemos, porém, que as armas de fogo podem ser substituídas por outras, talvez não tão "eficientes" quanto a eliminar o próximo, mas, sobretudo, quanto a preservá-lo das práticas de extermínio.

Na ausência de estrutura da aparelhagem repressora e preventiva do Estado, as armas de fogo continuarão chegando às mãos dos indivíduos descompromissados com o bem e fazendo suas vítimas. Por isso, urge meditar que devemos aprender a desarmar, antes de tudo, nossos espíritos. Isso só será possível pela prática do amor e da fraternidade, onde a paz será a consequência. Quando falamos em paz, a personificação deste conceito tem em Mahatma Gandhi sua melhor identificação. O Iluminado da Índia conseguiu libertar os hindus, do tacho do império inglês, sem permitir o disparo de um só tiro de arma de fogo, em face da sua magna filosofia de não-violência.

Referências bibliográficas:

(1) Fuga da própria realidade. Pode ser definida como uma vivência no imaginário. O imaginário se torna uma realidade para o alienado, porém esta é distorcida da verdadeira realidade.

(2) Vieira, Waldo. *Conduta Espírita*, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2003, cap. 18

(3) Mateus, 21 e 22.



Atire a primeira pedra

Uma jovem desencarnou após ter recebido 80 chibatadas em Bangladesh, como punição por ter tido um relacionamento extraconjugal com um primo (casado). A sentença foi decretada por um tribunal religioso de Shariatpur, no sudoeste do país, a 56 quilômetros da capital, Daca. A adolescente desmaiou enquanto recebia as chibatadas e chegou a ser levada para um hospital local, mas não resistiu aos ferimentos, falecendo seis dias após ter sido internada.

O clérigo muçulmano Mofiz Uddin foi o responsável pela fatwah (sentença) contra Hena, que foi presa juntamente com outras três pessoas. Os religiosos disseram à polícia que Hena teria sido pega em flagrante. Porém, Dorbesh Khan, o pai da adolescente disse: "Que tipo de justiça é essa? Minha filha foi espancada em nome do fanatismo religioso. Se tivesse sido julgada por um tribunal do Estado, minha filha jamais teria morrido". Em verdade, punições realizadas em nome da sharia (legislação sagrada islâmica) e decretos religiosos foram proibidos em Bangladesh, por isso, um grupo de moradores de Shariatpur foi às ruas em protesto contra a fatwa e contra os autores da sentença.

Para comentar o fato sob o viés kardeciano, é importante destacar que em qualquer análise que façamos sobre o comportamento sexual dessa ou daquela pessoa, somos obrigados a lembrar sempre de Deus, "que julga em última instância, que vê os movimentos íntimos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censuramos, ou reprova o que relevamos, porque conhece o móvel de todos os atos. Lembremo-nos de que nós, que

clamamos em altas vozes anátemas, teremos quiçá cometido falta mais grave" (1) do que a pessoa que censuramos.

No caso Hena, alguns dizem que ela sofreu violência sexual, contudo há os que afirmam que houve o adultério cometido pelo primo. De qualquer modo, o episódio remete-nos aos Códigos de Jesus, que proclamou a sentença: "atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado"(2). Essa advertência faz da comiseração uma obrigação para nós outros, porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. "Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita."(3) É importante observar que Jesus, avaliando equívocos e quedas, nas aldeias do espírito, haja selecionado aquela da mulher, em falhas do sexo, para emitir a sua memorável sentença: "aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra".

O sábio Espírito Emmanuel explica que "no rol das defecções, deserções, fraquezas e delitos do mundo, os problemas afetivos se mostram de tal modo encravados no ser humano que pessoa alguma da Terra haja escapado, no conjunto das existências consecutivas, aos chamados "erros do amor"."(4) Penetremos cada um de nós nos recessos da própria alma, e, se conseguimos apresentar comportamento irrepreensível, no imediatismo da vida prática ante os dias que correm, indaguemo-nos, com sinceridade, quanto às próprias tendências. "Quem não haja varado transes difíceis, nas áreas do coração, no período da reencarnação em que se encontre, investigue as próprias inclinações e anseios no campo íntimo, e, em sã consciência, verificará que não se acha ausente do emaranhado de conflitos, que remanescem do acervo de lutas sexuais da Humanidade."(5)

Por essas razões, personalizando na mulher sofredora a

família humana, Jesus pronunciou a inesquecível sentença “atire-lhe a primeira pedra”, convocando os homens, supostamente puros em matéria de sexualidade, a lançarem sobre a mulher infeliz a primeira pedra.

Em verdade, quando respeitarmos nosso semelhante em seu foro íntimo, os conceitos de adultério se farão distanciados do cotidiano, de vez que a compreensão apaziguará o coração humano e a chamada desventura afetiva não terá razão de ser, ou seja, ninguém trairá ninguém em matéria afetiva.

Abstenhamo-nos, sob qualquer hipótese, de censurar e condenar seja lá quem for em matéria de comportamento sexual. Recordemos que estamos emergindo de um passado longínquo, em que estivemos mergulhados nos labirintos dos desequilíbrios na área afetiva, a fim de que as bênçãos do aprendizado se nos fixem na consciência a Lei do amor. Achamo-nos muito longe da pureza do coração, por isso mesmo, se alguém nos parece cair, sob enganos do sentimento, não critiquemos, ao invés disso silenciemos e oremos a seu benefício.

Para com qualquer pessoa que se nos afigura desmoronar em delito sentimental, sejamos caridosos!. Nenhum de nós consegue conhecer-se tão exatamente, a ponto de saber hoje qual a dimensão da experiência afetiva que nos espera no futuro. Silenciemos ante as supostas culpas do próximo, porquanto nenhum de nós, por agora, é capaz de medir a parte de responsabilidade que nos compete a cada um nas irreflexões e desequilíbrios dos outros.

Jamais esqueçamos que todos somos componentes de uma só família (encarnada e desencarnada), operando em dois mundos, simultaneamente. Somos incapazes de examinar as consciências alheias e cada um de nós, ante a Sabedoria Divina, é um caso particular, em matéria de amor, reclamando compreensão. “A vista disso, muitos de nossos erros imaginários no mundo são caminhos certos para o bem, ao

passo que muitos de nossos acertos hipotéticos são trilhas para o mal de que nos desvencilharemos, um dia!... Abençoai e amai sempre. Diante de toda e qualquer desarmonia do mundo afetivo, seja com quem for e como for, colocai-vos, em pensamento, no lugar dos acusados, analisando as vossas tendências mais íntimas e, após verificardes se estais em condições de censurar alguém, escutai, no âmago da consciência, o apelo inolvidável do Cristo: "Ami-vos uns aos outros, como eu vos amei."(6)

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, item 16, do Cap. X, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1991.

(2) João Cp. 8:7.

(3) _____, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, item 13, do Cap. X, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1991.

(4) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000, Cap. 22

(5) Idem.

(6) Idem Cap. 26



Legítima visão cristã da homossexualidade

Sentimos necessidade de elaborar uma 2ª. versão do controvertido tema homossexualidade em função de ainda identificar nas hostes espíritas intolerância e preconceitos sobre o assunto.

As múltiplas experiências humanas pela reencarnação e os repetidos contatos com ambos os sexos proporcionam ao espírito as tendências sexuais na feminilidade ou masculinidade e este reencarna com ambas as polaridades e se junte, às vezes, contrariado aos impositivos da anatomia genital e ao da educação sexual que acolhe em seu ambiente cultural. Consoante essas experiências tenderá para qualquer das duas opções e o fará nem sempre de acordo com sua aspiração interior, que poderá ser inversa ao que determina o meio socio-cultural.

Emmanuel ensina na obra "Vida e Sexo" que o "Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas ." (1) Talvez ocorram fatores educacionais que possam contribuir para despertar no indivíduo as tendências sepultadas nas profundezas de seu inconsciente espiritual. E, ainda que desempenhe papéis de acordo com a sua anatomia genital, e que seu psiquismo se constitua de acordo com sua opção sexual, poderá ocorrer que se desperte com desejos de ter experiências com pessoas do mesmo sexo.

Sobre essa perspectiva há também estudiosos que atestam a não interferência educacional para quaisquer das

homossexualidades (2), de acordo com o consenso dos estudos psicológicos atuais, até porque o cerco em volta de todo o processo educacional é hetero, sustentam.

Afirma-se, ainda, que o homossexual, quando desempenha papel heterossexual é sempre em função de conflitos provocados pelo meio social, no que não alcança realização e habitualmente recorre a fantasias homossexuais para alcançar efeitos heterossexuais. Quando há realização tanto homo quanto hetero, então aí estaremos diante da bissexualidade manifesta.

Em que pese o apontamento da Psicologia para a positivação da identidade bissexual, pode ocorrer (não necessariamente, que na realidade a pessoa seja um homossexual tentando uma vivência dupla em função de algum fator de conflito) Tal ocorrência poderá lhe tumultuar a consciência caracterizando, por aquele motivo, um transtorno psíquico-emocional, embora os transtornos nunca serão em função da homossexualidade em si, mas da ação dos preconceitos sofridos pelo indivíduo.

A convivência do espírito com o sexo oposto ao que adotou em cada encarnação, bem como aquelas em que exerceu sua opção sexual, irão plasmar em seu psiquismo as tendências típicas de cada polaridade. Sabemos também existir estudiosos sinceros explicando que a expressão opção sexual está abandonada pela Psicologia, desde que a ocorrência é sempre de tendência manifesta, desta forma o meio em volta em nada colabora para a existência de opção. Afirma-se, ainda que admitir opção para homossexualidade seria também admitir um enorme masoquismo, diante de toda a adversidade que cerca o indivíduo em relação à homossexualidade.

Explica Emmanuel: A homossexualidade, também hoje chamada transexualidade, em alguns círculos de ciência, definindo-se, no conjunto de suas características, por tendência da criatura para a comunhão afetiva com uma outra criatura do

mesmo sexo, não encontra explicação fundamental nos estudos psicológicos que tratam do assunto em bases materialistas, mas é perfeitamente compreensível, à luz da reencarnação .(3)

Na questão 202 de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec indaga aos Espíritos: "Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?" "Isso pouco lhe importa", responderam os Benfeitores, "o que o guia na escolha são as provas por que haja de passar"(4), esclareceram os Espíritos.

A genética tem tentado encontrar genes que explicariam a homossexualidade como sendo desvio de comportamento sexual. A psiquiatria tentou encontrar enzimas cerebrais que poderiam influenciar no comportamento sexual. Alguns sexólogos, explicam que é uma preferência sexual (lembrando aqui que oficialmente a expressão opção foi abolida). Mas a sede real do sexo não se acha no veículo físico, porém na estrutura complexa do espírito. É por esse prisma que devemos encarar as questões relacionadas ao sexo. "A coletividade humana aprenderá, gradativamente, a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos". (5)

Não podemos confundir homossexualidade com desvio de caráter, até porque os deslizes sexuais de qualquer tendência têm procedências diversas. Suas raízes genésicas podem vir de profundidades íntimas insondáveis. "A própria filogênese(6) do sexo, que começa aparentemente no reino mineral, passando pelo vegetal e ao animal, para depois chegar ao homem, apresenta enorme variação de formas, inclusive a autogênese [geração espontânea] dos vírus e das células e a bissexualidade dos hermafroditas "(7), o que para alguns pesquisadores justificaria o aparecimento do que seriam desvios sexuais congênitos. Especialistas dizem também que atualmente, o conceito de desvio mudou muito, e um homossexual que se

force à heterossexualidade seria tido como um desvio.

Com a liberação sexual e a ascensão do feminino na sociedade contemporânea, a tolerância à homossexualidade aumentou, permitindo que uma grande quantidade de pessoas que viviam no anonimato se expressasse naturalmente, graças a luta dos homossexuais por seus direitos em todo o mundo, inclusive forçando a mudança de legislações. Chico Xavier explica, de forma clara, o seguinte: "Não vejo pessoalmente qualquer motivo para críticas destrutivas e sarcasmos incompreensíveis para com nossos irmãos e irmãs portadores de tendências homossexuais, a nosso ver, claramente iguais às tendências heterossexuais que assinalam a maioria das criaturas humanas. Em minhas noções de dignidade do espírito, não consigo entender porque razão esse ou aquele preconceito social impediria certo numero de pessoas de trabalhar e de serem úteis à vida comunitária, unicamente pelo fato de haverem trazido do berço características psicológicas e fisiológicas diferentes da maioria. (...) Nunca vi mães e pais, conscientes da elevada missão que a Divina Providencia lhes delega, desprezarem um filho porque haja nascido cego ou mutilado. Seria humana e justa nossa conduta em padrões de menosprezo e desconsideração, perante nossos irmãos que nascem com dificuldades psicológicas?" (8) Creio ser importante lembrar aqui que as dificuldades psicológicas são em decorrência de conflitos pelo preconceito. Vencido o preconceito, pelo próprio indivíduo, cessa o conflito psicológico. É claro que seria pedir demais que o Chico fosse a isso em suas declarações, mesmo porque pela época da entrevista, da forma como ele colocou já foi efetivamente uma atitude de muita autenticidade e coragem diante da verdade.

A Doutrina Espírita é libertadora por excelência. Ela não tem o caráter tacanho de impor seus postulados às criaturas, tornando-as infelizes e deprimidas. A energia sexual pede equilíbrio no uso e não abuso ou repressão. A Doutrina Espírita

não condena a homossexualidade, contrariamente, recomenda-nos o respeito e fraterna compreensão para com os que têm preferências homoafetivas. Muitas vezes, pode até ser alguém tangido pelo apelo permissivo que explode das águas tóxicas do exacerbado erotismo, somado aos diversos incentivadores pseudocientíficos da depravação, que podem estar desestruturando seu sincero projeto de edificação moral, através de uma conduta sexual equilibrada.(9) Por isso mesmo, não pode ser discriminado, nem rejeitado, pois, a mensagem de Jesus é a do "amar o próximo como a si mesmo".

Como já vimos com Emmanuel no início desta exposição, não há masculinidade plena, nem plena feminilidade na Terra. Tanto a mulher tem algo de viril, quanto o homem de feminil. Antigamente, a educação muito rígida e repressiva contribuía para enquadrar o indivíduo homossexual de acordo com a expectativa social em volta, contrariando suas tendências espontâneas.

Assumir a homossexualidade não significa mergulhar em um universo de atitudes extremadas e desafiadoras perante seu grupo de relacionamento familiar ou profissional, "mas fazer um profundo exercício de auto-aceitação, asserenar-se por dentro, a fim de poder reconhecer perante si mesmo e todo seu círculo de amigos e parentes que vivem uma situação de desafio. O verdadeiro desafio é a construção interna para orientar saudável e equilibradamente os desejos. E não estamos aqui referindo-nos exclusivamente a desejo sexual e sim a toda espécie de desejos que comandam a vida das criaturas ." (11)

Emmanuel enfatiza que: "O mundo vê, na atualidade, em todos os países, extensas comunidades de irmãos em experiência dessa espécie [homossexual], somando milhões de homens e mulheres, solicitando atenção e respeito, em pé de igualdade devidos às criaturas heterossexuais." (12) A homossexualidade não deve, pois, ser classificada como uma psicopatia ou comportamento merecedor de discriminação ou

medidas repressivas. O homossexual, especialmente ou o transexual, merece toda a nossa compreensão e ajuda, para que ele possa vencer sua luta de adaptação à identidade de agora ou ao novo sexo adquirido com o renascimento.

Outra questão extremamente controvertida, para muitos cristãos, é a possibilidade da união estável [casamento] entre duas pessoas do mesmo sexo. Ante a miopia preconceituosa do falso purismo religioso da esmagadora maioria de cristãos supostamente "puros", isso é uma blasfêmia. Isto torna o tema bastante complexo, e não ousaríamos opinar com a palavra definitiva. [estamos abertos a discussões] Porém, após refletir bastante sobre o assunto e, sobretudo, tendo como alicerce as opiniões de Chico Xavier, entendemos que a união estável [casamento] entre homossexuais pode ser legítima, até porque cada um deve saber de si o que melhor norteia sua própria felicidade. Só conseguiremos entender melhor a questão homossexual depois que estivermos livres dos (pré)conceitos que nos acompanham há muitos milênios. Arriscaríamos afirmar que a legalização do casamento entre duas pessoas do mesmo sexo é um avanço da sociedade, que estará apenas regulamentando o que de fato já existe.

Tanto o homossexual como o heterossexual devem buscar a sua reforma interior, não cedendo aos arrastamentos provocados pelos impulsos instintivos e sensuais. Lembremos, o que é ilícito ao hetero, também o é ao homossexual. Ambos precisam "distinguir no sexo a sede de energias superiores que o Criador concede à criatura para equilibrar-lhes as atividades, sentindo-se no dever de resguardá-las contra os desvios suscetíveis de corrompê-las. O sexo é uma fonte de bênçãos renovadoras do corpo e da alma" (13)

Mister, portanto, reconhecer que ao serem identificados os pendores homossexuais das pessoas nessa dimensão de experiência é imperioso se lhes oferte o amparo educativo pertinente, nas mesmas condições que se administra instrução

à maioria heterossexual da sociedade.

Acreditamos, por fim, que estas ideias poderão levar, a quantos as lerem, a meditar, em definitivo, sobre o assunto, lembrando que a homossexualidade transcende em si mesmo à simples questão da permuta sexual.

(*) Publicado no site <http://jorgehesen.net> item 13 ano 2006.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001.

(2) A Ciência já encontrou a homossexualidade nas diversas espécies pesquisadas em seus habitat, excluindo as hipóteses de cativeiro ou interferências outras. Até nos insetos há homossexualidade. Isso mostra que a homossexualidade é uma manifestação como qualquer outra da Natureza, ou mais propriamente falando: faz parte da obra de Deus.

(3) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001.

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. Feb, 2000, perg. 202

(5) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001.

(6) Filogenia (história evolucionária das espécies) opõe-se à ontogenia (desenvolvimento do indivíduo desde a fecundação até a maturidade para a reprodução).

(7) Disponível em acessado em 21/04/06

(8) Publicada no Jornal Folha Espírita do mês de Março de 1984

(9) A recomendação do Espiritismo para o respeito e a compreensão para com os irmãos que transitam em condições sexuais inversivas (homossexualismo) ocorre em função do sentimento de fraternidade ou caridade que deve presidir o

relacionamento humano, mas igualmente pelo fato de que nenhum de nós tem autoridade suficiente para condenar quem quer que seja, pois todos temos dificuldades morais e/ou materiais graves que precisam de educação.

(10) João, cap. VIII, vv. 3 a 11

(11) Disponível em acessado em 21/04/2006

(12) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001.

(13) Xavier, Francisco Cândido. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001.



Homossexualismo

Pergunta - Como nossos Amigos Espirituais conceituam o problema homossexual?

Chico Xavier - O problema da homossexualidade sempre existiu em todas as nações, no entanto, com a extensão demográfica no Planeta, o assunto adquiriu características de grande intensidade, ou de mais intensidade, porque, nos últimos 50 anos, a ciência psicológica tem-se preocupado detidamente e com razão, no que se refere aos ingredientes mais íntimos da nossa natureza pessoal.

Estamos efetuando a descoberta de nós mesmos, para além dos padrões psicológicos conhecidos ou milimetrados pelos conhecimentos que possuímos, dentro dos preceitos e preconceitos respeitáveis, que nos regem o comportamento social e humano.

No caso, é justo observar que os impositivos da disciplina e da educação devem oferecer-nos barreiras construtivas para que o abuso não destrua quaisquer benefícios estabelecidos em leis.

Creemos que tendências à homossexualidade surgem na criatura após muitas existências dessa mesma criatura nas condições de feminilidade ou vice-versa. Pensamos assim, na base da reencarnação, porquanto, além dos sinais morfológicos, a individualidade é a própria individualidade em si, com todas as suas experiências das existências anteriores.

Em vista disso, a homossexualidade pode ser examinada hoje proporcionando ao homem vasto campo de estudos, quanto à natureza bissexual do Espírito.

O tema é, porém, objeto para simpósios de cientistas, e

instrutores da Humanidade, até que possamos encontrar a fórmula exata para decidir do ponto de vista legal, quanto ao destino dos nossos companheiros num sexo ou noutro, que trazem a inversão por clima de trabalho a ser laboriosamente valorizado pela pessoa que se faz portadora de semelhante condição para determinadas tarefas.

Sabemos que grandes civilizações, como por exemplo a civilização greco-romana, depois de alcançarem avanço espetacular no campo da inteligência, ao perquirirem a natureza complexa do homem, encontraram problemas de sexo muito profundos, que os legisladores de então não quiseram ou não puderam reconhecer. Esses problemas, no entanto, explodindo sem a cobertura de preceitos legais, em plenitude de intemperança nas manifestações afetivas, cooperaram na decadência de ambas as civilizações, grega e romana, que se perderam no tempo, sob o ponto de vista de respeitabilidade e domínio.

Esperemos que os Mensageiros da Vida Maior inspirem os nossos dignos representantes da Ciência e da Justiça na Terra para que a solução do problema apareça oportunamente, favorecendo a paz e a concórdia nos vários campos de evolução da Humanidade.

Livro: A Terra e o Semeador
Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel
IDE - Instituto de Difusão Espírita

Supremo Tribunal Federal confirma predição de Chico Xavier

Hoje, 05/05/2011, tivemos os seguintes argumentos dos integrantes da maior Corte do Brasil - o STF, na decisão unânime favorável à união estável dos homossexuais:

1) "O reconhecimento jurídico das uniões homossexuais não enfraquece a família, mas antes fortalece." Roberto Gurgel - Procurador-Geral da República

2) "Privar os membros de uniões homossexuais afetivas atenta contra sua dignidade, expondo-os a situações de risco social injustificável. " Roberto Gurgel - Procurador-Geral da República

3) "O sexo das pessoas não se presta como fator de desigualdade jurídica."

Ministro-Relator Carlos Ayres Britto

4) "A escolha por uma união homoafetiva é individual e íntima."

Ministra Carmem Lúcia

5) "O homossexualismo é um traço da personalidade, não é uma ideologia nem é uma opção de vida. "

Ministro Luiz Fux

6) "O reconhecimento de uniões homoafetivas encontra seu fundamento em todos os dispositivos constitucionais que tratam da dignidade humana."

Ministro Joaquim Barbosa

7) "Uma sociedade decente é uma sociedade que não humilha seus integrantes."

Ministra Ellen Gracie

8) "O Brasil está vencendo a guerra desumana contra o preconceito, o que significa promover o desenvolvimento do Estado de Direito, sem dúvida alguma."

Ministro Marco Aurélio de Mello

Anteriormente, em 12/12/1971, nosso inesquecível Chico Xavier nos brindou, no Programa Pinga Fogo, da extinta TV TUPY, com sua lúcida e pacificadora antevisão acerca deste assunto, cabe rememorar:

" ...mas não devemos desconsiderar, de maneira nenhuma, a maioria de nossos irmãos que vieram e que estão na Terra em condições inversivas do ponto-de-vista de sexo, realizando tarefas muito edificantes em caminho da redenção de seus próprios valores íntimos. Consideramos isso com muito respeito e acreditamos que a legislação do futuro em suas novas faixas

de entendimento humano saberá, dentro da família, sem abalar as bases da família, a legislação humana saberá incorporar à família humana todos os filhos da humanidade, todos os filhos da Terra, sem que a frustração afetiva venha continuar sendo um flagelo para milhões de pessoas... a frustração afetiva é um tipo de fome capaz de superlotar os nossos sanatórios e engendrar os mais obscuros processos de obsessão, e por isso mesmo, devemos ter esperança de que todos os filhos de Deus na Terra, serão amparados por leis magnânimas com base na família humana, para que o caráter impere acima dos sinais morfológicos e haja compreensão humana bastante para que os problemas afetivos sejam resolvidos com o máximo respeito às nossas leis sem abalar de um milímetro o monumento da família que é a base do Estado."



Idolatria, uma cegueira dos sentimentos

Com todo o vigor de afeição arrebatada que voluntariamente lançamos a algum médium ou orador, não evitamos empreender amplo dolo de sentimentalismo. Mas urge que “fujamos ao condenável sistema de adoração recíproca, em que a falsa ternura opera a cegueira do sentimento”. (1) No atual movimento espírita vem surgindo, em vários lugares, confissões de afago exagerado, endeusamento, adulação indigesta, confetes intermináveis, recorrentes e baldios, disputas por fotografias ao lado de médiuns famosos etc.

Adota-se assustadoramente o hábito dos dirigentes incautos de elogiar e exaltar médiuns e oradores em público. Essas pompas e grandiloquências, observadas à volta de alguns espíritas ilustres, é bem a repetição dos faustos do cristianismo sem o Cristo. Infelizmente, ressalta-se a devassidão emocional de decompor, especificamente oradores do arraial espírita, em personagem de semideus. Conheço confrades que habituem alardear que são amigos “íntimos” desses espíritas semideuses, como se esse fato abonasse credencial especial para eles. Será que ser “amigo” de médium divinizado os tornam superiores? A rigor, “criar ídolos humanos é pior que levantar estátuas destinadas à adoração”. (2) Quem se encontra nesse abarcamento afetuoso passa a se esquecer das adequadas obrigações básicas de crescimento para o Criador e para o Mestre Jesus.

Percebemos o fanatismo, o fascínio, a pieguice, a exaltação, o arrebatamento exagerado, a sujeição ideológica maníaca, mormente na área da psicologia. Os anseios embaraçados suscitados na fantasia delirante tonificam, fortalecem e levedam

o culto crônico do "EGO". Com suas mentes frenéticas, entronam tais médiuns imprevidentes, deificam alguns oradores e forjam pedestais aos dirigentes personalistas. É imprescindível não elogiar (adular) dirigentes, médiuns e oradores que estejam agindo de conformidade com as nossas conveniências, para não lhes criar empecilhos à caminhada enobrecedora, embora nos constitua dever prestar-lhes assistência e carinho para que mais se agigantem nas boas obras. Até porque a adulação é tóxico em formato verbal. Por essa razão, não esqueçamos "ainda quando provenha de círculos bem-intencionados, urge recusar o tóxico da lisonja, pois no rastro do orgulho, segue a ruína." (3)

Kardec advertia: "As faculdades de que gozam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens, os cumprimentos e as adulações: eis o seu tropeço". (4) É inquietante a lisonja de médiuns nas hostes espíritas. "Combatamos os ídolos falsos que ameaçam o Espiritismo cristão".(5) A Bíblia, a Torah e o Alcorão são particularmente taxativos quanto à idolatria, comparando-a com alguns dos piores crimes e iniquidades concebíveis. Destarte, "é indispensável evitar a idolatria em todas as circunstâncias. Suas manifestações sempre representaram sérios perigos para a vida espiritual."(6)

Desde que adentramos nos portais dos ensinamentos kardecianos, aprendemos que o elogio (ainda que bem intencionado) nos entenece e ilude. "As crenças antigas permanecem repletas de cultos exteriores e de ídolos mortos. O Consolador, enviado ao mundo na venerável missão espiritista, vigiará contra esse venenoso processo de paralisia da alma".(7) Escorregar para o despenhadeiro ameaçador da prática obsessiva do endeusamento a médiuns e oradores espíritas é prática inteiramente avessa aos princípios libertadores do Espiritismo.

"Aqui e acolá, surgem pruridos de adoração que se faz imprescindível combater. Não mais imagens dos círculos humanos, nem instrumentos físicos supostamente santificados

para cerimônias convencionais, mas entidades amigas e médiuns terrenos que a inconsciência alheia vai entronizando, inadvertidamente, no altar frágil de honrarias fantasiosas. É necessário reconhecer que aí temos um perigo sutil, através do qual, inúmeros trabalhadores têm resvalado para o despenhadeiro da inutilidade". (8)

Cochicha a prudência cristã que nunca cederíamos campo à vaidade se não vivêssemos reclamando o deletério coquetel da adulação ao nosso egocentrismo doentio. Invariavelmente ficamos submissos às injunções sociais quando buscamos aprovação (bajulação) dos outros, "quando permanecemos na posição de permanentes escravos e pedintes do aplauso hipócrita e do verniz, da lisonja, condicionando-nos a viver sem usufruir de liberdade de consciência, submetendo-nos a ser manipulados pelos juízos e opiniões alheias."(9)

O espírita que esquadrinhe provar a humildade é alguém transparente que modera em ser continuamente autêntico. Não vive atrás de confetes, não perturba e nem é difícil no relacionamento com o próximo. Não cultiva em seu coração qualquer empenho infeliz de superioridade e cobrança, embuste e concorrência, prevenção e arrogância.

O espírita leal, com o Cristo percebe-se pessoa comum como qualquer outra. Exibe suas emoções e conceitos com sensatez e prudência, e a sua fidelidade de sentimento é imagem fulgente da boa-fé, que reproduz seu caráter incorruptível.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Missionário da Luz, ditado pelo Espírito André Luiz, capítulo 20, "Adeus", Rio de Janeiro: Editora FEB, 2000

(2) Xavier, Francisco Cândido. Pão Nosso, ditado pelo Espírito Emmanuel, capítulo 150, "É o mesmo", Rio de Janeiro:

Editora FEB.

(3) Xavier, Francisco Cândido. Missionário da Luz, ditado pelo Espírito André Luiz, capítulo 20, "Adeus", Rio de Janeiro: Editora FEB, 2000

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, cap. XXXI, item XII, "Sobre os Médiuns", pág. 410, São Paulo: Editora LAKE, 1997

(5) Xavier, Francisco Cândido. Pão Nosso, ditado pelo Espírito Emmanuel, capítulo 52, "Perigos sutis", Rio de Janeiro: Editora FEB, 1997

(6) Idem

(7) idem

(8) idem

(9) Xavier, Francisco Cândido. Saudação do Natal – Mensagem "Trilogia da vida", ditado pelo espírito Cornélio Pires, SP: Editora CEU, 1996



Diante do mal, o bem é a meta

Antes de expormos algumas ponderações doutrinárias acerca do mal e do bem é interessante sabermos os seus significados. Filosoficamente a primeira (mal) define-se como privação ou imperfeição, ou aquilo que é nocivo, prejudicial, que se opõe ao bem, à virtude, à probidade, à honra.

No que reporta ao bem são atribuídas ações e obras humanas que lhes confere um caráter moral.(1) E para não incorrer no maniqueísmo(2) inócuo consignamos que "a evolução para Deus pode ser comparada a uma viagem divina. O bem constitui sinal de passagem livre aos cimos da Vida Superior, enquanto o mal significa sentença de interdição, constringendo-nos a paradas mais ou menos difíceis de reajuste."(3)A maldade dos homens sempre inquietou os pensadores dos mais diversos campos do saber e da ação humana: filosofia, ciência, arte, religião.

A exemplo de Hanna Arendt, filósofa judia, que estudou as questões do mal e suas teses estão ínsitas no livro Eichmann em Jerusalém, que analisa o julgamento do verdugo nazista, mentor da morte de milhares de pessoas. Tendo como referencial o caso Eichmann, Hanna Arendt justifica que o mal pode tornar-se banal e difundir-se pela sociedade como um fungo, porém apenas em sua superfície. Para ela as raízes do mal não estão definitivamente instaladas no coração do homem e por não conseguirem penetrá-lo profundamente a ponto de fazer nele morada, podem ser extirpadas. Para muitos o mal seria mais forte que o Bem, e que os Espíritos do mal estariam conseguindo derrotar os Benfeitores espirituais, frustrando-Lhes os desígnios superiores. Em que pese a antiga tradição de tais

conceitos, são insustentáveis e falsos, diríamos mesmo, absurdos. Admitir o triunfo do maligno, a prejuízo da humanidade, é o mesmo que negar ao Senhor da Vida os atributos da onisciência e da onipotência, sem os quais não poderia ser verdadeiramente Deus.

O mal não é criação do Todo-Poderoso como imaginam algumas pessoas, especialmente aquelas que vivem distanciadas do entendimento evangélico. O mal é transitório, não tem raízes, o bem é permanente. O mal define à medida que o bem se estabelece. Foi por isto que Jesus dizia que o Reino dos Céus começa em nosso coração e, compara-o ao fermento que transforma e engrandece a massa; o Reino dos Céus é como a semente de mostarda cuja árvore é múltipla em benefícios. A humanidade vem nos últimos anos passando por transformações preocupantes. A influência da matéria sobre a vida social cresce incessantemente. Os valores morais estão sendo corrompidos com espantosa velocidade. Nunca o mundo precisou tanto dos ensinamentos espíritas como neste tempo atuais. Vivenciamos instantes em que se aguça o individualismo enodoando o tecido social, e nos vendavais da tecnologia somos remetidos aos acirramentos das desigualdades e isolamentos, estabelecendo-se níveis de conforto e exclusão sociais nunca antes experimentados. Atualmente, consegue-se a compra pela Internet, assiste-se ao filme no shopping, trafega-se pelas avenidas em veículos luxuosos. Vive-se sem convivência fraterna, numa doentia soledade a despeito de um mundo superpovoado de encarnados.

Em que pese para os mais otimistas a convicção do alvorecer da Nova Era espiritual que vem chegando, ocupando espaço, no contexto dos avanços da ciência que impulsiona a massa humana para a conquista da paz. E ante os paradoxos acredita-se na existência do elo entre a fé e a razão, entre a ciência e a religião, entre verdade física e verdade metafísica, em que o instinto cede em face da razão, e a sábia consciência

direciona os sentimentos sublimes de amor, justiça e caridade. Mas não há como se desconhecer a luta pela subsistência. São as enfermidades. As insatisfações. Os conflitos emocionais. Os desenganos. As imperfeições próprias daqueles com os quais convivemos. Enfim, as mil e uma vicissitudes da existência. Nesse autêntico amálgama, usando e abusando do livre arbítrio, cada qual vai colhendo vitórias ou amargando derrotas, segundo o grau de experiência conquistada. Uns riem hoje, para chorarem amanhã, e outros que agora se exaltam, serão humilhados depois. Devemos interrogar a própria consciência, passando em revista os atos cotidianos, para a identificação dos desvios do deveres que deveriam ter sido cumpridos e dos motivos alheios de queixa por conta dos nossos atos. Revisemos periodicamente nossas quedas e deslizos no campo moral, ativando a memória para nos lembrarmos dos tantos espinhos que já trazemos cravados na "carne do espírito"(4), tal como ensina Paulo de Tarso. Estes espinhos nos lembrarão a nossa condição de enfermos em estágio de longa recuperação, necessitados de cautela. O mal não é invencível, pelo contrário.

O homem possui na sua natureza a flama do bem. Somente quando se distancia da sua origem divina é que se compraz com o mal. Para se livrar das ações negativas dos malfeitores espirituais, basta sintonizar-se com seu lado superior buscando fazer o bem aos outros: em pensamentos, palavras e ações. E, claro, não se deve transferir a responsabilidade dos próprios erros à intervenção do verdugo do além, que só exerce a sua influência porque encontra campo fértil para isso. Allan Kardec registra em Obras Póstumas "Deus não criou o mal; foi o homem que o produziu pelo abuso que fez dos dons de Deus, em virtude de seu livre arbítrio.(5)" Não é simples, porém, nos livrarmos do mal que praticamos. Mal que nasce em nós, nos impregna e temporariamente passa a fazer parte de nossa personalidade. Paulo de Tarso na sua carta aos romanos tece

comentários sobre as lutas que se deve travar para combater o mal em nós mesmos, em frase já célebre: "Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço"(6). O mal a que se refere Paulo em suas epístolas é o mal trivial que subsiste em nós e é alimentado por nossa vontade. E que, em certa medida, nos proporciona prazer pelo torpor de consciência. Daí a nossa dificuldade de nos desembaraçarmos dele. Diante da banalização do mal, conforme anota Arendt, que se espalha pelo mundo dos homens, resta-nos individual e coletivamente nos lançarmos ao bom combate, conforme o Apóstolo dos gentios(7), que é constante, exigindo-nos disciplina e perseverança. E uma das questões cruciais que funciona como um divisor de águas da Doutrina espírita em relação a outras religiões é a necessidade de se praticar o bem para o crescimento espiritual.

O Espírito encarnado ou não, é um ser inteligente, desta forma, o bem para ser bem, para ter eficácia, não prescinde de um conteúdo pedagógico cujo fundamento está justamente no porque fazer o bem. O homem tem recursos de distinguir por si mesmo o que é bem do que é mal, quando crê em Deus e o quer saber. Deus lhe deu racionalidade para distinguir um do outro. Mas, urge meditarmos que o bem não nos imunizará do sofrimento, resolvendo todos os problemas, mas ajudar-nos-á a arrostar os momentos cruciais com ânimo robusto, evitando que nos cristalizemos no pessimismo e oferecendo-nos resistência para vencer dificuldades e não contrair novos compromissos morais negativos. Joana de Angelis induz-nos a lembrar para nunca desistirmos de fazer o bem, face do aparente triunfo do mal em desgoverno, em torno de nossas vidas. Passada a tempestade, a luz volta a fulgir.

A sombra é somente ausência da claridade. Não é real. Só Deus é Vida; somente o Bem é meta.(8) Para que possamos vislumbrar um mundo sem angústias e nem problemas sociais, livres das misérias econômicas e políticas, apelemos para o

amor incondicional, que possui os recursos eficazes para a conciliação, o perdão, a transformação moral, fomentando o bem para o progresso o que concorre para enriquecer nossa sensibilidade, aprimorar nosso caráter, fazer que se nos desabrochem novas faculdades, o que vale dizer, se dilatam nossos gozos e aumente nossa felicidade.(9)

Referências bibliográficas:

(1) Esta qualidade se anuncia através de fatores subjetivos (o sentimento de aprovação, o sentimento de dever) que levam à busca e à definição de um fundamento que os possa explicar.

(2) Filos. Doutrina do persa Mani ou Manes (séc. III), sobre a qual se criou uma seita religiosa que teve adeptos na Índia, China, África, Itália e S. da Espanha, e segundo a qual o Universo foi criado e é dominado por dois princípios antagônicos e irreduzíveis: Deus ou o bem absoluto, e o mal absoluto ou o Diabo. 2. P. ext. Doutrina que se funda em princípios opostos, bem e mal.

(3) Xavier, Francisco Cândido. Ação e Reação, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 2001, cap. 19.

(4) 2ª Epístola De S. Paulo Aos Coríntios: 7 - E, para que não me exaltasse pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de não me exaltar.

(5) Kardec, Allan. Obras Póstumas. RJ: Ed. FEB, 1999

(6) Romanos 7:19

(7) (2Tm 4,7) "Combati o bom combate, percorri o caminho e guardei a fé".

(8) Franco, Divaldo Pereira. Da obra: Momentos Enriquecedores. Ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL, 1994

(9) Fonte: Reformador - Janeiro - 1966, artigo O Problema do Mal de Rodolfo Calligaris



Magia negra, possessão e loucura - Comentários de um kardecista

Recentemente, em São Paulo, um jovem de 19 anos foi morto por sua própria mãe, provavelmente, por força de um ritual de magia negra. Quando foi presa, estava em crise psicótica (loucura? ou possessão?); falava sobre demônios e assuntos satânicos, e seis policiais foram necessários para dominar aquela senhora que pertencia a comunidades religiosas não convencionais da internet que adotam o sacrifício humano. Conforme investigação policial, ela teria dito que o filho tinha que ser morto por um "bem maior" (...!?) Em os Atos dos Apóstolos, lemos o seguinte "e o homem que estava possesso do espírito mau pulou sobre eles com tanta violência, que tiveram de fugir daquela casa, sem roupas e cobertos de ferimentos."(1)

Considerando o trágico episódio, deliberei acessar um site que divulga essas práticas de magia negra. Observei que há advertências ameaçadoras do tipo: "não se meta em aventuras" - "os perigos espreitam..." - "tem que estar preparado(a), os riscos são muito grandes..." - "não faça nada sem ajuda de um mago".(!!!!) No site, sem colorido agradável, encontrei ainda o seguinte trecho: "existem em nós forças vivas não utilizadas, e muitas influências não controladas, que podem ser usadas em tudo. Forças, que podem ser usadas para vosso benefício desde agora, e servir para vos conduzir nos caminhos do grande sucesso, nos campos afetivo, profissional e financeiro, além da resolução dos mais diversos problemas que se nos apresentam no dia a dia, contudo, devo chamar a atenção para as graves consequências, isto se não souber lidar com tais influências,

que além de outras coisas nos podem levar à loucura e perdição total". Lendo essas advertências na Internet, senti-me vivendo os densos ares medievais, em que pese nossa pujante era cibernética.

Na ameaçadora home Page, tive que ler: "ainda hoje se realizam as famosas missas negras e os participantes, são em geral pessoas cultas e de formação superior. O satanismo tem cada vez mais iniciados, e tudo isso faz parte de um mundo que não é visto com bons olhos, porque ninguém acredita ..!mas...como são grandes e inúmeros os problemas resolvidos diariamente com a magia e solicitados pelas mais diversas classes sociais. Viva a magia, a feitiçaria e tudo o mais que rodeia o oculto." Regurgita o "mago" coordenador do macabro site. Ressalte-se que nas práticas kardecistas, conforme os ensinamentos dos Espíritos, não se fazem sacrifícios humanos, não se interrogam astros, adivinhos e magos para se informar de qualquer "revelação"; não se usam objetos, medalhas, talismãs, fórmulas sacramentais, e nem se escolhem lugares lúgubres e horários específicos para atrair ou afastar Espíritos.

Na sociedade medieval, temerosa dos poderes espirituais ocultos, a doença mental era encarada como resultado da presença demoníaca, da força maligna na sua plena ação. O louco era submetido a sessões de tortura física e psicológica; não havia compreensão e um sentimento de ódio e temor rondavam a relação entre os sãos e os doentes. O desconhecimento quase que completo, levou à busca de tratamentos dolorosos aos doentes. A trepanação - matriz das modernas lobotomias - consistia em abrir buracos nos crânios dos doentes de 2,5 a 5 cm de diâmetro, sem anestesia ou assepsia adequadas. Os "doutores" buscavam remover a pierre de folie (pedra da loucura) que acreditavam existir nos cérebros dos doentes. O que acontecia de fato é que eram feitas verdadeiras mutilações que exauriam as forças dos doentes e, por vezes, acabavam por deixar os pacientes privados de certos

movimentos.

A partir do século XIX, com o nascimento da psicanálise e as importantes contribuições de Freud, a psiquiatria, como um dos braços da medicina, pôde avançar em alguns pontos no tratamento da loucura, mas não suficientemente. "Há desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. Dando a conhecer essa fonte, donde provém uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente (espírito), deve ser tratado por meio da inteligência." (2)

A psiquiatria tem estado atada pelos limites do cérebro, pelas barreiras do corpo material, fonte que, sabemos, não é a origem principal da doença, mas sim a manifestação de algo que é externo a ele. Vejamos agora no que o Espiritismo contribuiu para o entendimento dessa questão. Allan Kardec e os Espíritos da Codificação nos apresentaram um elemento primordial para o entendimento do ser humano na sua essência: o Espírito. O ser imortal; aquele que viveu e viverá inúmeras existências através das reencarnações. A loucura - ou a doença mental, como preferir - deve ser também encarada sob esse prisma, como reflexo de erros assumidos no passado. Como se manifesta de uma forma negativa, trazendo sofrimento, tanto para o doente, como para a família, há que se concluir que seja reflexo de uma falta anterior.

Outro aspecto que temos de considerar é a loucura desencadeada por um processo obsessivo ou possessivo, que, também, tem por causa um ato anterior. Um histórico de disputas e relações não resolvidas envolvem vítima e algoz, agora, em papéis invertidos. O obsessor ou "possessor" acredita que sua má influência, como vingança ao ofensor encarnado, o livrará da dor que carrega, influência essa que pode, inclusive, levar o obsidiado ou possesso a um diagnóstico

equivocado de deficiência mental.

Não cremos no poder irrestrito das forças dos espíritos maus em face de pacto de magia negra com os mesmos. Há, no entanto, pessoas (encarnadas) perversas, no limite da loucura, que simpatizam com os Espíritos inferiores (ignorantes) e pedem que eles pratiquem o mal, ficando, então, obrigados a servi-los, porque estes, também, precisam da "recompensa" pelo empenho no mal. Nisso, apenas, é que consiste o pacto. É como explicam os Benfeitores: "por exemplo - queres atormentar o teu vizinho e não sabes como fazê-lo; chamas então os Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal; e para te ajudar querem também que os sirva com seus maus desígnios. Mas disso não se segue que o teu vizinho não possa se livrar deles, por uma conjuração contrária ou pela sua própria vontade."(3)

Objetivamente falando, a possessão pode ser promovida, também, por um Espírito bom. "A possessão pode ser o feito de um bom Espírito que quer falar e, para fazer mais impressão sobre os seus ouvintes, toma emprestado o corpo de um encarnado, que este lhe cede voluntariamente tal como se empresta uma roupa. Isto se faz sem nenhuma perturbação ou incômodo e, durante este tempo, o Espírito se encontra em liberdade como num estado de emancipação e frequentemente se conserva ao lado de seu substituto para o ouvir."(4)

No trágico caso que estamos analisando, podemos também inferir sobre um processo de subjugação profunda, lembrando que a possessão é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar, definitivamente, o lugar de um encarnado, pelo simples fato de que a união molecular do perispírito com o corpo só se opera no momento da concepção. No caso de posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade

psicofônica, em que o Espírito encarnado fala, transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o espírito "possessor" quem fala e age. Servindo-se dos órgãos e dos membros da infeliz vítima, blasfema, injúria e maltrata os que a cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa, inclusive homicídio.

Cabe lembrar que o encarnado pode, também, por sua vontade, lançar uma carga de fluidos mórbidos sobre uma pessoa, e se esse magnetismo inferior encontrar sintonia em quem está sendo alvo dessa má intenção, os efeitos poderão ser maléficos. Um Espírito desencarnado também pode fazê-lo, com consequências iguais às do encarnado. Ora, os trabalhos feitos (despachos), "macumbas" ou magia negra nada mais são do que o movimento de baixo magnetismo, realizado por homens e Espíritos perversos.

Para libertar alguém que esteja sendo vítima desse mal, não é necessário o uso de qualquer objeto material, ou ritual, como acontece em terreiros. Porém, é importante um preparo moral e intelectual mínimo. O tema "magia negra" ainda não foi estudado de forma abundante pelos pesquisadores espíritas, isto é, pelos seguidores da Doutrina Espírita, codificada por Kardec. Há confrades que não acreditam na possibilidade da existência dos conjuros, ou trabalhos feitos, como é conhecida a Magia Negra. No entanto, um estudo cuidadoso da teoria de O Livro dos Espíritos, e de algumas citações feitas por Allan Kardec na Revista Espírita, mostram que essas manobras mediúnicas, com a finalidade de prejudicar o próximo, são perfeitamente possíveis. Como citei acima, na questão 549, Kardec pergunta - Há alguma coisa de verdadeiro nos pactos com os maus Espíritos? Na resposta, o Espírito de Verdade demonstra, de maneira muito clara, que é possível uma criatura evocar maus Espíritos para ajudá-la a causar mal a outra pessoa. A resposta esclarece, ainda, que esse ato pode ser

realizado por uma sequência de procedimentos conhecidos como conjuração. Vai mais adiante, dizendo que a pessoa atingida pelo malefício poderá se livrar dele, por uma vontade poderosa ou por uma conjuração contrária àquela que foi usada, com maus propósitos, para prejudicá-la. Um desconjuro, que nos terreiros se chama: "desmanche".

Aquilo que pode fazer um espírito encarnado, dardejando seu próprio fluido sobre uma pessoa, um desencarnado pode, igualmente, fazer, desde que tenha o mesmo fluido. Desse modo, pode magnetizar e, dependendo de ser bom ou mau o fluido emitido, sua ação será benéfica ou malfazeja".(5)

Na pergunta 551, Kardec indaga se alguém poderia fazer mal ao seu próximo, com auxílio de um Espírito mau que lhe fosse devotado. A resposta é clara: "Não, Deus não o permitiria." (6) Aprofundando a questão, vejamos: Na questão 557, Os Espíritos explicam: "Deus não ouve uma maldição injusta".(7) Isso pode significar que permite uma maldição justa, ou seja, quando o homem de alguma forma, ou por alguma razão, mereça aquele mal. A assertiva 552, de O Livro dos Espíritos, permite-nos compreender que: "...algumas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso, se seu próprio Espírito for mau. Nesse caso, poderão ser secundadas por maus Espíritos".(8) Numa situação inversa ao que utilizamos nos centros espíritas, pessoas de mentalidade doentia, cheias de maus pensamentos, dotadas de grande poder magnético, com más intenções, secundadas por maus Espíritos, podem arremessar cargas fluídicas negativas sobre aqueles a quem querem prejudicar.

Os maus Espíritos pululam ao redor da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos, aos quais a Humanidade está exposta neste mundo. O Espiritismo considera a gênese do fenômeno da possessão uma faculdade mediúnica desgovernada e trata esse tipo de manifestação através do

diálogo com o Espírito possessor, buscando compreender suas razões para esclarecê-lo e libertá-lo da sua própria ignorância e confusão mental. Nas reuniões de Magia Negra os objetos materiais e os rituais são utilizados para fortalecer a fé nos maus propósitos projetados àqueles contra os quais se deseja prejudicar. A assistência espiritual é de Espíritos inferiores, que se identificam com seres encarnados, também, de qualidades morais inferiores, desejosos por afligir e enfermar o próximo ou, ainda, ver realizados os interesses de ordem material. Se as criaturas visadas estiverem sintonizadas em faixas de equivalência vibratória, não tenhamos dúvidas de que serão atingidas por elas. É bem verdade que os bons Espíritos nos protegem destes malefícios, mas temos que ter merecimento para isso. É a sintonia. Alguém duvida disso?

Referências bibliográficas:

- (1) Atos 19: 16
- (2) Kardec, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro: Ed FEB 2001, capítulo XIV, itens 47 e 48
- (3) _____, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 1999, questão 549
- (4) _____, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro: Ed FEB 2001, capítulo XIV, item 48
- (5) _____, Allan. "Estudos sobre os possessos de Morzine", in Revista Espírita, São Paulo: Edicel, dezembro de 1862; Janeiro, Fevereiro, Abril., Maio. 1863
- (6) _____, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 1999, questão 551
- (7) idem questão 557
- (8) idem questão 552



Liberdade e escravidão no contexto da Doutrina dos Espíritos

Estima-se que existam no mundo entre 12 a 27 milhões de pessoas escravizadas nas diversas atividades da indústria, serviços urbanos, agricultura e nos calabouços da prostituição. “Andrew Forrest, o 4º homem mais rico da Austrália e 211º do mundo, segundo o ranking da revista Forbes, almeja erradicar a exploração do trabalho forçado do planeta. Em 2012 ele criou a ONG Walk Free, injetou nela 8 milhões de dólares, mais doze milhões em 2013, e aliou-se ao mais famoso dos neoabolicionistas, o americano Kevin Bales. O primeiro fruto da Walk Free é um mapeamento da exploração da mão-de-obra em 162 países do mundo”. (1)

Constatamos que Forrest (talvez ele nem saiba disso) movimentou-se sob os auspícios dos ideais que alguns ricos disseminaram na Europa no século XIX. À época instituíram metas solidárias (2) para a erradicação da escravidão na sociedade, e sob essa bandeira abolicionista vários países aderiram, inclusive o Brasil.

No entanto, os envelhecidos ideários abolicionistas não conseguiram erradicar a servidão da sociedade. O termo “escravidão” constitui prática social em que um homem assume direitos de propriedade sobre outro através do engenho da barbaridade. Em algumas sociedades, desde os tempos mais remotos, os escravos eram legalmente definidos como uma mercadoria. A expressão “escravidão” aqui pesquisada tem significado peculiar, pois atualmente não se compram ou se vendem pessoas como outrora. No entanto, é legítima a expressão escravidão para mencionar, por exemplo, as atuais

relações de cidadania ante governos autoritários e de trabalho em que os trabalhadores são constrangidos a desempenhar uma atividade contra sua vontade, sob intimidação, agressão corporal e psicológica ou outras formas de barbaridade. Portanto podemos dizer que há escravidão nos países, notadamente os de "soberania popular volátil", regados a regimes totalitários, onde não se admite livre expressão do pensamento. A liberdade de consciência é uma particularidade da civilização em seu mais adiantado estágio de desenvolvimento. Uma sociedade pacata para sustentar a estabilização, a conformidade e o conforto necessita constituir preceitos coerentes, leis e códigos legais portadores de medidas disciplinadoras.

Para a Doutrina dos Espíritos, os meios compõem os fins; não se pode aspirar ao amor, à justiça, à liberdade, operando por meios impetuosos, abomináveis, políticos e partidários violentos. Na questão 837 de O Livro dos Espíritos, Kardec indagou qual seria o resultado dos entraves à liberdade de consciência. E os Espíritos responderam: "Constrangimento dos homens a agir de maneira diversa ao seu modo de pensar, o que os tornaria hipócritas". (3) As doutrinas materialistas "são as grandes chagas da sociedade". (4) Qualquer organização social "fundada sobre base materialista traria em si mesma os germes da dissolução e os seus membros se despedaçariam entre si como animais ferozes." (5)

Há diversos tipos de cerceamento da liberdade ("escravidão contemporânea"), a exemplo das mulheres e meninas que são "arreatadas" para a servidão dos empregos de ocupações domésticas ou de ajudantes de serviços gerais, além de ocorrerem, em várias partes do orbe, o tráfico de mulheres para o meretrício forçado.

Impossível permanecermos impassíveis frente à brutalidade e violência contra a liberdade humana em pleno século XXI. Sou apolítico por natureza, mas avaliando diariamente os

noticiários nacionais e internacionais sobre a liberdade do cidadão, apesar de revelar uma aberração, identificamos que a escravidão, sobretudo ideológica e partidária, ainda acontece em diversas partes do mundo, mormente nos países unipartidários, a exemplo da República Popular da China, República de Cuba, República Socialista do Vietname, República Democrática Popular da Coréia, República Democrática Popular de Laos.

Sobre a escravidão através do tráfico de pessoas (principalmente mulheres e crianças), nenhum país do planeta está livre dessa desonra. O trabalho escravo contemporâneo pode ser tão ou mais cruel que sua versão histórica, pois suas vítimas oferecem-se voluntariamente ao serviço, iludidas por uma promessa de emprego.

Mergulhando doutrinariamente na essência do tema "Escravidão X Abolição", somos convidados a compulsar a monumental obra literária espírita "Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho", a fim de nos deter na elaboração da Abolição no Brasil, inicialmente articulada no além-túmulo, segundo certifica o Espírito Humberto de Campos. O célebre poeta maranhense, "Conselheiro XX" da Academia Brasileira de Letras, expõe que a Princesa Isabel reencarnou compromissada com a libertação dos escravos na "Pátria do Cruzeiro". Todavia, todo o curso do processo já vinha sido tracejado pelas equipes de Ismael, sob as ordens de Jesus, que buscavam administrar as animações republicanas e abolicionistas com elevada quietação e muita prudência, com o intento de impedir desordens.

Disse o Mestre:

- Ismael, o sonho da liberdade de todos os cativos deverá concretizar-se agora, sem perda de tempo. Prepararás todos os corações, a fim de que as nuvens sanguinolentas não manchem o solo abençoado da região do Cruzeiro. Todos os emissários celestes deverão conjugar esforços nesse propósito e, em

breve, teremos a emancipação de todos os que sofrem os duros trabalhos do cativo na terra bendita do Brasil. Sob a anuência do Governador da Terra, Ismael deu início à tarefa de erradicar a escravidão no Brasil. Influenciado pelos responsáveis invisíveis da pátria, D. Pedro II foi apartado do trono nos albores de 1888. Desta forma, a Princesa Isabel, que já havia sancionado a Lei do Ventre Livre em 1871 - lei que garantia a liberdade aos filhos dos escravos - assumia a Regência. Sob a inspiração do Divino Galileu, a princesa escolhe o Senador João Alfredo para organizar o novo ministério, que seria formado por notáveis espíritos ali encarnados. Em 13 de maio de 1888, os abolicionistas apresentam à regente a proposta de lei que Isabel, cercada de entidades angelicais e misericordiosas, sancionou sem hesitar. Nessa data, toda uma onda de claridades compassivas descia dos céus sobre as vastidões do norte e sul da Pátria do Evangelho. Ao Rio de Janeiro afluem multidões de seres invisíveis, que se associam às grandiosas solenidades da abolição. Junto ao espírito magnânimo da princesa, permanecia Ismael com a bênção da sua generosa e tocante alegria.

Enquanto se entoavam hosanas de amor no Grupo Ismael e a Princesa Imperial sentia, na sua grande alma, as comoções mais ternas e mais doces, os pobres e os sofredores, recebendo a generosa dádiva do céu, iam reunir-se, nas asas cariciosas do sono, aos seus companheiros da imensidade, levando às alturas o preito do seu reconhecimento a Jesus que, com a sua misericórdia infinita, lhes outorgara a carta de alforria, incorporando-se, para sempre, ao organismo social da pátria generosa dos seus sublimes ensinamentos." (6)

Na "Pátria do Evangelho", a escravidão foi abolida oficialmente em 13 de maio de 1888; porém, lamentavelmente, 107 anos após a "Lei Áurea" (1995), o governo brasileiro admitiu a existência de condições de trabalho análogas à escravidão do século XIX. Embora haja diversos acordos e

tratados internacionais que abordam a questão do trabalho escravo, muitos trabalhadores ainda não recebem salários, assistência médica nem têm direitos trabalhistas. São vigiados por pistoleiros e proibidos de sair dos locais de trabalho forçado.

Para os espíritas, é totalmente "contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos. É contrária à Natureza a lei humana que consagra a escravidão, pois que assemelha o homem ao irracional e o degrada física e moralmente." (7)

Referências bibliográficas:

- (1) Disponível em
<<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/bilionario-australiano-investe-no-fim-da-escravidao>>, acessado em 15/01/2014;
- (2) Consistentes teses acadêmicas comprovam que não foi e nem poderia ter sido por motivos econômicos;
- (3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 837, RJ: Ed. FEB, 2006;
- (4) Idem, questão 799;
- (5) Idem, questão 148;
- (6) Xavier, Francisco Cândido. Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho, ditado pelo espírito Humberto de Campos, RJ: ed. FEB, 2006;
- (7) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 829, RJ: Ed. FEB, 2006.



A prece e o trabalho são os melhores recursos para quem quer parar de fumar

A imprensa internacional noticiou que a exposição de cigarros nas lojas será proibida na Inglaterra e no País de Gales. Nos países onde foi adotada a proibição, por exemplo, a Islândia, a taxa de fumantes entre jovens diminuiu em até 10%. Na Inglaterra, há, pelo menos, 200 mil jovens, entre 11 e 15 anos, fumando e, consoante se sabe, os jovens estão mais propensos a ficar viciados pelo resto da vida. Pessoas que nunca fumaram vivem mais e melhor, e estudos confirmam que fumar reduz a vida humana entre 7 e 10 anos. Estudos preliminares sobre os efeitos nocivos do tabaco, em matéria publicada na mais recente edição da revista científica Archives of Internal Medicine, registram que a saúde e a qualidade de vida do homem pioram em proporção direta com o número de cigarros fumados diariamente. Estudos científicos que relacionam o consumo do tabaco com doenças respiratórias, datam da década de 60. O termo mais usado, para definir a doença que ocorre em 85% dos tabagistas é Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica – DPOC que engloba a bronquite e enfisema pulmonar.

São vários os estudos científicos baseados em evidências que não deixam qualquer sombra de dúvida de que o tabaco é cancerígeno. Desde 1964, quando foi feita a primeira descoberta em relação ao câncer de pulmão, outros cânceres tiveram seu aparecimento relacionado ao tabaco como, por exemplo, câncer de boca, laringe, faringe, esôfago, pâncreas, rins, bexiga, colo de útero, estômago e fígado. Três equipes de pesquisadores, que publicaram estudos nas revistas Nature e

Nature Genetics, "apontaram duas áreas de variações no cromossomo 15. Fumantes ou ex-fumantes que têm as duas cópias das duas variantes, uma herdada do pai e outra da mãe, que são cerca de 15%, têm um aumento entre 70% e 80% de risco de desenvolver câncer pulmonar".(1) Cientistas do Instituto de Pesquisa do Câncer, da Universidade de Cambridge e da Universidade Johns Hopkins, de Baltimore (Estados Unidos), afirmam que as variantes interagem diretamente com o tabaco para causar o câncer no pulmão, face ao aumento da probabilidade de a nicotina desencadear a divisão celular descontrolada que está associada ao câncer. Lesley Walker, da instituição britânica Cancer Research UK, afirmou que "o fumo aumenta muito o risco de câncer no pulmão, causando nove em cada dez casos da doença. Esta pesquisa nos diz que existem alguns fumantes que são ainda mais vulneráveis ao câncer de pulmão devido ao seu perfil genético". (2)

Cerca de um em cinco adultos, nos Estados Unidos, fuma. Por isso, a Câmara dos Representantes do Congresso americano aprovou um projeto de lei que prevê a classificação do tabaco como uma droga, a ser regulamentada pela agência de saúde americana, Food and Drug Administration (FDA). A legislação propõe que a FDA tenha mais poderes para fiscalizar as propagandas de cigarro, sobretudo, as direcionadas às crianças, e evitar a venda do produto para menores de idade. A pneumologista Maria Cristina Alochio de Paiva, membro da Associação Médico-Espírita do Espírito Santo (AME-ES), informou que a nicotina, encontrada no cigarro, é a droga que produz mais estímulos cerebrais e que, por isso, se fosse descoberta hoje, seria considerada ilícita. Segundo ela, os efeitos nocivos do fumo atingem o perispírito, principalmente os órgãos mais atingidos pelo cigarro, como pulmão e coração. "Ele diminui os fluxos vitais para o corpo. Impregna e ocasiona falta de proteção dos amigos espirituais", declarou, afirmando, também, que "a fé nos liberta do vício." (3)

Ao desencarnar, o fumante continua desejoso de fumar e, para satisfazer o seu vício, as obsessões aí estão demonstrando uma patologia espiritual. Ex-fumantes desencarnados induzem e exploram pessoas invigilantes ou em estado de desequilíbrio a prosseguirem no vício. O tabagismo atormenta os desencarnados viciados que se angustiam ante a vontade de fumar bastante potencializada. O complicador da questão é a inexistência de indústrias de cigarros na Erraticidade para abastecer Espíritos fumantes. Em face disso, os tabagistas do Além, para materializarem suas tragadinhas, tornam-se protagonistas da subjugação, transformando-se em artífices da vampirização sobre os encarnados fumantes, que ainda se locupletam nas deletérias baforadas do cigarro.

O médium que fuma está, invariavelmente, sob uma influência obsessiva (transforma-se numa piteira humana dos fumantes desencarnados que, a cada tragada, sorvem suas baforadas "quentinhas"). "Não se sabe o que tem causado maior dano aos espíritas: se as obsessões espetaculares, individuais e coletivas, que todos percebem e ajudam a desfazer ou isolar, ou se essas "meio-obsessões" de "quase-obsidiados", despercebidas, contudo, bem mais frequentes, "que minam as energias não só de uma criatura incauta, mas influenciam o roteiro de legiões de outras. O tabagista recebe da Doutrina Espírita, além de informações fornecidas pela medicina tradicional quanto aos males provocados pelo fumo, o alerta contra as obsessões e as desastrosas consequências na estrutura sutil do perispírito, fator este a exigir atenções especiais e procedimentos profundos na mentalização do fumante." (4)

Os Espíritos Superiores classificam o tabagismo como um grande obstáculo para as tarefas mediúnicas. Sendo um gerador de patologias graves e de dependências, merece do médium uma batalha sem trégua. Porém, a tarefa de descontaminação nicotínica deverá ocorrer sem violentar a

consciência, sabendo que, somente, ajudando-se com firmeza é que o médium tabagista se livrará do vício, lembrando, porém, que a solução não "cairá do céu".

Não são fartas as informações disponíveis em torno da influência do cigarro no perispírito, por se tratar de um hábito (massificado), relativamente, novo na vida social humana. "O problema da dependência continua, até que a impregnação dos agentes tóxicos nos tecidos sutis do corpo espiritual ceda lugar à normalidade do envoltório perispirítico, o que, na maioria das vezes, tem a duração do tempo correspondente ao tempo em que o hábito perdurou na existência física do fumante. Além disso, os vícios do cigarro e dos tóxicos atuam nos centros vitais e nas correntes magnéticas do organismo, alterando a constituição da aura da pessoa. Viciações e excessos são, também, formas disfarçadas [inconscientes] de autocídio." (5) Uma informação curiosa que pesquisei diz que "quando a vontade do interessado não está, suficientemente, desenvolvida para arredar de si mesmo o costume inconveniente, o tratamento dele, no Mundo Espiritual, ainda exige quotas diárias de sucedâneos dos cigarros comuns, com ingredientes análogos aos dos cigarros terrestres, cuja administração ao paciente diminui, gradativamente, até que ele consiga viver sem qualquer dependência ao fumo". (6) As sensações do fumante inveterado, na dimensão póstuma, "são, naturalmente, as da angustiosa sede de recursos tóxicos a que se habitou no Plano Físico, de tal modo obsediante, que as melhores lições e surpresas da Vida Maior lhe passam quase que despercebidas, até que se lhe normalizem as percepções". (7)

Não estamos ressaltando o tabagismo como um problema de criminalidade, mas como um problema de desequilíbrio emocional, diante das Leis da Vida. O ato de fumar é um problema para os nossos irmãos que se encontram frágeis diante dos desafios da vida, que procuram uma "compensação psicológica". É óbvio que o fumante não é um criminoso,

porém, sem dúvida, é alguém carente de mais proteção, mais amor, até porque, segundo cremos, se os tabagistas insistem em permanecer na estrada do vício, certamente, estão procurando esquecer algo; esse algo são eles mesmos; eles não estão conseguindo suportar a própria carga, e o cigarro, segundo creem, os "aliviam". A explicação para esse aprisionamento psíquico, segundo estudiosos, é que a nicotina, de alguma forma ainda não compreendida pela medicina, abre certas "portas" no sistema nervoso, que ficam escancaradas. Essa substância, para agir no cérebro e provocar sensação de "bem-estar", imita a ação da acetilcolina. Como moléculas usurpadoras, a nicotina se encaixa nos receptores cerebrais que, uma vez estimulados, produzem mais neurotransmissores (dopamina) que regulam a sensação de prazer. Quando o estímulo de produção dopamínica é interrompido por alguns instantes, o sistema nervoso central se desequilibra e o fumante acende o próximo cigarro e, novamente, a nicotina se encaixa nos receptores cerebrais, recomeçando o ciclo.

Considerando que as mentes no além-túmulo não se desvinculam com facilidade deste foco que alimenta seus desregramentos de fumante terreno, é mister que o esforço para a libertação do vício comece por aqui, na atual reencarnação, e o quanto mais cedo melhor! Diante do exposto, compete-nos ajudar os nossos irmãos e irmãs (sobretudo médiuns), que se encontram sob o jugo do vício do tabaco, a se libertarem dessa forma sutil de autodestruição. "Certamente que o hábito de fumar não pode ser definido por suicídio conscientemente considerado. Será um prejuízo que o fumante causa a si mesmo, sem a intenção de se destruir, mas o prejuízo que se deve estudar com esclarecimento, sem condenação, para que a pessoa se conscientize quanto às consequências do fumo, no campo da vida, de maneira a fazer as suas próprias opções". (8)

Não é nossa intenção imprimir censura ou condenação aos

fumantes, pois sabemos que "conseguir esquecer o hábito arraigado de fumar é, realmente, uma vitória espiritual de alto alcance, até porque, qualquer hábito prejudicial (não somente o tabagismo) cria condições anômalas para o corpo espiritual, impondo-lhe condicionamentos difíceis de serem erradicados. Certa vez, perguntado ao Chico Xavier o que é que, habitualmente, aconselha aos fumantes, enfraquecidos por derrotas sucessivas, em que pese rogam orientação, forças renovadas e motivação para vencer a dependência física e mental criada pela nicotina, o médium de Uberaba respondeu: "A prece e o trabalho, que em meu entendimento, são sempre os melhores recursos para defender-nos contra qualquer desequilíbrio". (9)

Referências bibliográficas:

- (1) Estudos publicados nas revistas Nature e Nature Genetics
- (2) idem
- (3) Disponível em www.amebrasil.org.br/html/med03.htm > acesso em 26-06-09
- (4) Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. Estude e Viva, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: ed. FEB, 2001;
- (5) Extraído do livro "Moldando o Terceiro Milênio" – Vida e obra de Divaldo Pereira Franco, autoria de Fernando Worm, Ed. LEAL
- (6) idem Xavier, Francisco Cândido e Worm, Fernando. Janela para a Vida, SP: Ed. Lake, 2000
- (7) idem
- (8) idem
- (9) idem



Banco da reencarnação, mais um instrumento de exploração da fé

Não se pode servir a Deus e a Mamom. Porém, os atuais mercadores das coisas santas continuam a existir, embora Jesus, há dois mil anos, os tenha repreendido nas cercanias do Templo de Jerusalém. Os tempos modernos parecem comprovar que a exploração da fé volta a fascinar milhões de pessoas em todo o mundo. Nas blasfêmias contra as Leis Divinas, nem mesmo os reencarnacionistas estão livres dos achaques. Circula na internet a notícia sobre a criação de um “banco da reencarnação”. O tal banco funciona exclusivamente no ambiente virtual. Não há agências, nem caixa eletrônicos. O estabelecimento “bancário” oferece aos clientes uma forma de guardar bens para “vidas próximas” e admite receber de jóias até títulos e ações, na tentativa de convencer os clientes que acreditam na reencarnação (1). O surgimento do “banco da reencarnação” é um hediondo crime lesa Deus.

Para conseguir deixar as riquezas sob a guarda do famigerado banco da reencarnação, o interessado tem de preencher um questionário detalhado sobre seu patrimônio, bem como o valor estimado do depósito. O banco avalia o formulário para seguir com o processo de depósito. Sensatamente, o FSC (Financial Service Commission), órgão regulador de Gibraltar na Europa, não autorizou a instituição de receber depósitos ou quaisquer outros bens. De acordo com o diretor da FSC, Marcus Killick, o patrimônio do banco foi congelado e os depósitos ressarcidos aos clientes.”(2) Menos mal!

Até que ponto vai o desrespeito ao próximo? Qual o limite

desse escárnio aos valores divinos? Os "gênios" das sombras garantem que "o banco oferece gerenciamento seguro e confiável para os clientes, um lugar estável para que eles possam deixar riquezas e bens para o retorno na próxima vida."(3) Os atuais anjos do mal seduzem os incautos com afirmações do tipo: "se você não deixar nada para trás quando morrer, o que terá quando retornar? Comece a acreditar e assuma o controle do seu futuro. O grande final da vida não é só conhecimento, mas ação, então haja agora e poupe para a próxima reencarnação".(4) Infelizmente sabemos que as outras atuais religiões já negociam os patrimônios celestiais, então, para nosso infortúnio nada mais previsível que tais comerciantes das coisas santas inventem também um sistema bancário de reencarnação!

As seitas e religiões modernas conseguem arregimentar e manter sob seu jugo pessoas desesperadas que estão em busca de um alívio qualquer para suas dores. Algumas dessas seitas mantêm pequena obra social; mas, por outro lado, há fortes evidências de que grande parte das doações recebidas em espécie destina-se para acúmulo de bens e poder dos seus dirigentes, que em sua maioria são pessoas ricas e poderosas. Óbvio que isso não é mera coincidência.

Os negociadores das coisas Divinas atualmente não se importam com a exploração da fé que deixou de ser algo transcendental, de bondade ou altruísmo, e passou a ser egoísta e rentável, desde que as falsas promessas de cura e paz espiritual encham os baús com o tesouro que traças e ferrugens consomem. Em nome das coisas santas, desde as eras medievais até nossos dias, o falso religioso vende lotes e mansões no "céu" à prestação; impõe depósitos no "Banco de Deus"; negocia a "salvação"; troca benção por dinheiro e aceita até cartão de débito/crédito nos templos cristãos; por meio dos porcentuais cobrados, vende indulgências em troca da "felicidade celestial" etc...

Então, muitas vezes, pessoas simples são levadas pelo desespero pessoal, advindo de situações como desemprego, doenças, inquietações, a buscar uma solução na casa de oração. Se não doarem parte do minguado dinheiro, essas pessoas são ameaçadas a terem seus destinos de vida futura para o "inferno". Essa prática é um legado das violentas e obscuras taxas institucionalizadas na Idade Média. Os "dez por cento" até hoje são compulsoriamente cobrados para supostamente "cobrir custos" de diversos gastos, inclusive para manter o salário dos chefes das igrejas. Entretanto, raramente são usados para a caridade e para promoção social entre os necessitados. Mas, por que essas crenças crescem tanto? Porque o desespero das pessoas é o alicerce das novas igrejas. A facilidade de se conquistar novos fiéis também se deve ao "marketing religioso": uma espécie de marketing aliado à psicologia que ajuda no trabalho com grandes massas, tendo como objetivo conquistar novos "doadores".

O Espiritismo não compactua com a especulação da fé. Aos espíritas, tradicionalmente, cabem por meio de espontânea doação mensal, sustentar a casa em que trabalham. As colaborações em espécie são regularmente destinadas ao pagamento de aluguéis, manutenção, divulgação doutrinária e aquisição de alimentos, roupas e demais objetos a serem distribuídos às famílias carentes ou instituições filantrópicas que sejam assistidas pelo grupo. Na instituição espírita todo valor arrecadado é exposto em balanços mensais, para que tanto trabalhadores como frequentadores tenham acesso às informações financeiras da instituição. Portanto, é inadmissível que projetos tão mirabolantes tais como "banco da reencarnação" possam ser aceitos por espíritas que têm na fé raciocinada o instrumento de crença que encara a razão face a face em qualquer situação da vida social.

Referência:

- (1) Disponível em
<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/773268-banco-da-reencarnacao-desafia-autoridades-ao-tentar-receber-depositos.shtml>, acessado em 01-08-10.
- (2) idem.
- (3) idem.
- (4) idem.



Na prática do evangelho, o sistema prisional tem solução

As penitenciárias, de hoje, lembram bastante as masmorras medievais. Onde está o processo avançado das conquistas tecnológicas e sociais? Notamos que os cárceres, atualmente, não servem para educar, pelo contrário, neutralizam a formação e o desenvolvimento de valores intrínsecos, estigmatizando o ser humano. A rigor, as prisões vêm funcionando como máquinas de reprodução da criminalidade.

Tudo agravado pelo péssimo ambiente prisional, pela ausência de atividades produtivas e pela superlotação carcerária. Isso, sem levar em conta a rejeição da sociedade pelos ex-presidiários. Outro aspecto, que importa ser mencionado, diz respeito a muitos condenados pela justiça que, sequer, visitaram a cadeia. O mais grave problema do sistema penitenciário brasileiro é a completa escassez de vagas, que obriga milhares de presos - muitos já condenados, até mesmo no regime semi-aberto - a conviverem em condições reconhecidamente aviltantes, em xadrezes de delegacias policiais, com muita frequência, revezando-se para dormir.

Os presos estão expostos a uma situação muito concreta de perigo de vida, de violação de sua integridade física, num espaço, sem qualquer condição digna para abrigá-los. Como se não bastasse, noticia-se, pela imprensa, a tortura física e psicológica, nesse ambiente, como uma das atrocidades cometidas em nome do Estado e da lei. A liberdade tem sonoridade, em plenitude, na acústica da consciência.

Porém, na tortura, o discurso que o torturador (agente de segurança) busca extrair do torturado é a negação absoluta e

radical de sua condição de plena liberdade consciencial. Se verdadeiras as agressões de agentes de segurança aos presos, e ocorrendo as muitas defecções morais cometidas pelos chamados homens "livres", enclausurados em seus interesses espúrios, a síndrome da violência inverte a situação, de tal forma, que os agentes de segurança passam a ser os controlados e vigiados e os encarcerados se mantêm deixados em sua "independência". Resultado: uma vez invertida a situação, os criminosos enclausurados se fortalecem psicologicamente e passam a perseguir e a assassinar, sem limites, os policiais. Destarte, percebe-se que os ataques a sustentáculos concretos da autoridade (forças de segurança pública), não deixam de consubstanciar o quadro clássico de um levante incipiente. Por isso, observamos ondas de ódios e violências sem precedentes. Testemunhamos, pela mídia, as mais cruéis cenas de refrega entre criminosos e policiais, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro. Retornando à questão do presidiário: Hoje, o criminoso reincidente e o primário são mantidos juntos nas cadeias; os marginais de periculosidades diversas convivem no mesmo espaço, o que tem contribuído para o aumento da violência entre eles e dá guarida à revolta, além de dificultar a possível recuperação do indivíduo. Em outras palavras, o preso de pouca índole à violência, dificilmente será o mesmo após um estágio numa penitenciária. Em verdade, a violência se fixou em caráter permanente em vários pontos da Terra. Em face disso, presenciamos os estertores urbanos das batalhas bélicas que têm aniquilado as bases da racionalidade humana. Nessa panorâmica, percebemos que a brutalidade humana tem esmaecido o caminho para Deus. Torna imprescindível praticarmos o Evangelho nos vários setores do campo social, contribuindo com a parcela de mansidão para pacificá-la.

O homem moderno ainda não percebeu que somente a experiência do Evangelho pode estabelecer as bases da

concordia, da fraternidade e constituir os antídotos eficazes para minimizar a violência que ainda avassala a Terra. Nesse contexto, devemos considerar que o espírita-cristão deve se armar de sabedoria e de amor, para atender à luta que vem sendo desencadeada nos cenários da sociedade, concitando à concordia e ao perdão, em qualquer conjuntura anárquica e perturbadora da vida moderna. Urge apequenarmo-nos para ajudar, com dignidade, e estaremos, sem dúvida alguma, sendo partícipes da transformação do quadro desolador de tanto medo. Nesse contexto, cremos que a Educação Espírita será o magistral objetivo pelo qual se dará a renovação social da Humanidade.

O mestre lionês preocupado com as graves questões sociais, expressou sua inquietude na questão 807 do Livro dos Espíritos, sobre o que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos. "Merecem anátemas!!", responderam os luminares do além, que ainda acrescentam: "Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos e renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer os outros". Acreditamos que as prisões são necessárias à detenção do infrator violento e perigoso, que se constitui em ameaça concreta para a sociedade, e ao infrator de menor potencial ofensivo, sem características de violência, devem ser aplicadas as "penas alternativas", lamentavelmente ainda muito pouco aplicadas no País.

Nas prisões, a reeducação deverá ser feita por meio da implantação de frentes de trabalho para profissionalização e não apenas para tirar apenados da ociosidade, mas também abrindo segura perspectiva de integração futura na sociedade. Sabemos que existem grupos de religiosos que vêm desenvolvendo projetos que visam à recuperação do preso, por intermédio de uma efetiva coordenação de visitas permanentes aos presídios. Palestras de valorização humana, divulgação

doutrinária, instituição de voluntários padrinhos, contato com parentes, distribuição de cestas básicas para familiares dos recuperandos, estes são alguns dos métodos levados a efeito por alguns grupos de visita, para a materialização do aumento do índice de recuperação dos internos nos presídios no Brasil.

Recordemos Jesus e Suas considerações sobre a prática de um sublime código de caridade, ante as questões da vida dos encarcerados: "Senhor, quando foi que te vimos preso e não te assistimos?". Ao que Ele respondera: "Em verdade vos digo - todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos. deixastes de tê-la para comigo mesmo." Um amigo me dizia, sempre, que se abríamos um ovo choco, sentiremos nojo pelo mau odor exalado por aquela parte viscosa. No entanto, o que nos parece podridão naquela substancia é, apenas, transformação, ou seja, é o berço de uma nova vida que aparecerá, em breve, repetindo na candura e beleza - sempre suaves - do pintinho, que surgirá da intimidade do ovo. Situação idêntica, o homem. Se analisado em seus pendores, parecerá pouco atraente e até repugnante, quando mergulhado no crime. Se buscarmos um ponto de analogia, percebemos que, de certa maneira, também estamos em processo de gestação no útero da sociedade. No entanto, somos deuses, potencialmente bons e, mais que isso, somos herdeiros do Senhor da Vida; fomos criados para o bem, tanto que somos realmente muito felizes, quando praticamos as coisas boas. Portanto, Deus é nosso Pai e, quando nos criou, colocou em cada um de nós o amor, para que sequeuremos uns nas mãos dos outros.

Do mais insignificante ser humano até Deus, existe uma corrente, na qual nos colocamos como elos inquebrantáveis. Logo, nenhum elo existe, que esteja desligado e sem amparo Dele. O que existe, é: diferença no volume e na qualidade do amparo. Na verdade, o homem cresce e se expande na medida em que se projeta no coração do semelhante. Assim, a

realização de qualquer investimento de solidariedade, ante os presos de menor ou maior periculosidade, se consubstanciará no mais eloquente ato cristão.



Obesidade diante da obsessão, do vampirismo e da auto-obsessão

No Brasil, as doenças relacionadas à obesidade custam aos cofres públicos quase 500 milhões de reais, anualmente, segundo levantamento realizado pela UnB - Universidade de Brasília. Outra Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2009 assinalou que 21,7% dos brasileiros, na faixa etária entre 10 e 19 anos, apresentam obesidade. Ao todo, há quase 15 milhões de brasileiros rechonchudos. O número equivale a quase metade dos gordos existentes nos Estados Unidos. (1)

Estamos perante uma epidemia mundial. O governo de Dubai (Emirados Árabes Unidos) está oferecendo ouro (isso mesmo, ouro!) como recompensa para incentivar as pessoas a perderem peso e levarem um estilo de vida mais saudável. Para cada quilograma perdido, os participantes receberão um grama de ouro, que atualmente vale em torno de quarenta e cinco dólares (cerca de cem reais), mas para receber o prêmio é necessário perder no mínimo dois quilogramas. O programa de governo árabe reflete o aumento da preocupação das autoridades dos países do Golfo Pérsico com a taxa crescente de obesidade da população devido à vida sedentária e consumo descomunal de alimentos fast-food. (2)

Pesquisando aqui e alhures sobre a "obesidade", esbarramos com alguns textos curiosos, que inobstante excêntricos, revelaram-se atraentes. A exemplo do texto de Andrew Oitke, um suposto catedrático de Antropologia, em Harvard, que teria divulgado o livro "Mental Obesity" (!?)...(3), que segundo os leitores, tem insurgido contra as áreas da educação, jornalismo e relações sociais em geral. O hipotético

livro "Obesidade mental" consigna, dentre outros incisivos contextos, que décadas atrás a humanidade tomou consciência dos perigos do excesso de gordura física por causa da alimentação desregrada. Todavia, e poucos se dão conta, há abusos no campo da informação e conhecimento que estão criando problemas tão ou mais sérios que adiposidade física.

A sociedade está mais empanturrada de preconceitos que de gorduras protéicas; mais intoxicada de lugares-comuns que de hidratos de carbono. Os cozinheiros desta volumosa "fast food" intelectual são os jornalistas e colunistas, os editores da informação e filósofos, os romancistas e diretores de cinema. Nessas dantescas perversões alimentares, os telejornais e telenovelas são os hamburgers do espírito, as revistas e romances são os pudins da imaginação. Com uma "alimentação intelectual" tão carregada de adrenalina, romance, violência e emoção, é normal que as pessoas nunca consigam uma vida saudável e equilibrada depois de ingeri-la.

Notemos: um jornalista alimenta-se hoje quase exclusivamente de cadáveres de reputações, de detritos de escândalos, de restos mortais das realizações humanas. A informação das pessoas aumentou, mas é um conjunto de banalidades. Não é surpresa que, no meio da prosperidade e abundância, as grandes realizações do espírito humano estejam em decadência. A família é contestada, a tradição esquecida, a educação abandonada, a cultura banalizada, o folclore entrou em queda, a arte é fútil, paradoxal ou doentia. Floresce a pornografia, a arrogância, a imitação, a insipidez, o egoísmo. O homem moderno está adiposo no raciocínio, gostos e sentimentos. Cremos que a sociedade precisa menos de passeatas, reformas, desenvolvimento, progressos do que de dieta mental.

Voltemos ao tema. A obesidade é uma doença crônica, grave, de custos elevados em todas as áreas da existência humana – individual e social. Especialmente a do tipo visceral

está associada ao diabetes mellitus e a doenças coronarianas em homens e em mulheres. Os níveis crescentes de sobrepeso estão associados à incidência aumentada de alterações endócrinas, artrite de mãos e joelhos, doenças de vesícula biliar, apneia do sono, alterações dos lipídeos sanguíneos, alterações da coagulação e alguns tipos de neoplasias, como câncer de mama e de endométrio em mulheres, e câncer de cólon em homens.

Do ponto de vista espírita, cremos que a obesidade pode decorrer de fatores genéticos preponderantes e até mesmo das influências de espíritos vingativos. Embora a obesidade não seja classificada como um transtorno psiquiátrico, entendemos que a extensão dos efeitos da obsessão pertinaz (vampirismo) pode induzir a transtornos psíquicos levando o obsedado à ingestão exagerada de alimentos e acentuar-lhe os problemas emocionais (ansiedade, temores e fobias).

Allan Kardec, em o Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 28, define obsessão como sendo a "ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo." (4) A obsessão é sempre um processo mantido, contínuo, persistente em que as forças em demanda estão se afrontando num processo bem estabelecido. O obsessor estará atuando sobre o encarnado em alguns flancos: mente a mente, através da constrição mental; perispírito a perispírito, através do envolvimento fluídico que poderá levar o corpo físico a degenerar.

Comer exageradamente pode induzir alguém à obsessão (vampirismo). A gula pode ser matriz de obsessão relacionada à satisfação de vícios e paixões. "Vampiro", na definição de André Luiz, "é toda entidade ociosa que se vale indevidamente das energias alheias". (5) A vampirização ocorre através de espíritos corrompidos, apegados a certas emoções materializadas, quando se aproximam dos encarnados, portadores dos mesmos vícios, para sugarem as suas emanções vitais. Destarte, a atitude de fumar, beber em

excesso, falar mal dos outros (maledicência), da agressividade, da avareza, da sensualidade, da ingestão exagerada de alimento poderá estabelecer vínculos com entidades vampirizadoras, sugadoras das energias essenciais do obsedado.

Há ainda as obsessões anímicas, que são causadas por uma influência mórbida residente na mente do próprio paciente. Por causa de vícios de comportamento, ele cultiva de forma doentia pensamentos que causam desequilíbrio em sua área emocional. Muitas tendências auto-obsessivas são provenientes de experiências infelizes ligadas a vidas passadas. Angústia, depressão, mania de perseguição ou carências inexplicadas podem fazer parte de processos auto-obsessivos.

O auto-obsediado costuma fechar-se em seus pensamentos negativos e não encontra forças para sair dessa situação constrangedora. Esse posicionamento mental atrai Espíritos vingativos que, sintonizados na mesma faixa psíquica, agravam a situação. Não podemos olvidar que a imprudência e o ócio se responsabilizam por múltiplas enfermidades, como sejam obesidade, os desastres circulatórios provenientes da gula, as infecções tomadas à carência de higiene, os desequilíbrios nervosos nascidos da toxicomania e a exaustão decorrente de excessos vários. De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis que afligem o corpo físico e o dilaceram guarda no corpo espiritual uma das suas matrizes.

Referências bibliográficas:

- (1) Disponível em <http://aconteceemsergipe.blogspot.com.br/2013/03/doenca-s-associadas-obesidade-custam.html> acesso em 17/08/13
- (2) Disponível em www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130719_peso_ouro_obesidade_dubai_jp.shtml acesso em 15/08/13

(3) Não encontramos na Web o nome da editora, local e ano de publicação.

(4) Kardec Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed. FEB, 1999, cap. 28

(5) Xavier, Francisco Cândido. Missionários da Luz, ditado pelo espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 1990



A caminho do bisturi como o boi para o matadouro?

Ressurge, nas hostes espíritas, a fascinação pela procura de médiuns incorporadores de “médicos” do além, à moda “Zé Arigó” [alguns nem utilizam instrumentais cirúrgicos]. Em que pese existirem médiuns não-ESPÍRITAS sérios, e que nada cobram dos pacientes, há aqueles que jamais recomendaríamos. Sabemos da intervenção dos desencarnados nos processos terapêuticos na Terra, mas não se pode dar ênfase a esse tipo de trabalho, na suposição de consolar almas desvalidas ou na falsa ideia de fortalecimento do Espiritismo por esses meios. Temos exemplos tristes dessa prática dispensável nos meios espíritas. Leitor amigo, procure se informar qual foi o destino do Zé Arigó, em Minas; do Edson Queiróz, em Pernambuco, e do Rubens Faria, no Rio de Janeiro.

Há, no interior de Goiás, um médium conhecido (principalmente, fora do Brasil) que atende cerca de 2000 pessoas por dia. Na sua instituição, vende-se um frasco, contendo cápsulas, à base de maracujá, no valor de R\$ 10,00 (dez reais). Se, na ponta do lápis, somarmos o montante dessas vendas, com outras despesas que o centro acaba impondo aos seus assistidos, chegaremos, facilmente, a cifras de milhões de reais por ano. Por essas e outras muitas razões, certa vez, perguntaram ao Chico Xavier: “Têm surgido muitos médiuns e curadores por este Brasil afora, que receitam remédios e, até, operam os doentes. Qual a maneira de se identificar o verdadeiro do falso?” Chico responde: “EU CREIO QUE ISTO DEVA SER FRUTO DA EDUCAÇÃO DO SERTANEJO, ACREDITAR QUE, PAGANDO BEM, IRÁ CONSEGUIR CURAS ESPIRITUAIS. O VERDADEIRO ESPIRITISMO NÃO PODE

COBRAR, NEM MESMO OS REMÉDIOS QUE RECEITA AOS DOENTES.

Chico evitava as queixas e escrevia sem parar, apesar das dores que sofria por causa de um tumor localizado na próstata. Aguentou o sofrimento enquanto pôde, mas a cirurgia era inevitável. Zé Arigó, o médium que incorporava o Dr. Fritz, e realizava cirurgias sem anestesia, ofereceu-se para operar o colega. Chico, humildemente, recusou a oferta e preferiu se internar numa clínica, em São Paulo. Antes, tomou o cuidado de entregar ao Dr. Elias Barbosa documentos particulares, pois “Ninguém sabe o que pode acontecer”, disse ele. Uma vez optando pelos médicos da matéria, sua atitude provocou uma grande polêmica no meio espírita. Por que não aceitou a oferta do Dr. Fritz, tão requisitado na época? Ele duvidava do poder dos Espíritos? O protegido de Emmanuel se limitou a repetir a resposta dada a Arigó: COMO EU FICARIA DIANTE DE TANTO SOFREDOR QUE ME PROCURA E QUE VAI A CAMINHO DO BISTURI, COMO O BOI PARA O MATADOURO? E EU VOU QUERER FACILIDADES? EU TENHO QUE ME OPERAR COMO OS OUTROS, SOFREDO COMO ELES. Anos mais tarde, num desabafo, Chico deixaria de lado a diplomacia e disse: SOU CONTRA ESSA HISTÓRIA DE METER O CANIVETE NO CORPO DOS OUTROS SEM SER MÉDICO. O MÉDICO ESTUDOU BASTANTE ANATOMIA, PATOLOGIA E, POR ISSO, ESTÁ HABILITADO A FAZER UMA CIRURGIA. POR QUE EU, SENDO MÉDIUM, VOU AGORA PEGAR UMA FACA E ABRIR O CORPO DE UM CRISTÃO SEM SER CONSIDERADO UM CRIMINOSO? (1)

Sempre obediente aos conselhos do seu guia espiritual, explicava: “EU JA ME OPEREI 5 VEZES, E VÁRIOS MÉDIUNS ME OFERECERAM SEUS SERVIÇOS. O ESPÍRITO EMMANUEL ME DISSE: VOCE DEVERIA TER VERGONHA ATÉ DE PENSAR EM RECEBER ESTE TIPO DE CURA, PORQUE TODOS OS OUTROS DOENTES VERTEM SANGUE, ATÉ TOMAM DETERMINADOS REMÉDIOS PARA MELHORAR. COMO VOCE PRETENDE SE

CURAR NUMA CADEIRA DE BALANÇO?". Daí, perguntaram-lhe: Chico, como conciliar os recursos da medicina terrestre, especialmente na área da cirurgia, com a correção de anomalias orgânicas em criaturas com processos de resgates cármicos? Chico Xavier, então, respondeu: "NÃO IMPORTA QUE A CIRURGIA FAÇA DESAPARECER ANOMALIAS INIBIDORAS OU DEFORMANTES DE IMPLEMENTOS SOMÁTICOS. O PERISPÍRITO CONSERVARÁ A DEFICIÊNCIA, QUE VAI SE PROJETAR PARA REENCARNAÇÕES FUTURAS, A NÃO SER QUE O ESPÍRITO DEVEDOR SE AJUSTE COM A LEI DA JUSTIÇA, COBRINDO COM AMOR A "MULTIDÃO DE PECADOS", SEGUNDO O EVANGELHO. A CIRURGIA CORRIGE TRANSITÓRIAMENTE AS DEFICIÊNCIAS FÍSICAS. O AMOR, TRABALHANDO NOS TECIDOS SUTIS DA ALMA, PURIFICA E REDIME PARA A ETERNIDADE." (2) O que a medicina dos homens não conseguiu curar foi o problema da visão do Chico. Ele deu, mais uma vez, prova de que não se desviaria dos ensinamentos de Emmanuel ao recusar, em 1969, a oferta do médium Zé Arigó, que desejava operar, espiritualmente, seus olhos, dizendo-lhe o seguinte: "A DOENÇA É UMA PROVAÇÃO DO ESPÍRITO QUE DEVO SUPORTAR". (3)

Diante disso, e movido por justa preocupação, porquanto, há mais de trinta anos, laborando no jornalismo espírita, deliberei escrever, há dois anos, o seguinte: A revista Veja, de 14/06/2000, pág. 68, traz longa reportagem intitulada "Não ajuda em nada", demonstrando que pesquisas confirmam uma realidade preocupante, ou seja, que tratamentos alternativos (místicos), quase sempre, são ineficazes no restabelecimento da saúde de pacientes, especialmente, com câncer. É lastimável sabermos que existem, ainda, em nossas hostes, espíritas que evocam "Espíritos", para que lhes atendam como cirurgiões do "além", que vão retalhando corpos em nome de "operações espirituais"; que lhes prescrevam medicamentos alopáticos, fitoterápicos (ervas "milagrosas") e chás de "coisa nenhuma"

ou, ainda, que lhes forneçam dietas para emagrecimento. O Espírito André Luiz adverte: "Aceitar o auxílio dos missionários e obreiros da medicina terrena, não exigindo proteção e responsabilidade exclusivos dos médicos desencarnados". (4) A tendência de subestimar a contribuição da medicina humana, entregando nossas enfermidades aos Espíritos milagreiros do além (de preferência cirurgiões com nome germânico ou hindu, como se isso impusesse maior credibilidade), para que "curem" complexos processos de metástases, por exemplo, é uma atitude equivocada. Os conceitos espíritas nos remetem à certeza de que a matriz das doenças está fincada no estado mental do enfermo, ou seja, o espírito é o verdadeiro responsável pelas enfermidades. Portanto, a rigor, não serão os agentes externos que proporcionarão a cura daqueles que teimam em permanecer entorpecidos, na condição de revoltosos ou hesitantes diante dos códigos de justiça, vigentes nos Estatutos Divinos, mas a mudança de comportamento, pois o equilíbrio das forças mentais impede que invasores se nutram das energias debilitadas. Não podemos, porém, ignorar, de forma alguma, as heranças que provêm das Leis de Causa e Efeito. As enfermidades que se alongam, por toda uma vida, são expiações decorrentes de profundas raízes de natureza moral, que só se extinguirão mediante o fim do resgate, pois, "A doença pertinaz leva à purificação mais profunda". (5) Os Espíritos não estão à nossa disposição para promoverem curas de patologias que, não raro, representam providências corretivas para o nosso crescimento espiritual no buril expiatório. Nesse sentido, os dirigentes de núcleos espíritas deveriam promover bases de estudos e reflexões sobre as propostas filosóficas, científicas e religiosas do Espiritismo, ao invés de encetarem trabalhos espirituais para os inócuos "curandeirismos".

Os preceitos doutrinários nos esclarecem que devemos "Aproveitar a moléstia como período de lições, sobretudo como

tempo de aplicação de valores alusivos à convicção religiosa. A enfermidade pode ser considerada por termômetro da fé". (6) Desta forma, são inoportunas certas manifestações de "promessas de cura das obsessões" com sessões da famosa corrente magnética brasiliense (prática "inventada" em Brasília, por grupos que seduzem empolgados "filantropômanos", através do apelo assistencialista, inoculando estranhas práticas doutrinárias) como a magnetização "desobsessiva" para afastar Espíritos aos moldes de como se espantam moscas das feridas expostas. Para consubstanciar esse objetivo, recorrem ao auxílio da varinha de condão, do chamado "choque anímico", com o qual os enfermos se "libertam" dos obsessores, conforme promete livro (7) publicado pelos seguidores desse movimento equivocado. Há, ainda, outros núcleos que propõem aplicações de luzes coloridas (cromoterapias) para higienizar auras humanas e curar (pasmem): azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminose, frieiras, conforme propaga literatura específica. (8) Acreditem! Se não bastasse, recomenda-se, até, carvãoterapia (!) para neutralizar "maus-olhados". Nesse sentido, segundo creem, é só colocar um pedaço de tora de carvão debaixo da cama e estaremos imunes ao grande flagelo da humanidade - o "olho comprido"!

Algumas instituições espíritas têm distribuído uma pomada "CURA TUDO" como se fosse "água benta". O que se nota, a bem da verdade, é que as instituições espíritas se desincumbem da vigilância para com a pureza doutrinária, tão necessária para o fiel desempenho dos trabalhos a que elas se destinam. O que se vê é um afrouxamento do rigor que se deve imprimir aos ideais sublimes. Abrir espaço para a liberdade de agir não significa aceitar as injunções pressionadoras de sistemas divergentes, nas casas espíritas, que teimam em se alojar aqui e ali, na tentativa de, pelo decurso do tempo, serem confundidos e aceitos como Espiritismo de fato, a exemplo do

ramatismo, armondismo, umbandismo etc, e mais, os apometristas, cromoterapistas, pomadistas, cepalistas etc. Que nos alcunhem de "fundamentalistas", por defendermos os "fundamentos" da Doutrina Espírita, que nada mais é que estarmos harmonizados com as Leis da Natureza e que a ninguém é dado o poder de modificá-las, o que é bem diferente de permanecermos retrógrados diante dessas evidências. As vozes dos "vendedores de ilusões" não podem ecoar mais forte que essas leis e de nossa advertência, JAMAIS!!! Se alguém tem que silenciar, que não sejam os sinceros adeptos do Evangelho, via ESPIRITISMO. Cremos que os que se incomodam com essas admoestações deveriam, por coerência e bom senso, buscar outras propostas doutrinárias afins, e deixarem o Espiritismo em paz, a seguir seu curso sem enxertos perigosos.

O que queremos é a transparência doutrinária no movimento espírita, e não a confusão doutrinária; maior rigor para com os divergentes, a fim de que desanimem e se afastem de uma vez por todas. A vida moderna, globalizada ou não, está a pedir, isso sim, posicionamentos e comportamentos firmes e consentâneos com a proposta espírita. Como bem recomenda o ínclito Codificador, em Viagem Espírita 1862, pág. 33: "O excesso em tudo é prejudicial, mas, em semelhante caso, vale mais pecar por excesso de prudência do que por excesso de confiança". Sabemos que os que lêem estas linhas podem pensar que estamos revestidos de ideias ficcionais, mas podemos assegurar que não teríamos materiais tão imaginativos. Em recente entrevista ao jornal Alavanca - abril/maio-2000 - Divaldo Franco adverte sobre as "terapias alternativas", "curandeirismos" e a fascinação na prática mediúnica, apontando-as como fatores que têm desestabilizado o projeto da unidade doutrinária". É por essas e outras que a revista Veja, abril de 1999, registra que os médicos, da ala conservadora da psiquiatria, consideram os médiuns como

dotados de neuroses, psicoses, desvios de personalidade, esquizofrenias, etc. Se pararmos para refletir, daremos uma certa razão para esses profissionais, até porque, muitos adeptos do Espiritismo não conhecem os livros de Allan Kardec, Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângellis, Bezerra de Menezes, Vianna de Carvalho e outros consagrados expoentes da difusão doutrinária e, lastimavelmente, estão aguilhoados nas práticas que comprometem todo o projeto doutrinário. O exercício dos Códigos Evangélicos nos impõem a obrigatoria fraternidade e a compreensão aos adeptos dessas esquisitas práticas, o que não equivale dizer que devemos nos omitir quanto à oportuna admoestação, para que a Casa Espírita não se transforme em academia de andróides hipnotizados pela fantasia e ilusão.

Referências bibliográficas:

(1) Souto Maior, Marcel As vidas de Chico Xavier / Marcel Souto Maior. 2. cd. rev. e ampl. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

(2) disponível em

<http://ulyssesdorego.arteblog.com.br/38023/entrevista-e-video-com-chico-xavier>, acessado em 25-07-09

(3) Disponível em

<http://www.caminhosluz.com.br/detalhe.asp?codigo1=2639>, acessado em 25-07-09

(4) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Cap.35. RJ: Editora FEB, 1977-5ª edição

(5) idem

(6) idem

(7) Colegiado dos Vínculos Fraternais, Desobsessão por Corrente Magnética, 1ª edição Sociedade de Divulgação Espírita "Auta de Souza"-1996. DF

(8) Nunes, René. Cromoterapia. A Cura Através da Cor.

Editora Asa Sul./Brasília 1ª edição

Sobre o assunto leiam abaixo o que Divaldo afirma:

PERGUNTA: O Centro Espírita deve desenvolver atividades de cirurgia mediúnica?

DIVALDO PEREIRA FRANCO: Transformar o Centro Espírita em pequeno hospital para atendimento de todas as mazelas é uma loucura. Isso seria um desvio da finalidade da prática do Espiritismo. Podemos, sim, fazer uma atividade de atendimento a doentes que são portadores de problemas na área da saúde espiritual. Poderemos aplicar-lhes passes, doar-lhes a água fluidificada, se for o caso, mas a função principal do Centro Espírita é iluminar a consciência daqueles que o buscam e, quando na área da prática do Espiritismo, atender as pessoas necessitadas de todo tipo.

Chico Xavier, que eu sabia, é a maior antena transreceptora na área da mediunidade, do século. No entanto, está assistido por médicos terrestres. Ele tem um médico cardiologista, um clínico geral, um urologista etc. O Espírito do Dr. Fritz quis cirurgia-lo, em 1965, através do médium não espírita Arigó: - "Eu te ponho bom desse olho. Faça-te a cirurgia agora!" O Chico respondeu-lhe: - "Não, isso é um karma. Eu sei que o senhor pode consertar o meu olho. Mas como o karma continuará, vai aparecer-me outra doença. Como eu já estou acostumado com essa, eu a prefiro. Por que eu iria querer uma doença nova?".

(Matéria publicada no jornal "A Gazeta do Iguazu" em julho de 97)



Considerações espíritas sobre a epidêmica prática psico-social do bullying

Na chacina de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, meninos e meninas ficaram irmanados num trágico destino. Suas vidas foram prematuramente ceifadas num episódio de insonhável bestialidade. Jornais, redes de TV, revistas, rádios e Internet noticiaram o crime horroroso ocorrido na Escola Municipal Tasso da Silveira. É um episódio para cujas causas não há como permanecermos estáticos na busca de entendimento.

Wellington, embora com a mente arruinada e razão obliterada, fez sua opção de atirar contra jovens estudantes. Na fita gravada, alegou ter sofrido bullying, anos antes, na mesma escola; porém, poderia ter superado o trauma de antanho. Ainda que admitamos sua provável subjugação por seres espirituais perversos, a responsabilidade da decisão recai integralmente sobre ele.

No entanto, não é muito simples explicar o fato, e para esse mister, recorreremos aos ditames da Justiça de Deus, visando minimizar ao máximo as dores dos familiares que ainda choram a ausência brutal dos filhinhos. Cabe refletir que não há como concebermos injustiça nos Estatutos do Criador. Sobre os alunos alvejados é perfeitamente plausível que as causas para um desfecho tão assombroso estejam conectadas a ressarcimento de dívida do pretérito, ou decisão voluntária do espírito de sacrifício pessoal, visando auxiliar na construção de um projeto social mais profundo sobre a violência urbana.

Creemos que tanto a psicologia como as outras áreas do saber acadêmico não conseguirão aclarar razões para a trágica

ocorrência. Nem é de bom parecer acomodar-nos com anotações racionalizadoras das ciências sociais. Entretanto, podemos nos valer dos conceitos espíritas que nos induzem à certeza de que fatalidade e acaso inexistem nas experiências humanas.

Um fato é inconteste: Wellington protagonizou uma das maiores barbaridades da História. Será que a crueldade humana deriva da carência de senso moral? Dizem os Espíritos que "o senso moral pode não estar desenvolvido no homem cruel, mas não está ausente; porque ele existe, em princípio, em todos os homens; é esse senso moral que os transforma mais tarde em seres bons e humanos. Ele existe no selvagem como o princípio do aroma no botão de uma flor que ainda não se abriu."(1)

O macabro assunto tem motivado alguns debates sobre a questão da segurança nas escolas. Em cada discussão um tema é citado com insistência: o bullying, que tem sido discutido com pujantes cores por especialistas das áreas do direito, da psicologia, da medicina, da sociologia, da pedagogia e outras. A prática de bullying começou a ser pesquisada há cerca de 10 anos na Europa, quando descobriram que essa forma de violência estava por trás de muitas tentativas de homicídio e suicídio de adolescentes.

O termo bullying é derivado do verbo inglês bully, que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. Também adota aspecto de adjetivo, referindo-se a "valentão" e "pit bull". As vítimas são os indivíduos considerados mais fracos e frágeis dessa relação, transformados em objeto de diversão e prazer por meio de "chacotas" maldosas e intimidadoras. É considerada uma questão de saúde pública e de segurança social.

O fenômeno é uma epidemia psico-social e pode ter consequências graves. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo, pode afetar emocional e

fisicamente o alvo da ofensa. Crianças e adolescentes que sofrem humilhações racistas, difamatórias ou separatistas podem ter queda do rendimento escolar, somatizar o sofrimento em doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie traços da personalidade. Tem sido responsável pelos altos índices de evasão e repetência escolar uma vez que o aluno não vê a escola como local de aprendizado, mas como um ambiente hostil.

Na panorâmica do mundo atual, observamos jovens que não têm compostura, são violentos e fazem de tudo para conquistar seus objetivos, tripudiando e passando por cima de tudo e de todos, achando que os fins justificam os meios. No século XIX, Allan Kardec levantou a questão da violência urbana e indagou os Espíritos - "como pode dar-se que no seio da mais adiantada civilização se encontrem seres às vezes tão cruéis quanto os selvagens?" Os Benfeitores responderam: "do mesmo modo que numa árvore carregada de bons frutos se encontram frutos estragados. São, se quiseres, selvagens que da civilização só tem a aparência, lobos extraviados em meio de cordeiros. Espíritos de ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre homens adiantados, na expectativa de também se adiantarem; contudo, se a prova for muito pesada, vai predominar a natureza primitiva."(2)

Os filhos, quando crianças, registram em seu psiquismo todas as atitudes dos pais, tanto as boas quanto as más, manifestadas na intimidade do lar. Por esta razão, os pais devem estar sempre atentos e, incansavelmente, buscando um diálogo franco com os filhos, sobretudo amando-os, independentemente de como se situam na escala evolutiva.

Não há dúvida que há muitos espíritos primários reencarnados na Terra. Por isso os pais devem ter cuidado redobrado com a disciplina dos mesmos, reforçando na intimidade doméstica os exemplos de moralidade. Pais, avós e professores formam os grupos encarregados da educação. Não

se pode permitir que esses Espíritos reencarnados sejam entregues simplesmente às mãos de funcionários, ou sob a estranha tutela da televisão, das redes sociais da Internet e de violentos jogos eletrônicos.

Crianças as quais são criadas dentro de padrões de liberalidade excessiva, sem limites, sem noções de responsabilidade, sem disciplina, sem religião e muitas vezes sem amor, serão aquelas com maior tendência aos comportamentos agressivos, tais como o bullying, pois foram mal acostumadas e por isso esperam que todos façam as suas vontades e atendam sempre às suas ordens. "A criança livre é a semente do celerado. A própria reencarnação se constitui, em si mesma, restrição considerável à independência absoluta da alma necessitada de expiação e corretivo".(3)

O Espiritismo não nomeia soluções peculiares, refreando ou regulamentando cada atitude, nem dita fórmulas ilusionistas de bom comportamento aos jovens. Elege consentir, em toda sua amplitude, os dispositivos da lei divina, que asseguram a todos o direito de escolha (o livre-arbítrio) e a responsabilidade consequente de seus atos.

Desde os primeiros anos, devemos ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e concentrando-lhe as posições mentais, pois que essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida. É urgente salientar que quando os filhos são rebeldes e incorrigíveis, impermeáveis a todos os processos educativos, "os pais, depois de movimentar todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação educativa deles, que sem descontinuidade da dedicação e do sacrifício, esperem a manifestação da Providência Divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbadas, de modo a semear-lhes, com êxito, o campo da compreensão e do sentimento." (4)

Fontes de Referências:

- (1) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, questão 754.
- (2) idem questão 755.
- (3) XAVIER, Francisco Cândido. O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- (4) idem.



“Nosso lar” - uma monumental obra da arte cinematográfica

Com a exibição do filme “Nosso Lar” ficamos diante de uma exuberante narrativa, em incomparável espetáculo de arte, atrelados a uma cenografia para além da imaginação. A produção, de R\$ 20 milhões, é considerada a mais cara do cinema nacional. “Nosso Lar” não poderia ser um filme como qualquer outro, até porque é uma proposta sensata e inovadora. Um marco na história da cinematografia mundial, considerando a abordagem de um temário para além da transcendência. Não se pode assisti-lo, comentá-lo e/ou criticá-lo tal como se fosse apenas um bom produto da sétima arte, posto que sua linguagem, inobstante muito simples, é ao mesmo, tempo profunda, na dimensão correta. Estremecerá inevitavelmente as estruturas do imaginário social contemporâneo.

O filme tem um roteiro inusitado para tudo o que já se produziu até o momento, abordando a vida no “além-tumba”. Recordemos que o filme “Amor Além da Vida” com Robin Williams ganhou o Oscar em melhores efeitos especiais. Assim como em “Nosso Lar”, ele nos mostra situações vivenciadas por suas personagens ao chegar ao mundo espiritual. Estamos diante de perspectiva de difusão doutrinária com inimaginável potencialidade de penetração de massa na Terra. Pensamos até que estamos nos albores de uma apoteose limítrofe de todas as possibilidades de despertar da consciência dos atuais seres encarnados.

A trilha sonora regida pelo compasso mágico de um dos compositores mais influentes do século 20, Philip Glass,

constantemente nos arroja para uma introspecção serena ante as sutis frequências magnéticas da nossa mente com os acordes da arte divina por excelência. O enredo e sua plasticidade é fiel, na essência, desde à arquitetura, descrita por André Luiz, na década de 40 do século XX, até os vestuários. Percebemos a utilização da tecnologia do cinema levada às últimas conseqüências.

Dizer que Wagner de Assis, seu produtor e diretor, é genial seria uma redundância, para esse jovem, que entregando-se à mística do cinema, comandou toda uma competente equipe para produzir essa que considero a monumental obra de arte cinematográfica brasileira. O filme é de uma alquimia extraordinária na dimensão da ética e da estética. A beleza do projeto aprisiona primeiramente a visão, o pensamento, para pouco a pouco captar a mente e dominar a alma.

A mensagem espírita é explicar que o intercâmbio com o invisível é um movimento sagrado e a maior surpresa da morte carnal é nos colocar face a face com a própria consciência. No caso, edificamos o "céu", estacionamos no "purgatório" ou nos precipitamos no "abismo infernal".

Temos consciência, no íntimo de espíritas-cristãos que estamos nos esforçando para ser, que o Bem vencerá o Mal. A rigor todos temos esperança de que isso sempre ocorra, mesmo que saibamos, na experiência da vida real, que possa não ser assim entre os encarnados.

É, sem dúvida nenhuma, um lenitivo para a alma assistir a uma película que fala de amor, respeito, tolerância, honestidade e vida eterna, valores que estão em falta na nossa sociedade. Com certeza faz-nos repensar condutas. É por esse motivo que "Nosso Lar", dando vida aos recintos de cinema, conquistando bilheterias, vai além das salas de exibição e, impregnado em nossas consciências e sentimentos, retorna conosco aos nossos lares mexendo com nossas estruturas mais íntimas.

De tão arrebatador, Nosso Lar emoldura o etéreo, traduzindo seu alcance, manifestando-se em magistral beleza o teor incomum da obra. Nesse entusiasmo que acende o ímpeto de minha alegria, partilhamos essa experiência, recomendando a todos espíritas e não-espírita, que não deixem de experienciar um instante excelso na história do cinema brasileiro, o momento de transformação, a ocasião em que o cinema mundial deverá redefinir sua função na sociedade, deixando para o “nunca mais” e cerrando os pórticos de tudo o que ele próprio conhecia e praticava como segmento da sétima arte, atualmente tão pobremente explorado.



Desarmamento, um referendo que confirmou a insensatez humana

O plebiscito sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições, ocorrido no Brasil em 23 de outubro de 2005, não permitiu que o artigo 35 do Estatuto do Desarmamento (Lei 10826, de 23 de dezembro de 2003) entrasse em vigor. O artigo apresentava a seguinte redação: "É proibida a comercialização de arma de fogo e munição em todo o território nacional.". No referendo, a questão proposta foi: "O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil?". Os eleitores puderam optar pela resposta "sim" ou "não", pelo voto em branco ou pelo voto nulo. O resultado final foi de 59.109.265 votos rejeitando a proposta (63,94%), enquanto 33.333.045 votaram pelo "sim" (36,06%).

Infelizmente, a maioria da população apoiou a comercialização de armas de fogo, quando detinha o poder de decidir pela sua proibição. Uma das dúvidas erguidas e muito entronizadas à época era: o desarmamento da população seria a solução para a redução da criminalidade no país? Muitos setores da sociedade defenderam a manutenção do comércio legal das armas aos cidadãos que delas necessitem, por algum motivo, justificando que todos têm direito a possuir, nos limites da Lei, uma arma de fogo para se defenderem de qualquer atentado à incolumidade física do indivíduo, sua vida, seu patrimônio etc.

O resultado do plebiscito revelou a grave índole moral da maioria da sociedade, contrariando na conjuntura um levantamento realizado pelo Instituto Brasmarket, a pedido do jornal Diário do Grande ABC, mostrando que 81,6% da

população da região do ABC de São Paulo estava contra a comercialização de armas. (1)

Os estrábicos partidários optaram “democraticamente” pelo delírio do comércio das armas a fim de “defenderem-se” contra a violência. Com essa decisão irrompeu-se um assombroso débito moral dos brasileiros. É lamentável! Lembramos que há vários anos André Luiz tem advertido: “Esquivar-se do uso de armas homicidas, bem como do hábito de menosprezar o tempo com defesas pessoais, seja qual for o processo em que se exprimam. Pois o servidor fiel da Doutrina possui, na consciência tranquila, a fortaleza inatacável.”(2)

A maior influência maléfica identificada no homem contemporâneo é a angústia social, provocada pela estratificação de classes. Nela deparamos desde o miserável ao abastado, criando uma subdivisão da raça humana. E muitas dessas distorções sociais provocam uma inconstância psíquica ou uma incompletude emocional do ser pensante.

Creemos que a criminalidade tem seus pilotes na dessemelhança social, no elevado índice de desemprego, na urbanização desordenada e, destacadamente, na difusão incontrolada da arma de fogo, sobretudo clandestina, situações essas que contribuem de forma decisiva para o avanço do tráfico de drogas, dos assaltos, dos roubos, dos sequestros e, por fim, dos homicídios.

A ONU – Organização das Nações Unidas – divulgou um relatório no dia 06 de outubro de 2011 sobre a violência no mundo avaliada pelos homicídios. Em números absolutos, o Brasil ainda lidera a lista entre todas as nações. Na América do Sul, a Venezuela registra 49 homicídios em cada 100 mil habitantes. A Colômbia, apesar de uma grande melhora, 33. O Brasil, 22,7, um pouco melhor que cinco anos atrás. Uruguai, Argentina, Peru e Chile ficam abaixo da média mundial.

É constrangedor saber que o Brasil encabeça a lista mundial em casos de mortes produzidas com a utilização de armas de

fogo. Após ter a oportunidade no referendo de eliminar o comércio das armas, atualmente o brasileiro lamenta e clama por soluções efetivas para o problema da violência urbana. E, por forte razão, cremos ser falsa a segurança oferecida pelas armas no ambiente doméstico, especialmente considerando o potencial de alto risco do uso da arma por familiares não habilitados, que podem causar efeitos danosos irreparáveis na vida familiar.

A cada dia sucumbem muitos jovens e adolescentes, que são recrutados para o mercado do tráfico de armas, algemados nos ambientes regados por alucinógenos e profunda violência, onde são perpetrados crimes inconcebíveis sob o estímulo da miséria moral e da obsessão. Atualmente, muitas pessoas hesitam em sair nas ruas por causa dos assaltos e sequestros-relâmpago que têm ocorrido a todo instante.

Defendemos a ideia de que uma das soluções para a diminuição da criminalidade será a proibição da venda de armas de fogo em todo o território nacional, ressalvada a aquisição pelos órgãos de segurança pública federal, estadual, municipal e pelas empresas de segurança privada regularmente constituídas, na forma prevista em Lei.

Infeliz e paradoxalmente, a “Pátria do Evangelho” é grande fabricante de armas (em evidente rota de colisão com o compromisso cristão), por isso entendemos que proibir sua comercialização no mercado interno é prática inadiável, porque o problema será atacado diretamente em sua matriz.

Obviamente não somos tão ingênuos a ponto de acreditar que a restrição (proibição) do uso de armas de fogo equacione definitiva e imediatamente o problema da violência. Uma arma de fogo pode ser substituída por outras, talvez não tão eficientes. Na ausência de estrutura da aparelhagem repressora e preventiva do Estado, as armas de fogo continuarão chegando às mãos dos indivíduos descompromissados com o bem e fazendo suas vítimas. Por isso, urge meditar que

devemos aprender a desarmar, antes de tudo, nossos espíritos, e isso só se consegue pela prática do amor e da fraternidade.

Nesse panorama, a mensagem do Cristo deve ser o grande edifício da redenção social, que haverá de penetrar a consciência humana. Sim! O homem iluminado intimamente pelo Evangelho e tendo consciência quanto à sobrevivência do Espírito ao sepulcro e da sua precedência ao berço, sabendo-se legatário de si mesmo, modificar-se-á e transformará o ambiente onde vive, modificando a comunidade que deixará de a ele se impor para dele receber o reforço expressivo e retificador.

Ante esse desiderato, em face da transformação do cenário social, o homem necessita alimentar a compaixão, cultivar grandeza d'alma que principia no procedimento de ofertar coisas para culminar no dom de doar-se ao próximo. Fazer qualquer coisa boa nos bastidores (que ninguém saiba) a benefício de um adversário. Aprender a exorar e ponderar, e na consequência poder soltar o grito enérgico qual informou Paulo aos gálatas: "eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim", expressando adesão total ao projeto de Jesus pala paz.

Referencia bibliográfica:

(1) A pesquisa entrevistou 2.509 pessoas em sete municípios, entre os dias 28 e 30 de junho de 2005

(2) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2003, cap. 18.



Fantoches da ilusão, bom senso ou somos "donos da verdade"?

Infelizmente, os Centros Espíritas estão repletos de modismos e práticas vazias de sentido, oriundos da falta de conhecimento das recomendações básicas do Espiritismo. Muitas Instituições Espíritas mantêm práticas e/ou discussões estéreis em torno de temas como: crianças índigo; Chico é ou não é Kardec? Ubaldismos, ramatisismos, apometria, cromoterapias, e tantos outros enfadonhos "ismos" e "pias", empurrados goela abaixo no corpo doutrinário. Há médiuns que confiam, cegamente, nos efeitos das pomadas "cura tudo", como se essa enganosa prática lhes fosse trazer algum benefício. Por relevantes razões, devemos estar atentos às impertinências desses visionários, propagadores de placebos "bentos". Outros, pela apometria, Creem revolucionar o universo da "cura espiritual", mas, a bem da verdade, a cura das obsessões não se consegue por um simples toque de mágica apométrica, como fazem os ilusionistas com uma varinha de condão. Desobsessão não ocorre de um momento para outro, pois, quase sempre, é um tratamento que depende de um longo prazo. Portanto, não tão rápida como sói acreditar alguns incautos apometristas de plantão.

O legítimo Centro Espírita não promete a cura para quem o procura. A Doutrina Espírita afirma que a "cura" de uma influência espiritual (obsessão) ou doença física depende de uma série de fatores, entre os quais a modificação moral do enfermo, sua necessidade de disciplina mental, seus problemas relacionados com encarnações anteriores e, sobretudo, se há ou não a concessão divina para a solução da dificuldade.

O sofrimento é, sempre, a consequência de atos que contrariam as Leis de Deus. É o período necessário para que o Espírito, encarnado ou desencarnado, reflita sobre sua natureza íntima e decida por onde e quando reparar as faltas cometidas, pois Nosso Eterno Pai respeita a nossa singularidade. Já o sofrimento compulsório é uma imposição do Divino Criador, quando o Espírito, deliberadamente, persiste no erro ou insiste no mal, e Ele é o Único que sabe como agir, para o bem do filho rebelde, e até quando deva, ele, sofrer.

O Centro Espírita é um pronto-socorro aos necessitados de amparo e esclarecimento, seja através da evangelização, das orações, dos tratamentos espirituais, ou seja, pelas orientações morais e materiais. A Casa Espírita oferece as bênçãos do passe, que é um método, tradicionalmente, eficaz para transmitir fluidos magnéticos e espirituais, pelas mãos dos médiuns sobre a fronte daqueles que se encontram - moral e fisicamente - descompensados, fortalecendo-lhes o corpo físico e o tecido espiritual, ou seja, o perispírito. É evidente que o passe não poderá, em tempo algum, ser aplicado com movimentos bruscos, utilizando-se de objetos, de baforadas de cigarro ou charuto, de estalos de dedos, cânticos estranhos, toque direto no corpo do paciente, e, muito menos, ainda, estando incorporado e, psicofonicamente, verbalizando "aconselhamentos" para o receptor. Isso não é prática recomendável pelos Orientadores Espirituais.

Há confrades que insistem em usar trajes especiais no Centro. Cabe alertá-los de que o Espiritismo não adota paramentos especiais para exercê-lo e o que dignifica o trabalhador espírita é a pureza de intenções. A Doutrina Espírita não adota enfeites, amuletos, colares, roupas brancas ("significando o bem") ou roupas pretas ou vermelhas ("significando o mal"). Os trabalhadores cômicos da realidade Espírita trajam roupas normais, de forma simples, até porque, a discrição deve fazer parte dos que trabalham para o Cristo.

Há médiuns que se ajoelham diante de imagens sagradas e de determinadas pessoas; mantêm-se genuflexos e beijam a mão dos responsáveis pela Casa Espírita, como forma de reverenciá-los; benzem-se; sentam-se no chão; fazem sinais cabalísticos; e outros, por incrível que pareça, proferem palavras esquisitas (mantras) para evocar os Espíritos. Casa Espírita séria não comporta imagens de Santos ou personalidades do movimento espírita; amuletos de sorte; figuras que afastam ou atraem maus Espíritos; incensos, preces cantadas, velas e outros quejandos alienantes. Como se não bastasse, há, ainda, palestrantes que promovem, das tribunas, verdadeiros shows da própria imagem, mise-en-scène, essa, protagonizada pelos ilustres oradores, que não abrem mão da ridícula imposição do "Dr." antes do nome. Há Instituições Espíritas que cobram taxas para o ingresso nos congressos, simpósios, seminários, tendo, como meta, o fomento de querelas doutrinárias.

A questão é: como evitar esses disparates? Como agir, com tolerância cristã, ante os Centros mal orientados, com dirigentes perturbados, com médiuns obsidiados, com oradores "show-men"? Enfim, como agir, diante dos espíritas cegos, que querem guiar outros cegos?

Para os líderes "mornos bonzinhos", é interessante a prática do "lavo as mãos" do "laissez faire", "laissez aller", "laissez passer". Porém, os Benfeitores espirituais dizem o contrário e nos advertem que cabe, a nós, a obrigação intransferível de defender os ensinamentos de Allan Kardec, seja, **OBVIAMENTE**, pelo exemplo diário do amor fraterno, seja pela coragem do debate elevado.

A Casa Espírita que se orienta pelos ensinamentos dos Espíritos superiores não realiza práticas bizarras, pois elas nada têm a ver com a Doutrina codificada por Allan Kardec. O Espiritismo ensina, tão somente, a moralização do indivíduo, e o Projeto Espírita é desprovido de aparatos exteriores. Suas

propostas terapêuticas, como as de Jesus, fundamentam-se na instrução moral e na reposição de energias e fluidos espirituais, seja pela fluidificação da água, seja pela imposição das mãos através do passe, mas sempre e, fundamentalmente, pelos pensamentos elevados.

Os Centros que praticam as terapias ou rituais aqui denunciados, têm liberdade para fazê-lo, porém, não deveriam nominar-se "Espíritas". O bom senso sussurra para que os seus estatutos sejam alterados, IMEDIATAMENTE. Até porque, é por causa das Casas Espíritas mal dirigidas que existe uma confusão muito grande a respeito do que seja Doutrina Espírita ou Espiritismo. Os que estão fora do movimento, e não conhecem a Doutrina Espírita, Creem que "o espiritismo é coisa do diabo"; que "comunicação com os mortos é pecado"; que "espírita não acredita em Deus, muito menos em Jesus Cristo"; que "espírita não ora"; que "espírita faz macumba, sacrifica animais, tem rituais"; que "os espíritas são lunáticos, loucos e desequilibrados"; e, ainda, afirmam que "se alguém entrar nessa "coisa" de Espiritismo, jamais poderá sair". Isso, porque, essas pessoas não sabem que as palavras, "espírita e espiritismo", foram criadas em 1857, na França, pelo Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec.

Sabemos que, para alguns confrades "mornos bonzinhos" (!?), o tema que abordamos, aqui, ressona como algo obscuro, subjetivo, mas vale lembrar-lhes que qualquer escritor sensato não se coloca como imprescindível, e muitíssimo menos, ainda, tenta impor sua ideia, e nem, tampouco, considera seu ponto de vista o mais acertado, devendo ser aceito por todos, esperando adesões sem questionamentos. Chega a ser primário demais estarmos, aqui, afirmando, para os leitores, que não somos donos da verdade. Que a nossa opinião é, apenas, um ponto de vista pessoal, fruto de diuturno estudo das obras basilares e resultante de observação pessoal dos fatos, o que, obviamente, difere da experiência dos outros, que - sabemos -

não pode ser desconsiderada no contexto. Se alguém insiste nas práticas inócuas, aqui descritas, com certeza, não está bem informado sobre o que seja Espiritismo.

Os Códigos Evangélicos nos impõem a obrigatória fraternidade para com os adeptos equivocados, o que não equivale dizer que devemos nos omitir quanto à oportuna admoestação, para que a Casa Espírita não se transforme em academia de fantoches dos distúrbios psíquicos.



Novas gerações – velhas gerações que se renovam

Especula-se muito nas hostes espíritas a respeito da nova geração que está encarnando. Mas a rigor, a cada período civilizatório é comum surgirem novas gerações no planeta. Não podemos permanecer estáticos diante de um otimismo ingênuo, mormente analisando a sociedade sob o ponto de vista da realidade atual, ante os graves problemas sociais, envolvendo delinquências, guerras, corrupções, violência urbana, terrorismo, a comprovar que a iniquidade ainda prevalece.

Infelizmente há muitos jovens envolvidos com o mal, por ausência de noção das Leis de Deus. Obviamente tais criaturas serão renovadas no desenvolvimento de suas provas, particularmente com a dor instrutora, em reencarnações edificantes. Recentemente alguns jovens indianos entre 10 e 14 anos, que se autodenominaram como “daredevils” (destemidos), ao identificarem que residiam em local “invisível” ao registro do “Google Maps” (1) resolveram desenhar os contornos geográficos da favela em Calcutá. Durante o levantamento perceberam que era preciso ir mais além. Tinham de detectar o que devia e o que não devia estar no mapa. Malária, não devia. Diarreia, não devia. Dança, sim. Descobriram que se apropriar do mapa do seu mundo tornaria possível transformá-lo.

Para aperfeiçoar o mapeamento, contaram com a ajuda do projeto Mapeie Seu Mundo, da Universidade de Columbia, dos EUA, que forneceu os equipamentos necessários e deu as diretrizes de como coletar dados das pessoas, numerar e registrar as casas. (2) Aparelhados de celulares e GPS, os jovens registravam quantas crianças haviam em cada casa,

quantas já tinham sido vacinadas e informavam a hora e lugar da próxima campanha, conscientizavam sobre a importância da imunização. Ao fazer o levantamento, as crianças descobriram que nem todos os 9 mil moradores tiveram acesso à vacina contra poliomielite. (3) A solução que encontraram para o problema foi incrementar campanhas de vacinação e divulgação nas ruas, utilizando-se de surrados cones de papelão, indicando onde estavam localizados os postos de saúde mais próximos.

Graças ao empenho dos "daredevils" de Calcutá o governo local começou a construir a primeira forma de abastecimento com água potável para a comunidade e o número de vacinação cresceu 80%. Destarte, passaram a influenciar o mundo para além da favela. Por causa da atitude deles, foi produzido o filme "The revolutionary optimists", um documentário que inspirou o lançamento do Map your world (Mapeie seu mundo), plataforma múltipla que assenta o poder das novas tecnologias nas mãos de crianças e jovens para que elas se tornem agentes de mudanças sociais e compartilhem suas biografias com o mundo.

Pode haver aqui indicativos de que estamos diante de uma nova geração de espíritos moralizados que reencarnaram, a fim de trabalharem pela justiça social e fraternidade entre as pessoas. Quem sabe podem ser Espíritos que compõem a nova geração, Espíritos melhores d'outros orbes, ou simplesmente Espíritos terrícolas antigos que se melhoraram, contudo o resultado é positivo. "Desde que trazem disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, segundo suas disposições naturais, os Espíritos encarnados formam categorias: de um lado, os retardatários, que partem [desencarnam]; de outro, os progressistas, que chegam [reencarnam]. O estado dos costumes e da sociedade estará, portanto, no seio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela das duas categorias [retardatários/progressistas] que preponderar." (4) É nessa matemática que se processam historicamente os

arranjos de paz ou guerras em cada geração.

Para o Codificador da Doutrina Espírita a renovação moral da humanidade não se processará por uma "invasão" de seres de outros orbes, de outras constelações (embora seja admissível tal processo), mas porque os "Espíritos antigos que se melhoraram" têm seu papel no novo estágio evolutivo. Ou, repetindo Kardec, "A regeneração da Humanidade não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo." (5)

Observemos que as gerações ancestrais que presentemente dominam o saber na terra, tempos recuados foram "gerações novas" e igualmente geraram assombro e especulações. Em todas as eras deparamos com arquétipos humanos intrigantes e que tiveram um papel muito respeitável na mudança social do orbe. "Arquétipos", nesse caso, são padrões históricos, cujas experiências são reconhecidas e culturalmente registradas pelos historiadores. Tais seres dominavam ciências revolucionárias, novas técnicas, concepções artísticas perturbadoras e apresentavam um molde moral dessemelhante do corriqueiro, conquanto não fossem notados por seus iguais com seres "sobre-humanos".

Estamos passando por grande revolução na apropriação do conhecimento humano. Há aqueles que possuem uma inteligência e sensibilidade social acima da média, inobstante não se distinguem radicalmente das gerações antecedentes de grandes gênios da academia, da religião e das artes. O modelo moral deles igualmente não difere dos seus predecessores. As ciências sociológicas revelam que as amplas transformações tecnológicas e sociais advieram pelas ações correspondentes de socialização, isto é, os padrões nascem com seus atributos intelectuais mais avançados e, em certas conjunturas, passam a contagiar culturalmente de forma mais expressiva sobre a

geração daquele contexto, alterando os protótipos até então predominantes.

Não há como desconsiderarmos que não estamos vivendo um momento vulgar da Humanidade. Observamos uma grande mudança e as transformações ligeiras e impactantes estão aí para confirmar em todos os níveis da vida social. Isso confirma ainda mais as revelações espirituais sobre o destino da Terra, nada obstante não olvidemos que os acontecimentos terrenos não modificam ao gosto da nossa fantasia mística e sim no compasso adequado dos eventos da natureza consoante as DIRETRIZES DO CRISTO.

Referências bibliográficas:

(1) Google Maps é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito na web fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google. Atualmente, o serviço disponibiliza mapas e rotas para qualquer ponto nos Estados Unidos, Canadá, na União Européia, Austrália e Brasil, entre outros. Disponibiliza também imagens de satélite do mundo todo, com possibilidade de um zoom nas grandes cidades, como Nova Iorque, Paris, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, entre outras.

(2)http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/blog-da-redacao/criancas-mapeiam-favela-onde-moram-e-combatem-poliomielite/?utm_source=redesabril_psustentavel&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_psustentavel

(3) Em 2005, a Índia registrou 45 casos de paralisia infantil, número que a colocou como quarto país do mundo com mais pessoas afetadas

(4) Kardec, Allan. A Gênese. 24a. Ed. FEB, cap. XVIII



Falemos de carnaval

Raciocinemos sobre o tal Carnaval, um termo oriundo de uma festa romana e egípcia em homenagem ao Deus Saturno, quando carros alegóricos (a cavalo) desfilavam com homens e mulheres. Eram os carrum navalis, daí a origem da palavra "carnaval". Há quem interprete a palavra conforme as primeiras sílabas das palavras da frase: carne nada vale. Como festa popular, poderia ser um acontecimento cultural plausível, não fossem os excessos cometidos em nome da alegria. Nesses períodos os carnavalescos alucinados surgem de todos os (re)cantos para caça da contraversão da ética. Para muitos são longas as estações de dias e noites para as preparações do delírio insano dos três dias de fantasias. Vários incautos esfolam as finanças familiares para experimentar o encanto efêmero de curtir dias de completa paranóia. Adolescentes e marmanjos se abandonam nas arapucas pegajosas das drogas lícitas e ilícitas. Não compreendem que bandos de malfeitores do além (obsessores) igualmente colonizam as avenidas das escolas de samba num lúgubre show de bizarrices. Celerados das escuridões espirituais se acoplam aos bobalhões fantasiados pelos condutores invisíveis do pensamento, em face dos entulhos concupiscentes que trazem no mundo íntimo.

Sobrevém uma permuta vibratória em todos e em tudo. Os espíritos das brumas umbralinas se conectam aos escravos de momo descuidados, desvirtuando-os a devassidões deprimentes e jeitos grotescos de deploráveis implicações morais. Tramas tétricas são armadas no além-tumba e levadas a efeito nessas oportunidades em que momo impera dominador sobre as pessoas que se consentem despenhar na festa medonha.

Enquanto olhos embaciados dos foliões abrangem o fulgor dos refletores e das fantasias brilhantes (inspirações ridículas impostas pelos malfeitores habitantes das províncias lamacentas do além túmulo), nas avenidas onde percorrem carros alegóricos (que, pasmem! já até transportou a efígie do Chico Xavier sob aplausos de omissos líderes espíritas), a visão dos espíritos observa o recinto espiritual envolto em carregadas e sombrias nuvens cunhadas pelas oscilações de baixo teor mental.

Os três dias de folia, assim, poderão se transformar em três séculos de penosas reparações. É bom pensarmos um pouco nisso: o que o carnaval traz ao nosso Espírito? Alegria? Divertimento? Cultura? É de se perguntar: será que vale a pena pagar preço tão elevado por uns dias de desvario grupal? Quando se pretende alcançar essa alegria, através do prazer desregrado e dos excessos de toda ordem, o resultado é a insatisfação íntima, o vazio interior provocado pelo desequilíbrio moral e espiritual. Portanto, não fossem os exageros, o Carnaval, como festa de integração sócio-racial, poderia se tornar um acontecimento compreensível, até porque não admitir isso é incorrer em erro de intolerância. Porém, para os espíritas merece reflexão a advertência de André Luiz: "Afastar-se de festas lamentáveis, como aquelas que assinalam a passagem do carnaval, inclusive as que se destaquem pelos excessos de gula, desregramento ou manifestações exteriores espetaculares. A verdadeira alegria não foge da temperança." (1)

A efervescência momesca é episódio que satura, em si, a carga da barbárie e do primitivismo que ainda reina entre nós, os encarnados, distinguidos pelas paixões do prazer violento. Costuma ser chamado de folia, que vem do francês folle, que significa loucura ou extravagância. Nos dias conturbados de hoje, sabe-se que "(...) de cada dez casais que caem juntos na folia, sete terminam a noite brigados (cenas de ciúme etc);

que, desses mesmos dez casais, posteriormente, seis se transformam em adultério, cabendo uma média de três para os homens e três para as mulheres (por exemplo); que, de cada dez pessoas (homens e mulheres) no carnaval, pelo menos sete se submetem espontaneamente a coisas que normalmente abominam no seu dia a dia, como álcool, entorpecente etc. Dizem, ainda, que tudo isso decorre do êxtase atingido na Grande Festa, quando o símbolo da liberdade, da igualdade, mas, também, da orgia e depravação, somadas ao abuso do álcool, levam as pessoas a se comportarem fora do seu normal (...)" (2)

O Espírito Emmanuel adverte: "Ao lado dos mascarados da pseudo-alegria, passam os leprosos, os cegos, as crianças abandonadas, as mães aflitas e sofredoras. (...) Enquanto há miseráveis que estendem as mãos súplicas, cheios de necessidades e de fome, sobram as fartas contribuições para que os salões se enfeitem."(3)

Como proferi supra, nesse panorama, os obsessores "influenciam os incautos que se deixam arrastar pelas paixões de Momo, impelindo-os a excessos lamentáveis, comuns por essa época do ano, e através dos quais eles próprios, os Espíritos, se locupletam de todos os gozos e desmandos materiais, valendo-se, para tanto, das vibrações viciadas e contaminadas de impurezas dos mesmos adeptos de Momo, aos quais se agarram." (4)

Portanto, além da companhia de encarnados, vincula-se a nós uma inumerável legião de seres invisíveis, recebendo deles boas e más influências a depender da faixa de sintonia em que nos encontremos. As tendências ao transtorno comportamental de cada um, e a correspondente impotência ou apatia em vencê-las, são qual imã que atrai os espíritos desequilibrados e fomentadores do descaso à dignidade humana, que, em suma, não existiriam se vivêssemos no firme propósito de educar as paixões instintivas que nos animalizam.

Será racional fechar as portas dos centros espíritas nos dias de Carnaval, ou mudar o procedimento das reuniões? Existem alguns centros que fecham suas portas nos feriados do carnaval por vários motivos não razoáveis. Repensemos: uma pessoa com necessidades imediatas de atendimento fraterno, ou dos recursos espirituais urgentes em caso de obsessão, seria fraterno fazê-la esperar para ser atendida após as "cinzas", uma vez ocorrendo essa infelicidade em dia de feriado momesco?

Os foliões crônicos declaram que o carnaval é um extravasador de tensões, "liberando as energias"... Entretanto, no carnaval não são serenadas as taxas de agressividade e as neuroses. O que se observa é um somatório da bestialidade urbana e de desventura doméstica. Aparecem após os funestos três dias as gravidezes indesejadas e a conseqüente proliferação de assassinatos de intrusos bebês nos ventres, incidem acidentes automobilísticos, ampliação da criminalidade, estupro, suicídios, aumento do consumo de várias substâncias estupefacientes e de alcoólicos, assim como o aparecimento de novos viciados, dispersão das moléstias sexualmente transmissíveis (inclusive a AIDS) e as chagas morais, assinalando, densamente, certas almas desavisadas e imprevidentes.

O carnaval edifica o nosso Espírito? Muitos espíritas, ingenuamente, julgam que a participação nas festas de Carnaval, tão do agrado dos brasileiros, nenhum mal acarreta à nossa integridade fisiopsicoespiritual. No entanto, por detrás da aparente alegria e transitória felicidade, revela-se o verdadeiro atraso espiritual em que ainda vivemos pela explosão de animalidade que ainda impera em nosso ser. É importante lembrá-los de que há muitas outras formas de diversão, recreação ou entretenimento disponíveis ao homem contemporâneo, alguns verdadeiros meios de alegria salutar e aprimoramento (individual e coletivo), para nossa escolha.

Não vemos, por fim, outro caminho que não seja o da “abstinência sincera dos folguedos”, do controle das sensações e dos instintos, da canalização das energias, empregando o tempo de feriado do carnaval para a descoberta de si mesmo; o entrosamento com os familiares, o aprendizado através de livros e filmes instrutivos ou pela frequência a reuniões espíritas, eventos educacionais, culturais ou mesmo o descanso, já que o ritmo frenético do dia a dia exige, cada vez mais, preparo e estrutura físico-psicológica para os embates pela sobrevivência.

Somente poderemos garantir a vitória do Espírito sobre a matéria se fortalecermos a nossa fé, renovando-nos mentalmente, praticando o bem nos moldes dos códigos evangélicos, propostos por Jesus Cristo.

Referências bibliográficas:

(1) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, cap.37 “Perante As Fórmulas Sociais”

(2) São José Carlos Augusto. Carnaval: Grande Festa... De enganos!, Artigo publicado na Revista Reformador/FEB-Fev 1983

(3) Xavier, Francisco Cândido. Sobre o Carnaval, mensagem ditada pelo Espírito Emmanuel, fonte: Revista Reformador, Publicação da FEB fevereiro/1987

(4) Pereira, Ivone. Devassando o Invisível, Rio de Janeiro: cap. V, edição da FEB, 1998



Dia Nacional do Espiritismo (!) Pra quê?

Para a euforia de alguns? Afinal, foi aprovado, na Câmara dos Deputados, em caráter conclusivo, o Projeto de Lei nº 291, de 2007, de autoria da Deputada Gorete Pereira (PR-CE), que "dispõe sobre a criação do Dia Nacional do Espiritismo"(!), sem força de feriado, dispensando, portanto, os que tributam culto a outras religiões, da obrigatoriedade quanto à homenagear Kardec com os que professam e praticam a doutrina espírita. (ufa!!). A febre de dias comemorativos ao Espiritismo já começou a se espalhar pelos estados: O projeto apresentado pela deputada Iraê Lucena, que propôs a criação de 18 de abril como Dia Estadual do Espírita, já se transformou em Lei, sancionada pelo governador Cássio Cunha Lima. Com isso, fica instituída a data no Calendário Oficial do Estado da Paraíba, conforme Lei nº 8.251, de 20 de junho 2007, publicada no Diário Oficial do Estado, em 21 de junho de 2007, aponta para a direção dos festivais de datas comemorativas que estão por vir.

Diante dos fatos consumados, resta-nos indagar: o Espiritismo precisa ser comemorado "com mais liberdade" num dia específico, por força de um projeto de lei? Argumenta-se que, em face do projeto, o Espiritismo não mais será alvo de "perseguições", como aconteceu em recuadas épocas. Mas, antes de qualquer consideração sobre o assunto (projeto-de-lei), estranho e desnecessário aos objetivos doutrinários, teceremos breves comentários sobre o Parlamento brasileiro. No Congresso Nacional, entre 1999 e 2007, mais de 30 proposições foram aprovadas, criando datas comemorativas. Na atual legislatura, outros 30 projetos foram apresentados com

essa finalidade.(1) Enquanto as reformas essenciais se arrastam há alguns anos, os parlamentares demonstram inimagináveis arroubos de criatividade, quando o tema é a aprovação de datas memoráveis.

Não é de hoje que a instituição de datas tem grande apelo entre os parlamentares brasileiros. Para se ter uma opaca ideia, eis algumas datas propostas, e muitas já aprovadas: "Dia Nacional do Frevo" - "Dia Nacional de Reflexão do Cantando as Diferenças" - "Dia Nacional do Ciclista" - "Dia da Televisão"- "Dia Nacional do Líder Comunitário" - "Dia Nacional do Forró" - "Dia Nacional do Poeta" - "Dia Nacional do Despachante Documentalista" - "Dia Nacional do Guarda Municipal" - "Dia Nacional do Doador Voluntário de Medula Óssea", e assim vai o trem das comemorações sobre os trilhos da insensatez, nas plagas do Cruzeiro do Sul.

Em pesquisa feita no Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, verificamos que, no interregno de 1999 a 2007, os deputados aprovaram 609 projetos de lei e projetos de lei complementar. Desse total, 337 foram apresentados por parlamentares, 218 pelo governo e 54 por outros órgãos. Dentre os projetos aprovados no período, de autoria dos parlamentares, cerca de 10% tratam da instituição de dias comemorativos no calendário nacional. Muitas das propostas (perdem o sentido) chegam a ser curiosas, ou mesmo exóticas, por isso, são arquivadas. Vejamos algumas pérolas: No segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1999-2002), os exemplos de criatividade foram muitos. Havia projetos para a instituição do "Dia Nacional da Umbanda", "Dia da Inovação", "Dia do Cozinheiro", "Dia Nacional do Taxista", "Dia da Legalidade", "Dia Nacional do Prefeito", "Dia do Presidente da República", "Dia Nacional da Reflexão Política" e "Dia Nacional do Perdão".

E as pérolas continuaram cultivadas no primeiro mandato do Presidente Lula (2003-2006), pois havia projetos, propondo o

"Dia Nacional da Verdade", "Dia da Esperança", "Dia Nacional da Gratidão", "Dia Nacional da Caridade", "Dia do Sono", "Dia Nacional do Macarrão", "Dia Nacional do Pescador", "Dia Nacional do Teste do Pezinho", "Dia Nacional da Voz" e "Dia Nacional da Capoeira".

É verdade que o Brasil é a maior nação espírita da atualidade; que a Doutrina atende de maneira especial à demanda de milhões de brasileiros, ávidos por respostas às suas dúvidas e anseios espirituais, Que o Espiritismo é responsável por inúmeras obras de assistência social que, reconhecidamente, auxiliam inúmeras comunidades carentes em todo o País, é a pura verdade, sim, mas e daí?

Creemos que o centro espírita, ao invés de ficar comemorando e/ou, idolatrando nomes e datas festivas, tem que funcionar como um pronto-socorro espiritual, em favor das almas em desalinho, e, não, uma escola de fantasias e ilusões. O Centro tem que estar preparado para acolher um grupo cada vez mais numeroso de curiosos e de pessoas instáveis, aguilhoadas nas algemas de suas próprias defecções morais, e que estão nos abismos obscuros da ignorância.

Quanto aos defensores da ideia do "Dia Nacional do Espiritismo", sabemos não ser fácil adentrarmos em suas mentes cristalizadas em bases de verdades indiscutíveis, mas nada obsta que lhes despertemos a consciência, quanto ao que já temos escrito ao público. O Espiritismo nos traz uma nova ordem religiosa, que precisa ser preservada. É a resposta sábia dos Céus às indagações íntimas da criatura aflita na Terra, conduzindo-a ao encontro do Criador. Por essa razão, devemos protegê-lo da presunção dos empolgados reformadores, com suas propostas ligeiras e inócuas, uma vez que o ignoram, (o Espiritismo) e apenas fazem parte dos grupos, onde os absurdos são apresentados.

Destarte, constitui dever, de todos nós, refletir sobre o seguinte: se abraçamos o Espiritismo, por ideal cristão, não

podemos lhe negar fidelidade. Até, porque, o legado da tolerância não se consubstancia na omissão da obrigatória advertência verbal, diante às enxertias de práticas bizarras e, obviamente, anômalas, que alguns companheiros intentam impor no seio do Movimento Espírita.

Temos aprendido a rechaçar da alma as atitudes extremas, mas não podemos abrir mão da vigilância exigida pela pulcritude dos postulados espíritas. Até, porque, certos espíritas sentem uma atração incontável por "novidades", por invigilância e falta de espírito crítico, que tornam a seara vulnerável às deturpações. Por isso, não hesitemos, pois, quando a situação se impõe, e estejamos em alerta sobre a fidelidade que devemos a Kardec e a Jesus. É importante não esquecermos de que nas "insignificantes" concessões vamos desintegrando o edifício do excelso projeto da Terceira Revelação.

Preservar o Espiritismo, conforme o herdamos de Allan Kardec, é obrigação nossa, mantendo-lhe a clareza dos ensinamentos, a limpidez dos seus conteúdos, não permitindo que se lhe instalem práticas estranhas e perniciosas, que confundem os invigilantes e os menos conhecedores das obras básicas. Os Benfeitores alertam, ensinando-nos que os princípios espíritas produzem júbilos internos e não algazarra exterior. Não é certo que nos transformemos em profitentes insensatos, no trato com as questões espirituais.

Preservar, portanto, a pureza e a seriedade da Doutrina no Movimento Espírita é dever que nos compete a todos e, particularmente, ao Conselho Federativo Nacional, através das Entidades Federadas. Estejamos atentos, pois!

É verdade que o Espiritismo vem bem de saúde, desde 1857, não inspirando remédio específico, mas, o movimento espírita (principalmente, aqui, na "Pátria do Evangelho"), com o corpo infectado por diversos microorganismos patogênicos, é um paciente que padece de infecções gravíssimas. Apesar de,

ainda, não ter sido encaminhado a uma "U.T.I", este será o seu futuro endereço, a menos que vozes conscientes e responsáveis ecoem a longas distâncias, em sinal de alerta, pois "quem avisa, amigo é"! Recordando que "o futuro do Espiritismo depende do que os espíritas fizerem dele!", se os espíritas brasileiros desperdiçarem a oportunidade, ímpar, da prática evangélica sob a ótica kardeciana, enquanto há tempo, a Espiritualidade, indubitavelmente, transferirá "O Consolador Prometido" para outro lugar do Orbe, onde ele prosseguirá, com os homens, sem os homens e apesar dos homens.



O elitismo ante o personalismo de classe "espírita"

Temos recebido com certa frequência alguns e-mails contendo mensagens supostamente doutrinárias, essencialmente destrutivas, malsãs, apelativas, exaltando assuntos frívolos, escritos sob o guante de verborragias repetitivas, vulgares, agressivas. Num desses petardos virtuais, lemos entre outras jóias uma advertência aos que programam escalas de oradores, a fim de evitarem convidar para palestras "simplesinhas" a "Dra." Sicrana, Diretora de uma associação de notáveis espíritas, pois ela não tem perfil para falar nos eventos espíritas comuns (comuns!?!?), onde ela tenha que falar, por exemplo, abordando temas do Evangelho Segundo o Espiritismo porque são temas comuns (isso mesmo que o missivista diz...comuns????), porque, na opinião da "Dra." Sicrana, na cidade do escalador deve ter expositores simplesinhos para falar sobre estes temas "comunzinhos do Evangelho" e não vê porque chamar alguém de outro estado, abarrotados de "Drs." e bamba ("especializada") em outra área, para falar sobre os "reles" capítulo do Evangelho Segundo o Espiritismo. (pasmem!)

Cita, ainda, tal e-mail que se o escalador pretende levar a Dra Fulana à sua cidade, tente aproveitá-la bem, criando algum evento monumental junto a uma Universidade (de preferência de renome internacional, por certo), onde ela possa verbalizar sua singela teoria "científica" sobre o Espiritismo para uma plateia acadêmica (de preferência com pós-doutorados), sobretudo mestres de tal ou qual área universitária gente da área de psicologia, biologia, química, medicina, física e outras assemelhadas. O mesmo deve ser feito em relação ao "Dr."

Fulano, e vários outros "especialistas espíritas".

Esse assunto remeteu-nos ao diálogo que mantivemos com membro de uma associação "ESPÍRITA" de notáveis, vejamos:

Sicrana: Prezado Sr. Jorge Hessen

Jorge Hessen: Prezada Dra Sicrana

Sicrana: Permita-me uma reflexão sobre conteúdo de sua entrevista ao C.E. Joana D´Arc. (*)

Jorge Hessen: Certamente, minha irmã.

Sicrana: Eu nasci em berço espírita, em uma das menores cidades do Estado de... e convivi com as pessoas mais simples e economicamente desprovidas, que se possam imaginar. A gente estudava Kardec, fazia preces, participava das reuniões mediúnicas e tinha Jesus como Mestre.

Jorge Hessen: Toda Casa Espírita, minha irmã, tem que ter esse perfil, ou seja: Oração, Estudo e Caridade, tendo Jesus como Mestre e Modelo.

Sicrana: Na sequência dos tempos, vim estudar em (...) e fiquei por aqui, onde desenvolvi minha vida profissional, criei minha família e continuei com minhas atividades junto a essa nossa doutrina de libertação das consciências. Foi assim que acabei me ligando tb à Associação de (...). Tenho testemunhado o esforço hercúleo de seus integrantes, em divulgar um paradigma de humanização de todos os procedimentos de bem-estar, agregando profissionais (.....), enfim, de todas as modalidades correlatas. Lá eu tenho ouvido sempre que "o diploma do (profissional) espírita pertence a Jesus".

Jorge Hessen: A minha opinião particular sobre os profissionais da área da saúde, principalmente, é que todos, indistintamente, deveriam honrar o compromisso que assumiram, como humildes servidores do Cristo, pois são irmãos que vivenciam, na alma, a dor dos seus semelhantes; são os socorristas de plantão, literalmente falando. Devemos a eles o nosso maior respeito, sem dúvida alguma. Porém, não

podemos entender "humanização" a portas fechadas, onde profissionais se reúnem para estabelecerem um padrão de comportamento humanitário, mas que, na verdade, ainda têm uma visão turva sobre o que realmente isso significa. O maior humanista que já tivemos, na área, foi o inesquecível Dr. Bezerra de Menezes. É nele que a classe médica deveria se inspirar. Por outro lado, quem já leu a coleção André Luiz sabe qual foi a sua surpresa ao adentrar no Mundo dos Espíritos. Preciso dizer mais, minha irmã?

Sicrana: O trabalho das associações..., por exemplo, em defesa da vida, contra o aborto intencional, inclusive contra o aborto do chamado (equivocadamente) de "anencéfalo", é inegável. Foi com a estrutura da associação... que o Espiritismo conseguiu ser ouvido no Supremo Tribunal Federal, no final do ano passado, defendendo a vida do anencéfalo.

Jorge Hessen: Eu seria incoerente, minha irmã, se negasse esse esforço em defesa da vida. Perdoe-me, mas é muita presunção atribuir à associação..., a única e legítima representante legal do Espiritismo na Alta Corte a defender a vida do anencéfalo. Não somente os espíritas, mas, principalmente estes, arregimentaram-se e avançaram contra a descriminalização do aborto. Nesse dia, minha irmã, não houve distinção de classe, pois todos estavam irmanados em um só coração, em um só pensamento em nome do amor incondicional e do respeito à vida. Modestamente escrevi muito e publiquei sobre o específico e dei ampla divulgação à época. Foi minha humilde contribuição diretamente de Brasília, onde resido há 40 anos.

Sicrana: Em todos os eventos das associações..., de que eu tenho participado, assisto sempre a demonstração do caráter verdadeiro da Doutrina Espírita, ou seja, de ciência, de filosofia e da moral de Jesus. Não se tem o objetivo de "elitização", nem de "atrair para si os holofotes da fama" ou de "divulgar o evangelho apenas às pessoas laureadas" (expressões que

constam de sua entrevista). Pelo contrário, nas associações... os profissionais se reúnem em uma entidade de classe, para assumir a responsabilidade de tratar de assuntos específicos à sua formação, como aborto, transplante de órgãos, utilização de células-tronco embrionárias, depressão e obsessão, etc., sem perda de seu denominador comum, que é o fato de serem espíritas.

Jorge Hessen: O verdadeiro caráter da Doutrina Espírita, minha irmã, não se resume em "assistir a reuniões de classe" para tratar de assuntos específicos à sua formação, pois basta ser específico e ser entidade de classe, para assumir caráter "elitista" e, mesmo porque, o personalismo de classe caracteriza um comportamento egoísta e, sobretudo vaidoso, uma vez que se julgam cumprindo admirável missão, mas "a sete chaves". Ser espírita exige mais, muito mais do que isso. Os exemplos Chico Xavier e Bezerra de Menezes respondem por mim.

Sicrana: Senhor Jorge, eu tenho estado lá e estou testemunhando o que digo. Portanto, é com tristeza que leio referências injustas e infundadas ao trabalho de companheiros idealistas que só merecem nosso respeito e consideração. Não vejo a menor diferença de atitude nesses companheiros, em comparação a dos trabalhadores do centro espírita de minha pequena cidade natal. A seara continua a ser a de Jesus e laureados ou não pela academia da Terra, a honra que nos cabe é a de servir na condição de aprendizes na escola da vida.

Sicrana: Com abraço fraterno

Jorge Hessen: Não duvido, minha irmã, do seu testemunho. Porém, eu vejo uma diferença imensa entre uma coisa e outra, pois ser idealista não significa ser ativista. O equilíbrio está em ser idealista e ativista sincero e humilde.

Concluindo: Associação é uma organização entre duas ou mais pessoas para a realização de um objetivo comum. Sendo assim, podemos finalizar que o associativismo, normalmente de

voluntariado, usado como instrumento de satisfação das necessidades individuais humanas, pode ser facilmente banalizado e colocado à prova a sua credibilidade se, e somente se, for para privilegiarmos um determinado grupo ou classe no campo da religião ou mesmo da fé, propriamente dita. Eu entendo que a possibilidade de pessoas de uma mesma ideologia, de uma mesma formação acadêmica, de uma mesma classe social, criarem uma orientação à parte, mesmo dentro da mesma crença religiosa, é visível a intenção de manter relações sociais somente com seus iguais. Criar uma associação, onde se destaca somente aqueles da mesma "formação", acho inviável, imoral e degradante – perdoe-me a franqueza - pois revela um sentido, totalmente, contrário a tudo aquilo que qualquer religião ensina.

Allan Kardec propõe que o Espiritismo é uma doutrina natural, isto é, que coloca o homem ou o espírito diretamente em relação com Deus, de forma igual perante o SENHOR. Portanto, qualquer formação fora dessa realidade é, simplesmente, demagogia e pretensionismo.

Não estou aqui para julgar ou criticar, mas, para contra-argumentar e dizer que o meu pensamento, sobre a criação de tais Associações, encontra-se patenteado na entrevista a que você se refere e nos artigos que escrevo, pois que essa iniciativa afasta, cada vez mais, a ideia de União Espírita, tão aguardada pelos Espíritos Superiores que nos transmitiram essa abençoada Doutrina, que é o Espiritismo.

Fraternalmente,
Jorge Hessen



Desonestidade e Espiritismo não se coadunam

O termo desonestidade é empregado para descrever os atos velhacos, a corrupção, a falta de probidade, a ausência de integridade, o mentir ou ser deliberadamente falaz. O mau caráter é adverso ao decoro; é indecente; é desonrado; é escandaloso e assim vai...

A propósito, será que realmente somos honestos? Não somos mentirosos? Contemporzamos com a rapina, com as fraudes, a sonegação de impostos, a falcatrua. A rigor, ser incorruptível requer disciplina. Ser honesto demanda disciplina moral e ética, fadiga para abater más tendências, diligência por não se consentir desabar na perdição das trapaças.

A desonestidade remete à fantasia instantânea de levar vantagem inescrupulosa, contudo certamente ficaremos a mercê da inevitável cobrança da consciência e não há como enganá-la. A consciência não se corrompe; nela estão assentadas as Leis de Deus, é ela que nos espicaça e traz a realidade das circunstâncias e atos que praticamos quando agindo de má fé, utilizando-nos da infeliz lei do proveito insensato.

Quando alguma pessoa nos indaga se somos incorruptíveis, normalmente a indignação nos invade a mente, só em ajuizar que alguém hesite de que somos honestos. Muitas vezes nos pronunciamos honrados, mas será que verdadeiramente o somos a todo instante ou é só de fachada essa virtude? Se raspamos ou amassamos involuntariamente um automóvel no estacionamento, cujo dono não está presente, tendemos fugir do local, em vez de colocarmos um aviso do incidente, deixando nosso telefone num bilhete para contato. Quantos são

os que não obedecem a ordem de uma fila dos bancos, cinemas, hospitais etc, e arquitetam meios escusos para ocupar o local reservado aos que chegaram antes?

Habituamos aquilatar negativamente assaltantes vigaristas, homicidas, encarcerados de penitenciária de forma geral. Todavia, será que fora das prisões há superávit de gente honesta? Quantas vezes compramos produtos de origem duvidosa para sonegarmos impostos? Quantas vezes devolvemos o troco que o caixa do supermercado nos deu a mais? Quantos mecânicos de automóveis, técnicos de geladeiras, de televisão, máquinas de lavar, de computadores, mentem para cobrar mais caro?

Quantas vezes estacionamos na vaga de idoso ou deficiente sem sermos um idoso ou deficiente? Quantos usam de sua autoridade para anular multas de trânsito? Quantos bebem alcoólicos e assumem a direção de veículo nas estradas? Não assombra que administradores se apropriem das verbas publicas, e que empresários demitam para terem máximo lucro. Segundo estatísticas consagradas, o Brasil é um dos países campeões mundiais em corrupção, fazendo associação a determinados países africanos diminutos. Que tipo de ambição exorbitante e estúpida está na base da deficiência de caráter capaz de olvidar todos os escrúpulos para com a consciência e arremessar-se tão sagazmente no cofre do Estado? Não somos o primeiro, o único ou o último a anunciar esse séquito de vícios, contudo a mídia, frequentemente, noticia e expõe tais fatos francamente execráveis e com grande repercussão negativa.

Algumas vezes pronunciamos da tribuna que o verdadeiro espírito é honesto em tudo que faz. Se for presidente de uma casa espírita, precisa apresentar as movimentações financeiras aos frequentadores. É indispensável haver transparência na prestação de contas, mensalmente, com os contribuintes da casa espírita. Cremos que é simples obrigação afixar, no

“quadro de avisos” ao público, a comprovação da correta aplicação dos recursos recebidos. Os dirigentes que assim procedem veem patenteada a credibilidade da instituição que administram e a pureza de suas intenções.

Quando os dirigentes são omissos e não prestam contas, é evidente que ficamos atônitos e envergonhados, principalmente quando sabemos, pela imprensa, que algumas instituições "filantrópicas" desviam recursos, emitem recibos forjados de falsas doações, deixam de pagar impostos etc... É imperdoável haver instituições que recebem, à guisa de doações, roupas, calçados, alimentos, eletrodomésticos etc, e os administrantes se apropriem delas. É irredimível existir instituições que aceitem doações, até de objetos valiosos, e seus diretores se apropriem das melhores peças antes de os exporem em bazares ditos "beneficentes".

A prudência continua sendo a nossa melhor conselheira. Por questão de consciência ética, sabemos que um autêntico espírita tem que ser fiel aos princípios que a Doutrina dos Espíritos impõe e ter noção de que honestidade é prática obrigatória para todo ser humano, sobretudo para um cristão. Ou será que devemos reivindicar pedestais nos panteões terrenos por executarmos dignamente aquilo o que é nossa obrigação fazer? É imperiosa a quebra de valores invertidos, com o banho de ética, com a recuperação da honestidade.

Na condição de espíritas cristãos, sabemos que, para a consubstanciação da "Pátria do Evangelho", será imperativa uma renovação mental e comportamental urgente no País. Se quisermos viver um panorama social harmônico, devemos nos empenhar para promover uma reforma ética generalizada, entronizando a força da integridade moral.



Como devemos utilizar uma tribuna espírita?

O orador ao valer-se da tribuna, em nome de Jesus, precisa lembrar que toda palestra deve ser uma ferramenta sublime de disseminação do amor e da humildade. Através da tribuna, a mensagem espírita cristã tem chegado, diariamente, ao grande público, nos milhares de Centros e outras Instituições Espíritas existentes neste País. Uma palavra inadequada pode macular a bandeira mais nobre, por isso o orador precisa "calar qualquer propósito de destaque, silenciar exibições de conhecimentos, usar simplicidade, evitar alarde, sensacionalismo."(1) Tudo que o palestrante disser ou fizer repercutirá, ante os seus ouvintes, em favor ou descrédito para o Espiritismo. Todas as propostas poderão malograr, caso o expositor não se esforce para praticar o que pregue.

"O orador é responsável pelas imagens mentais que plasme nas mentes que o ouvem"(2) No uso da palavra (maior veículo de comunicação entre os homens), há necessidade de muito equilíbrio e sensatez. Importa falar sem dramaticidade, sem pieguismo, sem afetação, sem arrogância, sem empáfia, sem ostentação, pois, do contrário, o público mudará a atitude receptiva inicial e tornar-se-á refratário e até hostil ao final da palestra. Por essa razão, é crucial falar com doçura e firmeza, sem imitação de gestos, voz, fraseado ou o estilo de outro orador, mostrando-se simples e atencioso, vibrando simpatia e benevolência.

Conquanto precise batalhar incansavelmente no esclarecimento geral, usando processos justos e honestos, não pode esquecer que "a propaganda principal é sempre aquela desenvolvida pelos próprios atos da criatura, através da

exemplificação eloquente da reforma íntima, nos padrões do Evangelho.”(3) Deve falar com o coração trasbordante de fé luminosa e pura, agir de forma natural e entusiasta, impregnado daquela força que o ideal superior e a assistência dos Bons Espíritos os transmitem. “O campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sadia, é o grande veículo de amplitude da intuição, em todos os aspectos” (4) Óbvio que não se pode decretar que seja perfeito, pelo simples fato de ser palestrante, pois é um ser humano caracterizado por muitas imperfeições. Entretanto, é necessário que todos aqueles que pregam a Doutrina empreendam os maiores esforços para exemplificar aquilo que ensinam.

Aos palestrantes, candidatos ao estrelismo, importa que não “decorem simplesmente” quaisquer textos de livros espíritas para recitá-los, quais palradores, pois a expressão maquinal não agrada a quem ouve e, sobretudo, a Deus. Os espíritos nos recomendam nas palestras o “governo das próprias emoções, sem azedume, sem nervosismo e sem momices”(5), mas, alguns são abusivamente “satíricos” (visando fazer gargalhar os ouvintes na platéia), outros não conseguem despir-se das ostentações, santificações, endeusamentos e euforia proselitista. Alguns “deuses da tribuna” forçam palavras “mansas, melosas” que chegam a ficar pálidos em face do hercúleo esforço para demonstrar mansidão, outros carregam um eterno sorriso com dentes trincados (pressionando com força os de baixo com os de cima) na tentativa de demonstrar simpatia forçada. Tudo isso precisa ser evitado urgente.

No insofreável desejo de chamar a atenção alheia, muitos oradores querem ser aplaudidos e venerados perante os outros. Atualmente adota-se assustadoramente o hábito dos dirigentes incautos de exaltar oradores em público. Essas magnificências e grandiloquências, observadas à volta de alguns oradores famosos, é bem a repetição dos esplendores do cristianismo sem o Cristo. Há oradores que fazem palestras nos centros

espíritas, congressos, seminários e outros "encontrões", que veneram espalhar autógrafos, locupletando-se de ovações que às vezes têm conferido auréola de quase oráculos sagrados. Infelizmente vão se iludindo, criando a efígie de intocáveis, "emissários da paz", "embaixadores do bem". Não será impossível alguns centros "espíritas" edificarem altares em suas homenagens em futuro próximo.

A liderança do atual movimento espírita acredita que agenciando muitos congressos e seminários estará multiplicando a divulgação, como se isso fosse a necessidade imediata do Espiritismo, e ainda cobra taxas para esses eventos. Todavia, jamais esqueçamos que "a direção do Espiritismo, na sua feição do Evangelho redivivo, pertence ao Cristo e seus prepostos [espirituais], antes de qualquer esforço humano, precário e perecível."(6) O Espiritismo em seus valores cristãos "não possui finalidade maior que a de restaurar a verdade evangélica para os corações desesperados e descrentes do mundo. A obra definitiva do Espiritismo é a da edificação da consciência profunda no Evangelho de Jesus Cristo." (7)

Muitos palestrantes ficam submissos às imposições sociais quando buscam adesão (bajulações) dos outros, "quando permanecem na posição de permanentes escravos e pedintes do aplauso hipócrita e do verniz, da lisonja, condicionando-os a viver sem usufruir de liberdade de consciência, submetendo-os a ser manipulados pelos juízos e opiniões alheias."(8)

O orador deve assimilar, com reverência e humildade, toda análise crítica, procurando ponderar, com atenção, o seu trabalho e, assim, aperfeiçoar, cada vez mais, a tarefa que lhe cabe. Deve reagir com todas as suas forças contra os "confetes" e lisonjas, para que a vaidade não lhe venha toldar o próprio campo de ação, e mais ainda, nunca deve julgar-se indispensável ou excepcional, criando exigências ou solicitando considerações especiais.

Referências bibliográficas:

- (1) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1991, Na Propaganda
- (2) Idem - Cap. 14.
- (3) Idem Na Propaganda
- (4) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000, perg. 122).
- (5)_____, Waldo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1991, Na Tribuna
- (6)_____, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000, perg. 218
- (7) Idem perg. 219
- (8) Xavier, Francisco Cândido. Saudação do Natal – Mensagem “Trilogia da vida”, ditado pelo espírito Cornélio Pires, SP: Editora CEU, 1996



Algumas proposições espíritas para neutralizar a violência urbana

O tráfico de drogas é um crime globalizado e desencadeia muitos outros crimes, tais como furtos e roubos, cujos índices demonstram que crescem a cada dia, principalmente entre seus usuários. As estatísticas mostram, igualmente, que a violência cresce à medida que aumenta a distribuição de drogas em determinadas regiões. Os governos deveriam ter um importante papel nessa questão das drogas, ou seja, saber aliar medidas de repressão a alternativas outras para os jovens, e promover o desenvolvimento social nessas áreas. É mister reprimir os criminosos, obviamente. Porém, junto a isso, urge o envolvimento, também, da sociedade em todo esse contexto, nas áreas onde eles atuam. Até porque, grande parte das dificuldades para controlar a criminalidade, deve-se à falta de investimento em programas culturais, em atividades esportivas e em áreas de lazer para esses jovens, e, fundamentalmente, a falta de infra-estrutura por parte do Estado.

Desse modo, a ausência do Estado forja os líderes do crime que "governam" as comunidades com as suas próprias "leis". É importante que todo governante invista em projetos de asfaltamento de ruas, ampliação da iluminação pública, recuperação das praças, construção de escolas e postos de saúde, controle dos horários dos estabelecimentos que vendem bebidas alcoólicas nos locais mais afetados pela criminalidade. São medidas eficazes para reduzir a barbárie da violência urbana.

Infelizmente, a violência se fixou em caráter permanente em vários pontos do planeta. Em face disso, presenciamos os

estertores urbanos das batalhas bélicas que têm aniquilado as bases da racionalidade humana.

Segundo noticiários mais recentes, o Rio de Janeiro vive uma situação muito semelhante à cidade de Medellín, na Colômbia dos anos 90. Os narcotraficantes controlam os territórios das favelas, e o aparelho policial do Estado tem extrema dificuldade em combatê-los, seja pela falta de coordenação entre os governos, nas suas diversas esferas, seja entre as polícias civil, militar, federal e as guardas municipais, ou, ainda, pela corrupção da própria polícia, etc. Lembramos que, nos anos 90, Bogotá, na Colômbia, era considerada uma das cidades mais violentas do mundo, e conseguiu reduzir em 70% seu índice de violência urbana, em face das medidas sócio-educativas ali empreendidas.

O problema das drogas tornou-se uma calamidade pública, ceifando milhares de vidas e movimentando, interna e externamente, um dinheiro incalculável. Porém, por mais que o governo e a polícia combatam traficantes, nada será eficaz para lutar contra as drogas, senão a prática do Evangelho dentro do princípio do amor a Deus e ao semelhante.

Em nosso País, as penitenciárias, de hoje, lembram bastante as masmorras medievais. Os cárceres, atualmente, não servem para educar, pelo contrário, neutralizam a formação e o desenvolvimento de valores intrínsecos, estigmatizando o ser humano. As penitenciárias vêm funcionando como máquinas de reprodução da criminalidade. Tudo agravado pelo péssimo ambiente prisional, pela ausência de atividades produtivas e pela superlotação carcerária. Fatos esses que nos levam a testemunhar, pela mídia, as mais cruéis cenas de refrega entre criminosos e policiais, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo.

É evidente que as prisões são necessárias à detenção do infrator violento e perigoso, que se constitui em ameaça concreta para a sociedade, porém, ao infrator de menor

potencial ofensivo, sem características de violência, devem ser aplicadas as "penas alternativas", lamentavelmente, ainda, muito pouco aplicadas no País. Em verdade, a violência de todos os matizes deslustra as conquistas sociológicas deste século. A brutalidade humana tem esmaecido o caminho para Deus. Até mesmo muitos de nós, espíritas, condenamos a violência alheia, no nosso dia-a-dia, ao invés de agirmos de forma pacífica e fraterna. Somos quais títeres, reagindo sempre de acordo com o que motivou a nossa indignação.

Analisando este quadro, fica explícita a condição de nosso mundo de expiações e provas, que se caracteriza pelo "domínio do mal". É necessário que identifiquemos, com mais profundidade, os agentes determinantes desse processo, para podermos intervir com racionalidade em nossa esfera de ação.

Quem estuda o Espiritismo, e se esforça por praticar seus preceitos, vê-se melhor instrumentalizado para a vida em sociedade nos tempos atribulados em que vivemos, encontrando conceitos lógicos e racionais para o entendimento da vida numa visão evangélica consciente. Os postulados Espíritas são antídotos para a violência, posto que quem o conheça, sabe que não se poderá eximir das suas responsabilidades sociais, e que o seu futuro será uma decorrência do presente. Nesse contexto, devemos considerar que o espírita-cristão deve se armar de sabedoria e de amor, para atender à luta que vem sendo desencadeada nos cenários da sociedade, concitando à concórdia e ao perdão, em qualquer conjuntura anárquica e perturbadora da vida moderna.

Torna imprescindível praticarmos o Evangelho nos vários setores da sociedade, contribuindo com a parcela de mansidão para pacificá-la. O homem moderno ainda não percebeu que somente a experiência do Evangelho pode estabelecer as bases da concórdia, da fraternidade e constituir os antídotos eficazes para minimizar a violência que ainda avassala a Terra.

As Casas Espíritas, como Prontos-Socorros espirituais, muito

podem contribuir no trabalho de prevenção e auxílio às vítimas das drogas, nas duas dimensões da vida, através de medidas que os incentivem ao estudo das Leis de Deus. O Centro Espírita, além de estimular as famílias à prática do Evangelho no Lar, oferece recursos socorristas de tratamento espiritual: passe, desobsessão, água fluidificada, atendimento fraterno (trabalho assistencial que enseja o diálogo, a orientação, o acompanhamento e o esclarecimento, com fundamentação doutrinária a todos, indistintamente).

Destarte, intensifiquemos e aprimoremos cada vez mais as ações de ordem preventiva e terapêutica, já em curso em nossas Casas Espíritas, que nos casos de maior gravidade dos nossos assistidos, encaminhamos às instituições espíritas de socorro específico, clínicas, sanatórios, hospitais, etc.

Que nossas Casas Espíritas estejam sempre em sintonia com os ensinamentos das Obras Básicas e seu propósito de bem concorrer para a ascensão espiritual da criatura humana às faixas superiores da vida.



O espírita ante à síndrome do medo

Em uma situação de crise, seja de ordem econômica ou agravamento da insegurança pública, como sói ocorrer nos dias de hoje, as relações sociais, pessoais e familiares se alteram. Diante desse quadro, é perfeitamente normal que sintamos medo. Na verdade, sentir medo nos leva à imobilização, pois essa fobia aumenta, consideravelmente, a incerteza do que uma atitude poderá causar. Pensar que não conseguiremos enfrentar uma doença, nossos erros, a perda do emprego ou dos bens, a velhice, a solidão, a perda de um amor e assim por diante, amedronta-nos, causa-nos ansiedade e desconforto psicológico.

Se tivéssemos certeza do sucesso das atitudes a tomar, não teríamos medo de coisa alguma. Não devemos, pois, desconsiderar nossos medos, mas, antes, valorizá-los como fonte de transformações a serem realizadas dentro de nós mesmos. Quando usados como instrumento de coerção, controle e exercício do poder e de autoridade sobre os outros, compromete-se a consciência dos indivíduos, criando, neles, a necessidade de mentir. É quando professores e pais usam os medos e ameaças para limitarem seus alunos e filhos. Contos e histórias infantis, que podem ser usados como armas para amedrontar e controlar as crianças, estão ajudando a realizar a tarefa da antipedagogia. É o antiensino. É a deseducação.

André Luiz ensina que "o corajoso suporta as dificuldades, superando-as. O temerário afronta os perigos sem ponderá-los." (1) É verdade! Há atitudes que, frente aos medos, podem ser fruto da nossa irresponsabilidade. Trata-se de um erro de percepção ou da nossa incapacidade de julgamento. Sem medir

as consequências dos nossos atos, seja qual for a razão, enfrentamos a ameaça e o perigo, sem, antes, analisá-los. Somos, muitas vezes, inconsequentes nos nossos atos, não avaliarmos a imprudência que cometemos. Exemplos comuns de irresponsabilidade são as atitudes impulsivas ou exibicionistas praticadas por quem não pensa em correr quaisquer riscos com tais atitudes. A morte e a vida lhe são indiferentes.

Por essas razões é preciso que aceitemos nossos próprios medos, a fim de darmos início ao nosso autoconhecimento. Consiste, isso, em admitir que temos medos. Admitir também que todos têm medos. É o primeiro e decisivo passo para iniciar o caminho que nos levará a superá-los e, conseqüentemente, a superação de si mesmo.

A instabilidade psíquica e emocional faz parte da rotina de todos. É necessário ter “nervos de aço” para sobreviver nas grandes cidades modernas. Embora o medo seja um sentimento natural, a drástica realidade do cotidiano está transformando, em patologia crônica, um sentimento que é fundamental para nossa sobrevivência. “Ninguém poderá dizer que toda enfermidade esteja vinculada aos processos de elaboração da vida mental, mas todos podem garantir que os processos de elaboração da vida mental guardam positiva influência sobre todas as doenças”. (2) O medo é normal quando é moderado. Quando excessivo, torna-se doença, passa a prejudicar a nossa vida.

“Toda emoção violenta sobre o corpo é semelhante a martelada forte sobre a engrenagem de máquina sensível, e toda aflição animalhada é como ferrugem destruidora, prejudicando-lhe o funcionamento”.(3) O medo excessivo (fobias) é o mesmo que semear espinheiros magnéticos e adubá-los no solo emotivo de nossa existência, é intoxicar, por conta própria, a tessitura da vestimenta corpórea, estragando os centros de nossa vida profunda e arrasando,

consequentemente, sangue e nervos, glândulas e vísceras do corpo que Deus nos concede com vistas ao desenvolvimento de nossas faculdades para a Vida Eterna.

Para Sigmund Freud, uma emoção como o medo, por exemplo, “é uma preparação para enfrentar o perigo. É um estado biologicamente útil, já que, sem ele, a pessoa se acharia exposta a consequências graves. Dele derivariam a fuga e a defesa ativa. Quando, porém, o desenvolvimento de certos estados vai além de determinados limites, passa a contrariar o objetivo biológico e dá lugar às formas patológicas”. (4)

Os ansiosos (estressados) visitam, cinco vezes mais, médicos que uma pessoa normal. O sintoma crônico do medo está gerando problemas físicos e emocionais, tais como infarto do miocárdio, úlcera e insônia. Essa síndrome repercute no organismo de várias maneiras. No cérebro, pode provocar insônia e depressão. No coração, surgem as arritmias e a hipertensão. O sistema endócrino pode sofrer baixa taxa de açúcar no sangue e problemas com a tireóide; no sistema gastrointestinal, indigestão e colite. Portanto, o stress(5) do medo desenvolve a úlcera, a ansiedade, as tristezas e os pânico. “O medo [patológico] é um dos piores inimigos da criatura, por alojar-se na cidadela da alma, atacando as forças mais profundas”.(6)

Para nós, estudiosos do Espiritismo, a solução para o medo é, sem dúvida, o exercício “da fé que remove montanhas” (7), mostrando-nos o rumo da vitória. É, igualmente, a certeza da reencarnação, a convicção de que a vida terrena não é mais do que um longo dia perante a eternidade real da vida do Espírito. Somos seres pensantes e imortais e, ante essas verdades, podemos enriquecer a nossa atividade mental, indefinidamente, rumo aos objetivos superiores. Podemos desenvolver recursos que nos conduzam a um relacionamento humano e social mais saudável, através do trabalho solidário e fraternal, aprendendo a entender as dores e angústias dos nossos companheiros, a

ter compaixão, e, finalmente, "a amar o próximo como a nós mesmos". (8)

Fundamentalmente, a fé deve apoiar-se na razão, para não ser cega. Por isso, fé não é um "dom" fornecido por Deus para alguém em especial, seja por essa ou aquela atitude exterior, mas sim o produto da nossa conquista pessoal na busca da compreensão do caminho correto, das verdades que permeiam a essência das nossas próprias vidas, por meio do conhecimento, da vivência da experiência, das reflexões pessoais e pelo esforço que fazemos em nos modificar para viver com mais amor, por entender que o amor é a causa da vida, e a vida é o efeito desse amor. Na mensagem do Mestre, aprendemos a lição da coragem, do otimismo vivo, fatores psicológicos, esses, capazes de renovar nossos pendores, obstando que o medo, a depressão e a angústia se apodemem de nossa mente.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Agenda Cristã, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed Feb, 2001

(2) idem

(3) idem

(4) ABBAGNANO, N., citado por. Dicionário de Filosofia. Sigmund Freud (1856-1939). Nascido na Áustria de família judia. Foi o fundador da Psicanálise, tendo formulado os conceitos de inconsciente, libido, o método da livre associação no tratamento psicanalítico, etc., cujos fundamentos teóricos colaboraram para a compreensão do psiquismo humano

(5) O stress pode ser causado pela ansiedade e pela depressão devido à mudança brusca no estilo de vida e a exposição a um determinado ambiente, que leva a pessoa a sentir um determinado tipo de angústia. Quando os sintomas de estresse persistem por um longo intervalo de tempo, podem

ocorrer sentimentos de evasão (ligados à ansiedade e depressão). Os nossos mecanismos de defesa passam a não responder de uma forma eficaz, aumentando assim a possibilidade de vir a ocorrer doenças, especialmente cardiovasculares.

(6) Xavier, Francisco Cândido. Nosso Lar, ditado pelo Espírito André Luiz, Capítulo 42, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001

(7) Cf. Mt. 21.18-22

(8) Cf. (Mateus 9:20-22; Marcos 1:40-42; 7:26, 29, 30; João 1:29)



Ante a violência doméstica é urgente a oração no lar

A rigor, as relações familiares deveriam ser, acima de tudo, de ordem ética. Mas, observa-se nelas uma deterioração emocional profunda e uma complexa malha de desestabilidades morais, que nos importa examiná-las. No clã familiar antigo, sem dúvida, encontrava-se um espaço de convivência maior entre seus membros, embora não se esteja discutindo sua qualidade. Na atual arrumação familiar, pelo contrário, e apesar das menores dificuldades materiais, encontra-se um espaço menor. A tecnologia volátil é responsável, quase que diretamente, por essa conjuntura, pois, ocupam-se espaços importantes para assistir televisão, ouvir música [com fone de ouvido], navegar na Internet - e assim por diante. Em face disso, somos instados a confirmar que o instituto familiar necessita de apoio religioso para alcançar seu equilíbrio moral.

Recentemente, a imprensa divulgou os seguintes fatos: uma jovem, em São Paulo, matou os pais com a ajuda do namorado; um casal atirou um bebê contra um automóvel; um casal jogou menina pela janela do prédio. Nos casos acima, não ignoramos fatores motivadores dos crimes como o uso de drogas, paixões descontroladas, recalques infanto-juvenis, ambição financeira e outros levados a conta de transtornos emocionais e mentais capazes de subtrair, temporariamente, a capacidade de raciocínio e equilíbrio.

A violência do homem civilizado tem as suas raízes profundas e vigorosas na selva. O homo brutalis tem as suas leis: subjugar, humilhar, torturar e matar. O pragmatismo das sociedades contemporâneas coisificou o homem, o que vale dizer que o nadificou no plano moral. O mesmo indivíduo que

se prostra diante das imagens frias dos altares, nos templos suntuosos, volta ao seu posto de mando para ordenar torturas canibalescas. O homem contemporâneo vive atormentado pelo medo, esse inimigo atroz que o assombra, uma vez submetido às contingências da vida atual, de insegurança e de incertezas, resultando em transtornos graves da mente, pela angústia dissolvente da própria individualidade.

Muitas famílias vivem e revivem agressividades múltiplas, influenciadas pela violência que, insistentemente, é veiculada pelos noticiários, pelos documentários, pelos filmes, pelas torpes telenovelas e pelos programas de auditório (cada vez mais obscuros de valores éticos). Alguns familiares assimilam, subliminarmente, essas informações e, no cotidiano, sobretudo, reagem, violentamente, diante dos reveses da vida ou perante as contrariedades corriqueiras. A brutalidade familiar tem esmaecido, consideravelmente, o caminho para Deus. Há os que condenam a violência alheia, mas, no entanto, no dia-a-dia, ao invés de agirem de forma pacífica e fraterna, são quais andróides, revidando com a mesma moeda as agressividades sofridas. Existem aqueles casais que dizem viver um amor recíproco e, no entanto, quando há qualquer desentendimento entre eles, são extremamente hostis um com o outro. Há os que vêem no cônjuge um verdadeiro teste de paciência, pois os seus "santos" não se "cruzam". Mais ainda, quando o assunto são os filhos, há pais que dizem adorar todos eles, mas os consideram espíritos imaturos, que dão muito trabalho e, não raro, desgostos. A vida em família, nessas condições, transforma-se em verdadeiro tormento. Na verdade, se não os aceitarmos, hoje, como são, teremos de aceitá-los amanhã, pois as leis da vida exigem, segundo nos ensinou Jesus, que nos entendamos com os nossos irmãos de penosa convivência 'enquanto estivermos a caminho com eles'. A fuga aos deveres atuais será paga mais tarde com os juros devidos. Os filhos difíceis são filhos de nossas próprias obras, em vidas

passadas, que a Providência Divina, agora, encontra a possibilidade de nos unir pelos laços da consanguinidade, dando-nos a maravilhosa chance de resgate, reparação e os serviços árduos da educação.

Devemos ensinar a tolerância mais pura, mas não desdenhemos a energia, quando necessária no processo da educação, reconhecida a heterogeneidade das tendências e a diversidade dos temperamentos. "O lar não se fez para a contemplação egoística da espécie, porém, para santuário onde, por vezes, exigem-se a renúncia e o sacrifício de uma existência inteira." (1) Por todas essas razões, precisamos aprender a servir e perdoar; socorrer e ajudar os jovens entre as paredes do lar, sustentando o equilíbrio dos corações que se nos associam à existência e, "se nos entregarmos realmente no combate à deserção do bem, reconheceremos os prodígios que se obtêm dos pequenos sacrifícios em casa por bases da terapêutica do amor." (2)

Muitos temem a violência. Erguem altos muros com fios eletrificados ao redor de suas residências, tentando evitar que ela (a violência) os atinja. Contratam seguranças para protegerem suas empresas e seus lares. Instalam equipamentos sofisticados que os alertem da chegada de eventuais usurpadores de seus bens. Contudo, existe outro tipo de violência que não damos atenção: é a que está fincada dentro de cada um de nós. Violência íntima, que alguns alimentam, diariamente, concedendo que ela se torne animal voraz. É o ato de indiferença que um elege para apunhalar o outro no relacionamento doméstico, estabelecendo silêncios macabros às interrogações afetuosas. São os cônjuges que, entre si, pactuam com a mudez, como símbolo do desconforto por viverem, um ao lado do outro, como algemados sem remissão. A violência de fora pode nos alcançar, ferir-nos e, até mesmo, magoar-nos profundamente, mas, a violência do coração (interna), silenciosa, que certas pessoas aplicam todos

os dias, em seus relacionamentos, é muito mais perniciosa e destruidora. A paz do mundo começa sob o teto a que nos albergamos. "Se não aprendemos a viver em paz, entre quatro paredes, como aguardar a harmonia das nações?" (3)

O Espiritismo explica que "os que encarnam numa família, podem ser Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas, também pode acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros esses Espíritos, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por um mútuo antagonismo, que aí lhes serve de provação." (4) O apostolado de reajuste há de se iniciar nos pais, porquanto, despertados para a lógica e para o entendimento, são convocados pela sabedoria da vida ao apaziguamento e à renovação. Trazidos à reencarnação para os alicerces dos fenômenos sócio-domésticos, não é somente a relação dos pais para com os filhos que assume caráter de importância, mas, igualmente, a que se verifica dos filhos para com os pais. "Os pais não conseguem penetrar, de imediato, a trama do destino que os princípios cármicos lhes reservam aos filhos, no porvir, e os filhos estão inabilitados a compreender, de pronto, o enredo das circunstâncias em que se mergulharam seus pais, no pretérito, a fim de que pudessem volver do Plano Espiritual ao renascimento no Plano Físico." (5)

Devemos estar sempre atentos e, incansavelmente, buscando um diálogo franco com os filhos, sobretudo, amando-os, independentemente, de como se situam na escala evolutiva. Coincidentemente, ou não, os jovens mais agressivos são pouco amados pelos pais, sentem-se deslocados no grupo familiar ou se consideram pouco atraentes, etc.. Por estas e muitas outras razões, devemos transmitir segurança aos filhos através do afeto e do carinho constantes. Afinal, todo ser humano necessita ser amado, gostado, mesmo tendo consciência de seus defeitos, dificuldades e de suas reais

diferenças.

Nos primeiros anos de vida dos filhos [mais no período infantil do que na adolescência] é que podemos exercer salutar influência em favor do aprimoramento moral deles, através dos bons conselhos e, o que é mais importante, dos bons exemplos que lhes possamos oferecer. Em extremo, há pais que não têm pelos filhos o carinho e a solícitude que dispensam aos animais (a exemplo das aves e dos mamíferos), já que não titubeiam em dá-los ou mesmo abandoná-los à própria sorte desde a mais tenra idade. Outros, ao contrário, fazem dos filhos verdadeiros ídolos, colocando-os acima de tudo e de todos, inclusive de Deus. Os julgam possuidores de excelsas qualidades, recusando-se a admitir sejam capazes de qualquer ação menos digna. Daí, porque, sempre encontram um meio de justificar-lhes os erros, enxergando-os quais "vítimas inocentes" da maldade do mundo.

Somos defrontados, em todos os departamentos da família humana, pelas ocorrências da aversão inata. Pais e filhos, irmãos e parentes outros, não raro, se repelem, desde os primeiros contatos. "Pais existem nutrido antipatia pelos próprios rebentos, desde que esses rebentos lhes surgem no lar, e existem filhos que se inimizam com os próprios pais, tão logo senhoreiam o campo mental, nos labores da encarnação. Arraigado no labirinto de existências menos felizes, decerto que o problema das reações negativas, culpas, remorsos, inibições, vinganças e tantos outros está presente no quadro familiar, em que o ódio acumulado em estâncias do pretérito se exterioriza, por meio de manifestações catalogáveis na patologia da mente."(6)

A família, para determinadas religiões e sociedades, é algo indissolúvel. Tempos atrás, a manutenção dessas famílias era, somente, para manter aparências de respeito e felicidade. Hoje, observam-se famílias se desfazendo por trivialidades. O que é o ideal? A família de "porta-retratos" ou a família que se dissolve

na primeira "tempestade moral"?

Cabe ao Centro Espírita dimensionar os serviços de suporte à família atual, mas não de forma isolada. Deve o Centro Espírita integrar suas ações com outras instituições, tanto de caráter religioso como social, na busca da melhor qualidade do atendimento individual e coletivo, naturalmente, sem perder sua identidade doutrinária, mas, objetivando o resgate da ordem moral, que deve alicerçar a família como espaço de convivência.

"O culto do Evangelho é uma forma de reunir a família em torno de um objetivo comum. A comunhão familiar, onde todos conversam, trocam ideias, falam de seus problemas, comentam suas atividades à luz dos ensinamentos de Jesus, representa o mais eficiente estímulo para o estreitamento das ligações afetivas, transformando o lar em porto de segurança e paz, com garantia de equilíbrio e alegria para todos".(7) Quem estuda o Evangelho, e se esforça por praticar seus preceitos, vê-se melhor instrumentalizado para a vida familiar nos tempos atribulados em que vivemos, encontrando conceitos lógicos e racionais para o entendimento da vida numa visão evangélica consciente. O espírita-cristão deve se armar de sabedoria e de amor, para atender à luta que vem sendo desencadeada nos cenários domésticos em geral, concitando à concórdia e ao perdão, em qualquer conjuntura anárquica e perturbadora da vida moderna, pois "quando a família ora, Jesus se demora em casa". (8) É verdade - "quem cultiva o Evangelho em casa, faz da própria casa um templo do Cristo." (9) Logo, é imprescindível praticarmos os Ensinos de Jesus no lar, contribuindo com a parcela de mansidão para pacificá-lo. O homem moderno ainda não percebeu que somente a experiência do Evangelho pode estabelecer as bases da concórdia, da fraternidade e constituir os antídotos eficazes para minimizar a violência que, ainda, avassala o ninho doméstico e deságua na sociedade.

Portanto, mesmo num ambiente familiar conturbado, onde existe a evidente reunião de Espíritos não afinados, quando se institui a presença de Jesus nesse lar, esse "(...) produz sinais evidentes de paz, e aqueles que antes experimentavam repulsa pelo ajuntamento doméstico descobrem sintomas de identificação, necessidade de auxílio mútuo." (10) "A prece proferida de coração é uma emissão eletromagnética de elevada potência. Por isso, ela se reveste de significativa importância na defesa mento-espiritual do indivíduo e do próprio lar. Os pais que possuem o hábito da prece devem insistir por transferir esse precioso elemento de equilíbrio e proteção psíquica para os filhos, pois necessitamos dessa realimentação vibratória com o Genitor Divino para manter o nosso psiquismo estabilizado nas esferas elevadas, e essa comunhão com o Criador se estabelece através da prece sincera e singela, principalmente, quando proferida e bem sentida no seio familiar, transformando qualquer sombra em alegria e bem estar de todos.

Referências bibliográficas:

- (1) XAVIER, Francisco Cândido. O Consolador. Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: FEB, 1995
- (2) XAVIER, Francisco Cândido. "Caminhos de Volta" - Espíritos Diversos, SP: IDE 1976
- (3) XAVIER, Francisco Cândido. Jesus No Lar ditado pelo Espírito Néio Lucio, Rio de Janeiro: FEB, 2001
- (4) KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, cap. XIV
- (5) XAVIER, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001
- (6) Idem
- (7) SIMONETTI, Richard. Temas de Hoje, Problemas de Sempre, SP: ed. Correio Fraternal 1990

(8) FRANCO, Divaldo Pereira. SOS Família, ditado pelo Espírito Joanna de Angelis, Salvador: Ed. Leal, 2006

(9) XAVIER, Francisco Cândido. Conduta Espírita, ditado pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1996, cap. 5

(10) FRANCO, Divaldo Pereira. Florações Evangélicas, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis, Salvador: Ed. LEAL, 1987, cap.3



Cogitação sobre tratamento de moléstias mentais e as proposições espíritas

Há 60 anos, a absorvente “psiquiatrização” da terapêutica das enfermidades mentais foi robustecida com o advento das primeiras drogas facilmente absorvida no Sistema Nervoso Central, porém seu uso tornou-se abusivo e indiscriminado, cristalizando a doença mental crônica e incapacitante. Mais recentemente, todavia e felizmente outras terapias têm surgido a exemplo da arteterapia e outras técnicas expressivas, todas consideradas intervenções admiráveis dentro desse novo “approach” (enfoque) mais humano.

Há grande contingente de expressão, viabilizados por atividades atreladas à música e ao teatro, trabalhando a ampliação da comunicação com o mundo interno e externo. A metodologia, enquanto manifestação criativa do ser humano na sua luta interior, tem sido resgatada enquanto prática terapêutica na assistência em saúde mental e destina-se tanto a transtornos neuróticos como psicóticos.

No anfiteatro da psiquiatria, pesquisadores mais atrevidos já incluíam algumas doenças de origens nervosas e mentais, sendo induzidas pela influência de seres extracorpóreos (espíritos); no entanto, os convencionalismos da época evitaram que as pesquisas com esse viés espiritual avançassem. Malgrado poucos informes científicos, há muitas evidências de que o processo obsessivo ou a imantação e interposições de magnetismos deletérios desempenha ação terrível na fisiopatogenia das enfermidades no corpo físico e espiritual, e, às vezes, evoluindo com quadros gravíssimos.

A ação obsessiva espiritual, sob qualquer ocorrência que se

exprima, é moléstia muitas vezes de longo caminho, exigindo terapêutica especializada, de segura aplicação e de resultados que não se fazem sentir imediatamente. A atuação mental e magnética do obsessor sobre o cérebro, se não forem retiradas em tempo hábil, dará, basicamente, em resultado, a consternação daquele órgão, tanto mais intenso quanto mais período encontrar-se sob a influência destruidora daqueles fluidos.

Para os tratamentos de ordem psíquico e mental é importante a formulação quimioterápica (sedativos, antidepressivos e medicamentos de ação central. Consideramos a importância dos eletrochoques) embora muito raramente, apenas nos casos de difícil remissão (casos catatônicos) ou de extrema resistência à quimioterapia; a psicoterapia – segundo as técnicas usuais, de escolha do terapeuta (aliada, sempre que possível, à noção de reencarnação); a psicanálise profunda – (calcada, sempre que possível, na pluralidade das existências); e, como vimos acima, a terapia ocupacional – mantendo o paciente ocupado em trabalho que o atraia e de seu interesse, de modo a mantê-lo afastado de seus pensamentos doentios; a ludoterapia – divertimentos sadios e cultivo de esportes (ginástica, natação, e outros tipos de exercícios); a musicoterapia – o senso musical talvez seja o último elo que o doente mental perde e deve ser cultivado com carinho; a reeducação – através de contatos frequentes com assistentes sociais e palestras educativas.

Ainda, sob o ponto de vista das alternativas médicas, ressaltamos a importância da homeopatia, acupuntura e todos os esforços no sentido de levar o indivíduo a uma busca objetiva diante da vida, sem culpas, sem cobranças, valorizando a sua auto-estima, o pensamento positivo e a força de vontade.

Os espíritas sensatos devem respeitar as orientações dos profissionais da área de saúde, evitando equívocos como: fazer diagnósticos, trocar e/ou suspender medicamentos e, às vezes,

tornar o quadro dos pacientes mais graves que verdadeiramente o são. Por outro lado caberia aos médicos, ao tratar seus pacientes, admitindo a hipótese de influência espiritual, ainda que não comprovada, academicamente, pedir ajuda às casas espíritas que exercem suas atividades com objetivos sérios, seguindo os postulados do Cristo e os preceitos da Doutrina Espírita.

Apesar de todos os esforços, às vezes, é difícil fazer um diagnóstico diferencial específico, considerando que os sinais e sintomas são idênticos, tanto na loucura, propriamente dita, com lesões cerebrais, quanto nos processos obsessivos, onde há grande perturbação na transmissão do pensamento.

O tratamento espiritual, oferecido na Casa Espírita bem orientada, não dispensa tratamento médico. O prognóstico, de modo geral, poderá ser bom ou ruim, considerando todos os fatores envolvidos, especialmente, o interesse do obsedado em profundas transformações íntimas e a boa vontade da família em dar-lhe toda a assistência possível sob todos os aspectos.

O Espiritismo e a medicina, no futuro, poderão se entender não se contradizendo, todavia de unidas, marchando conectadas, procurando todos os expedientes disponíveis no sentido de atenuar a agonia do doente. Caso contrario, a medicina boiará em um mar de dúvida, enquanto esperar que a demência está amarrada, unicamente, no universo cerebral. A ciência precisa distinguir as causas físicas das causas morais, para poder aplicar às moléstias os meios correlativos.

Portanto, uma excelente proposta para tratamento dos portadores de doenças psíquicas é a participação em reuniões de desobsessão. No caso do obsessor (encarnado e desencarnado), ele terá a oportunidade de comparecer à reunião, onde deverá ser recebido com muito amor, visando o esclarecimento pela doutrinação, a fim de que possa compreender os erros do irmão e assim encontrar forças para perdoar.



Delinquência infanto-juvenil, uma breve ponderação espírita

É muito gratificante recebermos notícias sobre jovens infratores que aproveitam as oportunidades que as instituições de ressocialização lhes oferecem, ingressando, alguns poucos, na universidade, com direito inclusive a bolsas de estudos integrais. Nesse aspecto, sabemos que cada ser recebe da vida segundo seus esforços e méritos.

Inobstante as grandes diligências para a ressocialização dos jovens delinquentes, é de se lamentar que excepcionalmente os apreendidos (menores) no Brasil conseguem lograr êxitos na sociedade. O assunto é instigante e implica bastante sensibilidade, por tanger as questões que abrangem crianças e adolescentes incursos na prática criminosa, tão combatida, mas que ultimamente só avigora as trágicas estatísticas do crime.

Há teóricos que defendem não haver adolescentes infratores em decorrência da pobreza, do abandono ou da falta de oportunidade de estudo ou trabalho, mas como reflexos de exposições seguidas a circunstâncias de deficiência moral e que se confiam ao crime por vontade própria. Em sentido contrário a esse argumento, surgem as vozes dos que propagam o argumento de que o adolescente marginalizado é, em grande monta, vítima de desigualdade social, pois que não tem renda suficiente para usufruir de bens e serviços básicos, como saúde, educação, habitação e lazer. Isso é razão suficiente pelo que o jovem se torna revoltado ou ansioso por experimentar o que da vida lhe é suprimido. Para tal adolescente, o melhor recurso é o processo de ressocialização; não com vistas à repressão judicial, mas à reinserção desse jovem infrator na

sociedade que ele mesmo rejeitou.

Para os especialistas, não há um juízo pacífico no princípio sobre as admissíveis causas da delinquência infanto-juvenil. O que existe são conjecturas, sobretudo de caráter social, acerca desses desvios de comportamento que culminam com a condenação da sociedade. Não ignoramos que a família (com as devidas ressalvas) deve ser colocada como importante matriz da defecção moral dos filhos. André Luiz nos adverte que "os pais respondem espiritualmente como cicerones dos que ressurgem no educandário da carne.". (1) Há, sem sombra de dúvida, pais ou responsáveis que são avaliados como geradores da condição irregular de seus filhos ou tutelados, seja ela concebida como carência de meios indispensáveis à subsistência, abandono material ou até mesmo a prática de infração penal.

Compete observar que a violência entre os menores tem aumentado e nem sempre tem conotação econômica, arredando substancialmente a tese das condições subumanas a que são jugulados os jovens, principalmente nas grandes cidades, e que os desviariam para o crime. Ressalte-se que o número de adolescentes infratores egressos da classe A (alta) e B (média) tem aumentado, no mundo inteiro. As causas da marginalidade entre os adolescentes são, pois, muito extensas, não se reduzindo exclusivamente à ociosidade, pobreza, fome ou descaso social. Acerca-se também pela esguelha das malfazejas companhias, constituição de gangues, aglomerações de pessoas insensatas, etilismo, drogas, meretrício, insolência religiosa ou ética e anseio orientado para o crime, configurando-se como causas importantes.

André Luiz assevera que "a criança sofre de maneira profunda a influência do meio. Por isso é urgente passar-lhe a noção de responsabilidade nos deveres mínimos como o ponto de partida para o cumprimento das grandes obrigações sociais. Não permitir que as crianças participem de reuniões ou festas

que lhes conspurquem os sentimentos e, em nenhuma oportunidade, oferecer-lhes presentes suscetíveis de incentivar-lhes qualquer atitude agressiva ou belicosa, tanto em brinquedos quanto em publicações.”. (2)

Concebemos que o sedutor universo fashion, a TV e a internet, ao colonizarem as residências (edificação material da casa) e lares (aspirações da família), exacerbaram nas crianças o despertar prematuro para uma realidade desnuda e inumana, o que equivale a afiançar que elas foram arrebatadas do seu mundo de alegoria e dirigidas para a inversão dos valores morais, espicaçadas também pela arrogância dos pais. Assim sendo, a estação de inocência e tranquilidade infantil foi diminuindo.

Cada vez mais cedo, e com maior magnitude, as excitações da adolescência germinam adicionadas pelos diversos e desconhecidos apelos das revistas libertinas, da mídia eletrônica, das drogas, do consumismo impulsivo, do mau gosto comportamental, da banalidade exibida e outras tantas extravagâncias, como espelhos claros de pais que vivem alucinados, estancados e desatualizados, enjaulados em seus que fazeres diários e que jamais podem demorar-se à frente da educação dos próprios filhos.

Sejamos atentos à verdade de que educar não se abrevia apenas a fornecimentos de abrigo e alimento do corpo extinguível. A educação, por significado, funda-se na base da constituição de uma sociedade profícua. A tarefa que nos cumpre alcançar é a da educação das crianças e jovens pelo padrão de total dignificação moral sob as bênçãos de Deus. Nesse sentido, os postulados Espíritas são antídotos contra todas as deletérias armadilhas humanas, posto que aqueles que os distinguem têm consciência de que não poderão se eximir dos seus encargos sociais, sabendo que o amanhã é uma implicação do presente. Assim, é imperativo identificarmos no coração infanto-juvenil o arcabouço da futura geração

saudável.

Referência bibliográfica:

(1) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo espírito André Luiz, cap 21, RJ: Ed FEB, 1978

(2) idem



Limitação física na perspectiva da integração do passado, presente e futuro como elos da espiral da auto-superação

Não obstante todo nosso avanço no conhecimento científico, sociológico e filosófico, o que sabemos sobre pessoas portadoras de necessidades especiais é restrito e, ainda hoje, cheio de vieses e (pré)conceitos teóricos. A sociedade tendo expectativas distorcidas quanto aos "deficientes" (limitados físicos), trata-os, individualmente, como os mais indefesos e dignos de dó dos mortais. É aqui, pois, que reside um dos maiores problemas que se deparam às pessoas portadoras de limitação física. Devido à grande proteção ou mesmo superproteção dos pais ou responsáveis pela educação e cuidado das crianças, fisicamente limitadas, estas nem sempre recebem estimulação apropriada para seu desenvolvimento, chegando a ter, até mesmo, anos de atraso, ao iniciarem a educação formal, comparadas aos alunos "normais". Tais atitudes são reprováveis e desastrosas àquelas crianças que, não tendo uma estimulação apropriada ao seu desenvolvimento, podem sofrer danos irreparáveis ou encontrar-se em situações difíceis e embaraçosas, desnecessárias e plenamente evitáveis, fossem propiciadas maiores informações às pessoas que com elas convivem, e muito se ganharia nesse processo de formação. Destarte, urge rompermos com os paradigmas obsoletos. Proporcionando ao portador de limitação física uma participação ativa no processo socio-político-histórico-cultural da sociedade vigente e futura, os resultados advirão.

A jovem Flávia Cristiane Fuga e Silva, de 26 anos, com

paralisia cerebral, recebeu sua carteira de advogada, após cinco anos de faculdade e três exames da OAB-SP. Flávia praticamente não fala e se locomove com o auxílio de uma cadeira de rodas. Foi aprovada no exame 133, da Ordem dos Advogados do Brasil, OAB/SP, realizado em agosto de 2007, em que 84,1% dos 17.871 candidatos foram reprovados. É uma façanha estupenda, sem dúvida. Segundo o presidente da OAB, em São José dos Campos, Luiz Carlos Pêgas, "a aprovação de Flávia foi um marco. A OAB, em São Paulo, sempre defendeu os fisicamente limitados, mas não tinha advogados com paralisia cerebral." (1)

Outro extraordinário exemplo identificamos em Alisson Fernandes dos Santos, que defendeu dissertação de mestrado na Universidade Federal do Paraná UFPR (com ajuda de intérprete). Com problema congênito que lhe causou surdez profunda bilateral (dos dois ouvidos) ele se comunica apenas via leitura labial. (2) Alisson concluiu o mestrado aos 32 anos. Formado em farmácia e bioquímica, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Alisson acabou de receber o título de mestre em ciências farmacêuticas com ênfase em análises clínicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e é o primeiro aluno surdo a receber o título na instituição. (3)

Santos sempre quis fazer mestrado, pois gosta muito de estudar, de ler e ainda quer fazer doutorado. Ele lembra que sempre teve dificuldade em todas as etapas, mas sempre as superou com o apoio familiar. "As barreiras foram muitas e as pessoas não podem desistir, ninguém pode atrapalhar a nossa vontade de crescer sempre", enfatiza Alisson. "(4) Defendemos a ideia que "deficiência" é, apenas, uma limitação física. Portanto, não é senão uma característica valorada negativamente em função de uma norma de "eficiência" que lhe serve de padrão. Desse modo, paráliticos, surdos, mudos e cegos, sob essa égide valorativa de "eficiência", são considerados "deficientes", isto é, aqueles cuja "eficiência" é

falha é insuficiente, e não tem como ser vencida, superada.

Entendendo que o limitado físico não sofre de falta de "eficiência", postulamos que esse indivíduo não é deficiente, porém, está temporariamente restrito para fazer algo. Sob esse raciocínio, acreditamos que na limitação, momentaneamente, não se pode fazer algo, mas que se podem buscar meios para superar, vencer, quebrar limites, expandir, ampliar horizontes, levando a barreira limite para mais distante do ponto anterior.

Trata-se, aqui, da diferença entre o ser (espírito) e o estado da pessoa humana. Como vimos, quando tratamos de limites, esses, de um modo ou de outro, podem ser superados. E se não o forem, no momento, não devem constituir motivo de desânimo e, muito menos, de desistência.

Um texto de Francisco José de Lima cita como exemplo, o pianista "João Carlos Martins, que, após uma história de acidentes, envolvendo-lhe a capacidade motora das mãos e braços lesão no braço direito, em 1965; síndrome de movimentos repetitivos, em 1979; hematoma cerebral e paralisia parcial, decorrentes de um assalto que sofreu em 1995, a ponto de seu desempenho ao piano ter sido considerado errático, o que o afastou do instrumento por dois longos períodos de oito anos, ele não desanimou e, com o incentivo do pai nonagenário, com auxílio de fisioterapia e de uma reprogramação das funções cerebrais da fala e da digitação, superou sua limitação física, voltando a tocar piano e tornando-se o único pianista a ter gravado a integral de Bach para o teclado." (5)

Francisco Lima consigna, ainda, que "tal façanha só foi possível após ter o pianista sido submetido a um tratamento em um dos maiores centros neurológicos do mundo -- o Jackson Memorial, nos EUA. Contudo, João Carlos Martins não preservou o completo controle motor do antebraço direito para as atividades mais simples, às quais teve de readaptar-se (aprender, por exemplo, a escrever com a mão esquerda) e

ficou com uma seqüela permanente que o esgota. Obrigou-se, pois, a uma verdadeira "dieta do silêncio": todas as vezes em que toca ao piano, João Carlos Martins tem de ficar pelo menos três horas sem falar, antes da apresentação."(6)

Concebemos que as limitações de hoje poderão, no futuro, ser suplantadas, fisiológica ou tecnologicamente. Francisco José registra, ainda, como exemplo: "uma garotinha de 7 anos de idade pode trazer nas mãos um quilo de trigo, da padaria até sua casa, com a mesma eficiência com que seu pai traria cinco quilos de açúcar. Porém, nem o pai conseguiria trazer nas mãos cinquenta quilos, nem a filha dez. Dentro de suas limitações (força física, por exemplo), tanto a garotinha quanto o pai podem desempenhar eficientemente sua tarefa. Mais ainda, dando-lhes condições extras (um carrinho de mão por exemplo), ambos poderiam superar seus limites, uma vez que não são deficientes, mas estão limitados quanto à força física. Destarte, da mesma forma que hoje a garotinha não pode carregar cinco quilos de trigo, mas poderá fazê-lo no futuro, quando adulta, seu pai (hoje no vigor da força física) pode carregar cinco quilos de açúcar, porém talvez não possa fazê-lo no futuro, quando se tornar um ancião." (7)

Assim, o que seria para muitos uma deficiência, nada mais é do que mera limitação. Por exemplo: "poderia uma pessoa privada do movimento das pernas e dos dedos da mão pintar uma tela com um pincel? Não! Responderiam afoitamente os defensores da deficiência. Sim! Afirmamos nós: vide Renoir, que, tendo a limitação física descrita acima, a superou, bastando, para tanto, que alguém lhe afivelasse o pincel à mão para que ele pintasse nas telas os mais alegres quadros de sua vida, mesmo com a intensa dor de que padecia." (8)

Embora nossa experiência no mundo nos condicione de muitas maneiras, o cérebro, sem dúvida, possui uma capacidade espantosa de se reconfigurar de acordo com a informação que recebe de fora. Em se superando os limites

físicos humanos, têm surgido, no meio clínico, tendências, teorias e práticas médicas ou de laboratório, que vislumbram a possibilidade de encontrar, não em células cognitivas ou sensoriais, a "fonte" de tudo, em termos de individualidade, força de vontade, etc., mas levar à descoberta de que a memória, enquanto expressão espiritual, permite incursões seguidas e constantes ao manancial mnemônico das vidas sucessivas (reencarnações) pelo resgate e acesso a informações que, notada e comprovadamente, não tenham origem em experiências, vivências e aprendizados desta existência, o que pode ajudar no processo de auto-superação.

Allan Kardec faz analogia entre os esforços físico-corporais (motores) e os intelectivos, dizendo que "[...] nos trabalhos da inteligência, estropia-se o cérebro, que é o do pensamento. Mas, por se haver quebrado o instrumento, não se segue que o mesmo tenha acontecido ao Espírito. Este permanece intacto e, desde que se liberte da matéria, gozará, tanto quanto qualquer outro, da plenitude das suas faculdades." (9) Esta importante consideração contida na "Introdução", de O Livro dos Espíritos, poderá ser a conclusão a que a ciência médica chegará, dentro em breve, para a explicação da superação humana em relação a determinadas patologias cerebrais, quando, por meio de terapias e tratamentos, o "cérebro" doente consiga "responder", de modo satisfatório, a determinados desafios, quando será possível conceituar que o Espírito, sede da individualidade humana, ser imortal, é a fonte da inteligência e por ela se manifesta, independentemente, do cérebro - enquanto estrutura puramente orgânica para nós espíritas. Alguém que desenvolve importante trabalho em dada área do conhecimento humano (medicina, física, biologia, pedagogia, filosofia, direito, etc.), e que envereda sucessivamente, por mais de uma existência, na aplicação prática e na vivência teórica de tais disciplinas, resgata, com certeza, experiências pretéritas - que não são, conforme explica a ciência material,

apenas resultado de leituras e de estudos atuais - fazendo delas determinadas "etapas" para a conquista de dado êxito presente. Na memória, "São-lhe como que presentes todos os atos de que tenha interesse em lembrar-se. Os outros lhe permanecem mais ou menos vagos na mente, ou esquecidos de todo". (10)

No item 370, de O Livro dos Espíritos, o Codificador busca dos Espíritos a justificação da relação entre os órgãos cerebrais e as faculdades morais e intelectuais (do Espírito), e deles recebe esta magnífica resposta: "Não confundais o efeito com a causa. O Espírito dispõe sempre das faculdades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que dão as faculdades, e sim estas que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos" (11), mesmo que, adiante, seja bem colocado "que a matéria pode, vez por outra, cercear as faculdades espirituais, por limitações físicas" (como, aliás, consta, à frente, no item 373). (12)

De modo pontual e conclusivo, Kardec contribui com a lição espiritual, argumentando: "Encarnado, traz o Espírito certas predisposições e, se se admitir que a cada uma corresponda no cérebro um órgão, o desenvolvimento desses órgãos será efeito e não causa. Se nos órgãos estivesse o princípio das faculdades, o homem seria máquina sem livre arbítrio e sem a responsabilidade de seus atos. Forçoso então fora admitir-se que os maiores gênios, os sábios, os poetas, os artistas, só o são porque o acaso lhes deu órgãos especiais, donde se seguiria que, sem esses órgãos, não teriam sido gênios e que, assim, o maior dos imbecis houvera podido ser um Newton, um Vergílio, ou um Rafael, desde que de certos órgãos se achassem providos." (13)

Nos debates sobre as funções cerebrais, a noção de integralidade humana (como Espírito, em verdade) poderá ser a próxima descoberta científica, integrando, de uma vez por todas, passado, presente e futuro como elos da espiral evolutiva. Descobrimo o Espírito em totalidade, a ciência

humana entenderá melhor o porquê de tantas diferenças psicológicas e sensoriais entre os homens de todos os tempos. Por que uns superam os limites físicos e outros se entregam inermes a tais situações? A reencarnação é a melhor tese explicativa.

Referências bibliográficas:

(1) Disponível no site acesso em 29-08-08

(2) Durante as explicações nas aulas, Santos observava as professoras fazendo leitura labial e algumas anotações. Apesar das dificuldades naturais e do preconceito enfrentado (Santos disse que muitos colegas não queriam fazer trabalho em grupo com ele) porém, nunca repetiu ano. Há três anos é funcionário público na área de farmácia e bioquímica.

(3) Disponível no site <> acesso em 07-08-08

(4) O trabalho de Alisson Santos será apresentado ao longo dos próximos meses no 20º Congresso Internacional de Química Clínica e Medicina Laboratorial e no 35º Congresso Brasileiro de Análises Clínicas, em Fortaleza (CE).

(5) Cf. Francisco José de Lima. Artigo intitulado Deficiência visual, Submetido em Segunda, 26/12/2005 - 23:53 por Lerparaver, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

(6) Idem

(7) Idem

(8) Idem

(9) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2006

(10) Disponível no site acesso em 20-08-08

(11) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2006

(12) Idem

(13) Idem



Feirões do aborto, verdadeira tragédia moral

Pesquisa, conduzida pela Universidade de Brasília, demonstra que ultrapassa de cinco milhões o número de mulheres brasileiras que já abortaram. Segundo a antropóloga e professora da UnB, Débora Diniz, uma mulher em cada cinco, aos 40 anos, fez aborto. Os dados confirmam que 5 milhões e 300 mil mulheres em algum momento da vida já fizeram aborto. Isso é fato constatado. Como resolver a questão?

As clínicas clandestinas existem e são verdadeiros feirões do aborto. Seus proprietários estão milionários. Não é para menos, pois chegam a cobrar R\$ 800,00 para uma curetagem, R\$ 1.200,00 para a sucção e R\$ 1.800,00 para destroçarem o bebê através do vácuo. Especialistas afirmam ainda que as vítimas de complicações de aborto nessas clínicas acabam tendo que serem socorridas pelo sistema de saúde público, o Sistema Único de Saúde (SUS). Uma pesquisa do Instituto do Coração da Universidade de São Paulo levantou um número espantoso. Entre 1995 e 2007, a curetagem depois do procedimento de aborto foi a cirurgia mais realizada pelo SUS: 3,1 milhões de registros, contra 1,8 milhão de cirurgias de correção de hérnia.

O que isso significa? Um tremendo impacto na saúde pública brasileira. Não há legislação humana que identifique de imediato o ignóbil infanticídio, nos redutos familiares ou na bruma da noite, e aos que mergulham na torpeza do aborto. Quem é essa mulher que faz aborto? Ela é a mulher típica brasileira. Não há nada de particular na mulher que faz aborto, explica Débora Diniz. Por essas e outras que o Brasil é o campeão mundial da prática abortista.

A taxa de interrupção de gravidez supera a taxa de

nascimento. Esta situação fez surgir no país grupos dispostos a legalizar o aborto, torná-lo fácil, acessível, higiênico, juridicamente "correto". Ainda que isso viesse ocorrer, JAMAIS esqueçamos que o aborto ilegal ou legalizado SEMPRE será um CRIME perante às Leis de Divinas! O Jornal Folha de São Paulo, de 07/10/2007, afirma que o Instituto de Pesquisa Datafolha constatou que, nos últimos anos, o número de brasileiros, que acham a prática do aborto "muito grave", aumentou de 61%, para 71% e que, atualmente, apenas 3% dos brasileiros consideram o aborto moralmente aceitável.(1)

Os arautos do aborto evocam as péssimas condições em que são realizados os procedimentos clandestinos. Porém, em que pese a sua veracidade, não nos enganemos, acreditando que o aborto oficial irá resolver a questão do infanticídio; ao contrário, o aumentará e muito! Ele continuará a ser praticado escondido e não controlado, pois a clandestinidade é cúmplice do anonimato e não exige explicações. Descriminalizar o aborto, sob quaisquer circunstâncias, será um expressivo marco de estagnação espiritual na história da sociedade brasileira.

Outra questão gravíssima, na legalização do aborto é a seguinte: estariam todos os obstetras disponíveis à prática abortiva? Seria possível, no âmbito da ética médica, conciliar uma medicina que propõe valorizar a vida com uma medicina que mata? Não nos enganemos, a medicina que executa o aborto nos países que já legalizaram o assassinato do bebê no ventre materno é uma medicina criminoso. Não há lei humana que atenuie essa situação ante a Lei de Deus.

Chico Xavier adverte que "admitimos seja suficiente breve meditação, em torno do aborto delituoso, para reconhecermos nele um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões."(2)

No caso de violência sexual (estupro), quando a mulher engravida e não se sinta com estrutura psicológica para criar o

filho, cremos que a legislação deveria facilitar e estimular a adoção da criança nascida nessas circunstâncias, ao invés de promover a sua morte legal. "O Espiritismo, considerando o lado transcendente das situações humanas, estimula a mãe [violentada] a levar adiante a gravidez e até mesmo a criação daquele filho, superando o trauma do estupro, porque aquele Espírito reencarnante terá, possivelmente, um compromisso passado com a genitora."(3)

Se muitos tribunais do mundo condenam, em sua maioria, a prática do aborto, as Leis Divinas, por seu turno, atuam inflexivelmente sobre os que alucinadamente o provocam. Fixam essas leis no tribunal das próprias consciências culpadas, tenebrosos processos de resgate que podem conduzir ao câncer e à loucura, agora ou mais tarde."(4)

A bióloga Érika Hessen, minha filha, comentando comigo o tema sobre o aborto, explicou que "existe uma parcela de culpa da sociedade também, principalmente no que diz respeito à educação que muitos pais falham com seus filhos, o estímulo exagerado da mídia ao sexo, a erotização das nossas crianças e jovens que levam adolescentes quase crianças a terem suas primeiras relações sexuais prematuramente. O número de adolescentes grávidas aumenta cada dia, e não dá para responsabilizar somente a mãe imatura e inconsequente que abdica da nobre missão da maternidade. O sexo está cada vez banalizado e ninguém discute muito isso, então as consequências do sexo promíscuo, das relações afetivas deterioradas são exatamente os crimes contra a vida, as doenças incuráveis e as loucuras."

Não lançamos aqui condenação àqueles que estão perdidos no corredor escuro do erro já consumado, até para que não caiam na vala profunda do desalento. "Expressamos ideias, cujo escopo é iluminá-los com o farol do esclarecimento, para que enxerguem mais adiante, optando por trabalhar em prol dos necessitados e, sobretudo, numa demonstração incontestável de

amor ao próximo, adotando filhos rejeitados que, atualmente, amontoam-se nos orfanatos. Para quem já errou, convém lembrar o seguinte: errar é aprender, mas, ao invés de se fixarem no remorso, precisam aproveitar a experiência, como uma boa oportunidade para discernimento futuro.”(5) A Lei de Causa e Efeito não é uma estrada de mão única. É uma lei que admite reparações, que oferece oportunidades ilimitadas, para que todos possam expiar seus enganos.

Referências bibliográficas:

(1) Publicado no Jornal Folha de São Paulo, edição de 07/10/2007

(2) Xavier, Francisco Cândido. Da obra: Religião dos Espíritos, ditado pelo Espírito Emmanuel. 14a edição. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2001.

(3) Cf. Manifesto Espírita sobre o Aborto Federação Espírita Brasileira Manifesto aprovado na reunião do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 98

(4) Peralva, Martins. O Pensamento de Emmanuel. Cap. I Rio de Janeiro: Editora FEB, 1978

(5) Entrevista de Jorge Hessen concedida à Revista Eletrônica “O Consolador”, disponível em www.oconsolador.com.br/17/entrevista.html



Mansuetude não é alienação

Estaremos vivenciando os princípios Espíritas, promovendo ou participando dos movimentos "democráticos" de greve na sociedade? Alguns confrades (servidores públicos, leia-se professores) têm agido de maneira equivocada em participar de movimentos grevistas, insistentemente praticados em nosso País. Com o intuito de ajudá-los a refletir melhor sobre esse comportamento, evocamos os oportunos argumentos de Chico Xavier: "fui operário de fábrica, trabalhava num filatório e era muito feliz" explicando que "os movimentos de protesto no Brasil impressionam. Ainda que demorem as providências de recursos capazes de trazer ao nosso povo benefícios que penso serem justos, mas que não podem ser produtos de greve.(1)". (grifamos)

Quando uma sociedade é educada para tolerância recíproca para o respeito à autoridade, para o trabalho persistente, sem conflitos entre servidores e governo, empresários e trabalhadores se as pessoas se unissem para compreender a necessidade dos valores espirituais na vida de cada um ou de cada grupo social, seríamos um país venturoso e pacífico. O médium mineiro elucida que "se os privilegiados pela inteligência compreendessem os problemas do nosso povo, nós teríamos encontrado ou estaríamos encontrando uma vida de muito progresso, cultura, alegria e, sobretudo PAZ!."

O extraordinário Espírito Emmanuel sedimenta suas advertências argumentando que "os regulamentos apaixonados, as greves, os decretos unilaterais, as ideologias revolucionárias, são cataplasmas inexpressivas, complicando a chaga da coletividade".(2) (grifamos) Movimentos grevistas

tendem a ser agressivos, apaixonados, delirantes, quase sempre apoiados nos pilares das teses materialistas. Em face disso, recorreremos ao iluminado Mentor de Chico Xavier que admoesta ainda: "Todos os absurdos das teorias sociais decorrem da ignorância dos homens relativamente à necessidade de sua cristianização"(3). E para despertar alguns confrades distraídos que incendeiam esses movimentos com objetivos declaradamente políticos, lembremo-nos que "o sincero discípulo de Jesus está investido de missão mais sublime, em face da tarefa política saturada de lutas materiais".(4) Muitos podemos admirar política enquanto ciência, enquanto princípios, enquanto filosofia, mas que obrigatoriamente não precisamos envolver-nos em partidarismos políticos.

Pensamos ser justo lutar por nossa ação voluntária na Sociedade; seja na ação profissional; seja na ação de cidadania, sem trocar nossa dignidade por conveniências pessoais. Precisamos demonstrar maturidade nas concepções políticas. Até porque quem se evangeliza, quem cumpre deveres e cobra direitos sem afobamentos é um cidadão politicamente correto. A problemática da greve é que ela é uma faca de dois gumes. Todos os que participam de greve dizem que é um direito constitucional.

É evidente que é uma prerrogativa constitucional, mas que se choca com outros direitos constitucionais.

Lembremos que "Toda criança tem direito à escola". Se o professor faz greve - porque é o seu direito - como fica o da criança que tem direito à escola? Torna-se, portanto, imperioso exercitarmos os códigos do Evangelho nos vários setores sociais sem fanatismos ideológicos, sem greves, sem violências, com paciência e humildade, até porque Jesus ensinou-nos a mansuetude (o que não é alienação). A Terceira Revelação explica que temos um determinismo biológico, porém a maneira de agirmos no âmbito do limite que inicia no berço e culmina

no túmulo é da nossa livre eleição, e podemos lograr a vitória espiritual com o esforço de querermos vencer a nós mesmos, movidos pela fé espírita cristã.

Referências bibliográficas:

- (1) Idem, ibdem
- (2) XAVIER, Francisco Cândido. O Consolador, pelo espírito Emmanuel, 6ª. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1976, Pergunta n.º 57
- (3) Idem, ibdem, Pergunta n.º 57
- (4) Idem, ibdem, Pergunta n.º 60



Não há representantes oficiais do Espiritismo em setor algum da política humana

O trabalhador da casa espírita, seja ele atuante em área mediúnica, doutrinária ou administrativa, sabe, perfeitamente, que centro espírita não é lugar de se fazer campanha política, em qualquer época, sobretudo próximo às eleições.

O espírita, definitivamente, não pode confundir as coisas. Se estiver vinculado a alguma agremiação partidária, se deseja concorrer como candidato a cargo eletivo, que o faça bem longe das hostes espíritas, para que tudo que fizer ou disser, dentro da casa espírita, não venha a ter uma conotação de atitude de disfarçada intenção, visando a conquistar os votos de seus confrades. Há necessidade de distinguir a política terrena, da política do Cristo.

Cada situação, na sua dimensão correta. Política partidária, aos políticos pertence, enquanto que religião é atividade para religiosos. O argumento de que os parlamentares se servem, com o pretexto de "defender" os postulados da Doutrina, ou aliciar prestígio Social para as hostes espíritas, ou, ainda, ser uma "luz" entre os legisladores, é argumento falacioso, inverossímil. A título de tolerância, muitas vezes fechamos os olhos para essas questões, mas a experiência demonstra que, às vezes, é conveniente até fechar um olho, porém, nunca os dois.

Considerando que nosso mundo é a morada da opinião, é normal que tenhamos divergências sobre esse assunto. Inaceitável, porém, tendo em vista a própria orientação da Doutrina Espírita, o clima de imposições que se estabelece, não raro, envolvendo companheiros que confundem veemência com

agressividade, ou defesa da verdade com hostilidade. É inadmissível a utilização da tribuna espírita, como palanque de propaganda política. O Espiritismo não pactua com irrelevantes e transitórios interesses terrenos. Por isso, não pode alguém se escravizar à procura de favores de parlamentares, a ponto de, este, exercer infausta influência nos conceitos espíritas. Não tem cabimento, um líder de partido, no púlpito da casa espírita, palestrando e dirigindo o culto místico de uma fé. Por outro lado, também não tem o menor sentido, um espírita nas ruas e nos palanques, implorando votos, qual mendigo, com sofismas e simulação de modéstia, de pobreza, de humildade, de desprendimento, de tolerância, etc., com finalidade demagógica, exaltando suas próprias "virtudes" e suas "obras" beneficentes. Pode essa advertência se caracterizar num açoite no dorso dos sutis cânticos da sereia, que arrastam alguns desatentos líderes para a militância político-partidária, porém, é um alerta oportuno.

OPORTUNÍSSIMO, EU DIRIA!!! Bom seria se esses "espíritas" (!?), que mendigam votos, optassem por outro credo, para que seja assegurada a não-contaminação desse politiquismo em nossas hostes, até porque, "A RIGOR, NÃO HÁ REPRESENTANTES OFICIAIS DO ESPIRITISMO EM SETOR ALGUM DA POLÍTICA HUMANA".(1) Nada obsta, repelir as atitudes extremas. Não podemos abrir mão da vigilância exigida pela pureza dos postulados espíritas e não hesitemos, quando a situação se impõe, no alerta sobre a fidelidade que devemos a Jesus e a Kardec. É importante lembrarmos que, nas pequeninas concessões, vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação. Urge que façamos uma profunda distinção entre Espiritismo e Política. Somos políticos desde que nascemos e vivemos em sociedade, sim, e daí? A Doutrina Espírita não poderá, jamais, ser veículo de especulação das ambições pessoais, nesse campo. Se o mundo gira em função de políticas econômicas, administrativas e sociais, não há como

tolerar militância política dentro da religião. Não se sustentam as teses simplistas de que só com a nossa participação efetiva nos processos políticos ao nosso alcance, ajudaremos a melhorar o mundo. Recordemos que Jesus cogitou muito da melhora da criatura em si.

Não nos consta que Ele tivesse aberto qualquer processo político partidário contra o poder constituído à época. Nossa conduta apolítica não deve ser encarada como conformismo. Pelo contrário, essa atitude é sinônimo de paciência operosa, que trabalha sempre para melhorar as situações e cooperar com aqueles que recebem a responsabilidade da administração de nossos interesses públicos. "Em nada nos adianta dilapidar o trabalho de um homem público, quando nosso dever é prestigiá-lo e respeitá-lo tanto quanto possível e também colaborar com ele, para que a missão dele seja cumprida. Porque é sempre muito fácil subverter as situações e estabelecer críticas violentas, ou não, em torno das pessoas. (...)

Não que estejamos batendo palmas para esse ou aquele, mas porque devemos reverenciar o princípio da autoridade".(2) Estamos investidos de compromisso mais imediato, ao invés de mergulharmos no mundo da política saturada, por equívocos lamentáveis. Por isso, não devemos buscar uma posição de destaque, para nós mesmos, nas administrações transitórias da Terra. Se formos convocados pelas circunstâncias, devemos aceitá-la, não por honra da Doutrina que professamos, mas como experiência complexa, onde todo sucesso é sempre muito difícil. "O espiritista sincero deve compreender que a iluminação de uma consciência é como se fora a iluminação de um mundo, salientando-se que a tarefa do Evangelho, junto das almas encarnadas na Terra, é a mais importante de todas, visto constituir uma realização definitiva e real. A missão da doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. Trocá-la por um

lugar no banquete dos Estados é inverter o valor dos ensinamentos, porque todas as organizações humanas são passageiras em face da necessidade de renovação de todas as fórmulas do homem na lei do progresso universal."(3) O Espiritismo traz-nos uma nova ordem religiosa, que precisa ser preservada. Nela, o Cristo desponta como excelso e generoso condutor de corações e o Evangelho brilha como o Sol na sua grandeza mágica. Uma doutrina que cresceu assustadoramente nos últimos lustros, em suas hostes surgiram bons líderes ao mesmo tempo em que, também, apareceram imprudentes inovadores, pregando essas ideias de militância política. Se abraçamos o Espiritismo, por ideal cristão, não podemos negar-lhe fidelidade.

O legado da tolerância não se consubstancia na omissão da advertência verbal diante das enxertias conceituais e práticas anômalas, que alguns companheiros intentam impor no seio do Movimento Espírita. Mantenhamos o espírito de paz, preservando os objetivos abraçados e, se houver necessidade de selar nosso compromisso com testemunho, não titubeemos e não nos omitamos, jamais.

Referências bibliográficas:

(1) VIEIRA, Valdo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: FEB, 2001, Cap. 10

(2) Xavier, Francisco Cândido. Entender Conversando, ditada pelo Espírito Emmanuel, São Paulo: Ed. IDE, 3ª edição, 1984.

(3) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1984, pergunta 60.